

SADY RAUL PEREIRA

**A PREMISSA DO FALO
E O CONCEITO DE CASTRAÇÃO EM FREUD**

FLORIANÓPOLIS

2007

SADY RAUL PEREIRA

**A PREMISSA DO FALO
E O CONCEITO DE CASTRAÇÃO EM FREUD**

Dissertação a ser apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre, Mestrado em Filosofia, Área de Concentração: Epistemologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti

FLORIANÓPOLIS

2007

A PREMISSA DO FALO
E O CONCEITO DE CASTRAÇÃO EM FREUD

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti - UFSC

Prof. Dr. Marcos Müller - UFSC

Profa. Dra. Maria Elisa Giusti - UFPR

Florianópolis, fevereiro de 2007

Gostaria de tratar da questão do valor do conhecimento como um anjo glacial que atravessa toda a confusão. Sem ser malévolo, mas também sem suavidade.

Friedrich Nietzsche

Para a Lou

Agradecimentos

ao Marco Antônio Franciotti, por ter indicado caminhos, apontando que é preciso abertura quando se trata de construir o saber

à Zaira Antonieta Belan, por ter interrogado minha relação com o saber e se instalado como uma questão viva no meu inconsciente

à Maria Elisa Giusti, pela interlocução e pela leitura dos meus escritos

à Arisangeli Paiva, pelas longas conversações acerca da matéria deste trabalho

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	1
1 SOBRE O FALO E A CASTRAÇÃO	7
2 A PULSÃO E SEU OBJETO	51
3 O MITO FREUDIANO SOBRE O OBJETO	83
4 CONCLUSÃO RECALCAMENTO PRIMÁRIO, FALO E SIGNIFICAÇÃO ...	118
REFERÊNCIAS	164

RESUMO

O tema central da presente dissertação é a premissa da universalidade do falo e o complexo de castração em Freud. O objetivo é formalizar sobre o modo como as operações inconscientes se dão em função do falo e da castração. A premissa do falo é articulada à teorização freudiana acerca da pulsão e de sua relação com a representação. A dissertação também aborda a fantasia inconsciente, subsidiando, deste modo, considerações metapsicológicas a propósito do simbólico. O complexo de castração é fundamentado nas investigações em torno do afeto de angústia e na noção de objeto perdido.

Palavras-chaves: Falo; Complexo de Castração; Fantasia Inconsciente; Objeto Perdido.

ABSTRACT

The present dissertation's main theme is the phallus universal premise and the castration complex from Freud's point of view. The aim is to formalize how the phallus and castration structure the unconscious thought processes. The phallus premise is articulated to Freudian theory on the instincts and its relation to representation. The dissertation also considers the unconscious phantasm, providing, this way, metapsychological considerations concerning the symbolic. The castration complex is based on anguish affect investigations and also on the lost object notion.

Key-words: Phallus; Castration Complex; Unconscious Phantasy; Lost Object.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a investigar, na obra freudiana, a premissa em função da qual se organizam as operações do pensamento inconsciente: a premissa do falo. Este eixo temático coloca em destaque e exige a abordagem de um outro conceito não menos importante: a castração. Dizendo ainda melhor sobre o objeto desta dissertação, trata-se de buscar, no interior da obra freudiana, os elementos conceituais que fundamentam a premissa da universalidade do falo e como esta se estrutura no inconsciente. E isso porque, essa premissa é o ponto do qual não apenas as crianças espontaneamente partem para traçar os seus julgamentos mais fundamentais, especialmente durante a organização fálica, mas também o inconsciente, em seu modo próprio de articular representações e delas desdobrar conseqüências.

As expressões mais contundentes da mencionada premissa são, de um lado, a de que o inconsciente opera sem levar em conta o princípio da não-contradição, desconhecendo o símbolo da negação, e, de outro lado, que o inconsciente opera de modo a afirmar a crença na sua própria imortalidade, isto é, desconhece a realidade da morte. Esse modo de proceder fornece respaldo à tese de que não há um signo sequer de realidade no inconsciente, o qual desconhece a realidade exterior e atribui realidade unicamente às suas próprias idéias.

Freud encontrou traços comuns na crença da onipotência das idéias no delírio paranóide, no pensamento mágico das crianças e na crença dos povos primitivos de que os acontecimentos na natureza têm íntima relação com as atividades humanas. Destarte, a psicanálise faz notar o caráter fálico do inconsciente. Não conhecendo a negação, ele tudo

pode; desconhecendo a morte, é eterno; levando em conta somente a realidade de suas idéias, tudo sabe, é onisciente.

O ponto de partida do saber freudiano sobre o inconsciente foi a formação de sintomas, a sexualidade infantil e os sonhos. A análise desses fenômenos desembocou na formulação da premissa fundamental da psicanálise, a saber, a divisão do psíquico em consciente e inconsciente. Decorre dessa divisão que a premissa do falo não diz respeito tão-somente a um tempo pretérito e ultrapassado, no qual o pensamento infantil partia para encontrar, no campo percepto-sensorial e de maneira ainda precária, a certeza de completude com o objeto. A mencionada premissa mostra que, mesmo nos adultos, tal modo de pensar perdura no inconsciente, coexiste com os eventos da consciência e manifesta-se de muitas formas, fazendo com que a vida psíquica humana seja constantemente marcada por contradições.

Desde o seu início, a psicanálise afirma que a sexualidade desempenha um papel de capital importância na etiologia dos sintomas neuróticos. Os sintomas carregam em seu bojo os desejos infantis e são feitos de material próprio aos pensamentos recalçados. O material recalçado é composto pela polimorfia perversa do desejo: as inclinações ao canibalismo, ao incesto e ao parricídio. O inconsciente possui uma organização cujo contorno é debitário do complexo de Édipo e do longo período da história infantil que culmina com a experiência axial da percepção da diferença sexual anatômica.

Já em 1905, nos *Três ensaios para uma teoria sobre a sexualidade*, Freud comparava a vida sexual definitiva do adulto com o final da sexualidade infantil, por volta dos cinco anos de idade. A vida sexual infantil e a adulta aproximam-se pelo fato de que em ambas se teria efetuado a escolha de objeto. Ambos os períodos divergiriam, porém, porque na infância a primazia dos genitais seria precária ou inexistente. Em 1923, entretanto, Freud

afirma que tal opinião merece ser revista, pois descobre que a sexualidade infantil tem mais pontos em comum com a sexualidade adulta do que antes supunha¹. Na verdade, a significação que os pequenos dão aos órgãos genitais na primeira infância não fica muito atrás daquela que lhes atribuem os adultos. A diferença fundamental entre ambas as fases reside no fato de as crianças levarem em conta tão-somente o órgão masculino. Há, portanto, primazia do falo e não dos genitais². Para ambos os sexos, o que está posto como anterior à percepção da diferença é um juízo, uma premissa que afirma serem todos semelhantes, possuidores do falo, da perfeição. Com a descoberta da diferença sexual anatômica, tal ocorrência encontra seu correlato concreto no corpo, na presença do pênis. O significado do complexo de castração apenas encontra respaldo se for considerada a existência de uma primazia fálica como substrato.

O falo é compreendido no pensamento freudiano como um objeto que se encontra inserido numa teoria sexual infantil, ou seja, é adscrito a um processo de pensamento que afirma serem todos iguais e masculinos. Aqui temos a consideração freudiana de que o falo é relativo a uma organização de ordem ideativa, simbólica, que atribui sentido, significação, a um estado de coisas. O falo também pode ser definido como um objeto privilegiado que dá representação e significação ao sujeito quanto ao ser. Estamos aqui, portanto, numa trama de idéias que tem como eixo o conceito de identificação.

A perspectiva da ausência do falo dá partida, para ambos os sexos, a uma crise subjetiva, designada por “complexo de castração”, decorrente da dessimetria entre o pensamento e a percepção-consciência. Ocorre então que, entre dois e cinco anos de idade, as crianças se deparam com uma percepção discrepante e constatarem que o pensamento teria

¹ FREUD, S. **A organização genital infantil**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2698.

² Ibid., p. 2699.

levado a um engodo fundamental. Terão, a partir daí, que decidir se retificam o pensamento ou procuram modificar a percepção. Freud nos oferece uma série de indicações sobre as conseqüências da dessimetria existente entre o pensamento e a percepção, mas não encontramos diretamente explicitado em seus textos o processo pelo qual a premissa do falo vem a se estruturar primeiramente, para então desdobrar suas conseqüências.

Parece, ainda, que o falo é um objeto que, no pensamento freudiano, está intimamente relacionado à pulsão. Enquanto conceito fundamental da psicanálise, a pulsão consiste nesse fator que move as operações inconscientes na direção do objeto, que supostamente propiciaria a satisfação absoluta. No caso, veremos que esse objeto está irremediavelmente perdido e mesmo assim afirmado pelo inconsciente como passível de ser reencontrado.

A premissa da universalidade do falo remonta à constituição do princípio mais primitivo e basilar do funcionamento psíquico: o princípio de prazer. O assunto se agudiza ainda mais após 1925, com o texto *A negação*, no qual Freud vai frisar que a realidade exterior não é somente um conjunto de coisas submetidas à percepção: a inclinação da consciência para perceber pressupõe uma perda ou ausência, e perceber é sempre uma espécie de reencontro.

A noção de objeto perdido tem o estatuto de fundamentar o conceito de castração, e a investigação em torno do assunto nos auxiliará a embasar reflexões acerca dos dois princípios do funcionamento mental hipotetizados por Freud. Da perspectiva de reencontrar o objeto, não há diferença essencial entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, pois ambos almejam o reencontro, não obstante isso ocorra por vias distintas. Mesmo a consciência, na teorização freudiana, se apresenta em um ponto de tensionamento teórico e suscitando indagações, uma vez que a condição para o teste de realidade está na perda do

objeto. Isso quer dizer, então, que o teste de realidade seria uma busca do inconsciente e giraria em torno de um ponto pivô, que é a premissa da universalidade do falo. Já que essa premissa se reveste de tanta importância, como é que ela mesma vem a se estabelecer no psíquico? A presente dissertação busca responder a essa pergunta, acentuando as observações da experiência, cujas conseqüências teóricas são expressivas.

Sendo assim, o primeiro capítulo visa esclarecer o conceito de falo e a premissa universal do falo a partir da discussão de Freud sobre os conceitos de narcisismo, ideal-do-eu e eu-ideal. No mesmo capítulo é abordado o complexo de Édipo, cuja estrutura gira precisamente em torno da questão do falo. Esse capítulo também é direcionado de modo a dar arcabouço teórico ao conceito de identificação.

O segundo capítulo versa sobre a pulsão de morte e seu objeto. Para tanto, são tomadas algumas referências da clínica, com o objetivo de situar a problemática da compulsão à repetição. Trata-se então de frisar que essa compulsão à repetição, posta para comandar o circuito do princípio de prazer, orienta-se no sentido de ir ao encontro de um objeto_impossível. O capítulo visa, com isso, apresentar a teorização freudiana a respeito de um objeto situado mais além do princípio de prazer e que subsidia tanto o conceito de castração quanto o de falo.

Avançando nas reflexões a propósito do objeto em torno do qual o inconsciente opera, o terceiro capítulo comenta o paradigma do afeto em psicanálise: a angústia. A apresentação desse tema embasa toda a teorização a respeito da premissa do falo.

No capítulo quatro, explanamos o conceito de recalçamento primário e suas relações com o terreno das fantasias inconscientes, as teorias sexuais infantis e, por fim, a estruturação da premissa da universalidade do falo. Com esses elementos conceituais,

buscamos retroagir sobre as reflexões alinhavadas nos capítulos precedentes, extrair conseqüências e concluir.

Capítulo I

SOBRE O FALO E A CASTRAÇÃO

Ao examinarmos as considerações de Freud a propósito da experiência clínica, bem como suas elaborações teóricas, verificamos que o conceito de falo, as formulações sobre a premissa da universalidade do falo e o traumático da castração estão imbricados em uma teia conceitual ampla, cujo cerne está constituído pelo debate em torno do narcisismo, das investigações acerca da identificação, do ideal e, sobretudo, em torno do universo simbólico.

O falo e a castração têm, na obra freudiana, uma interdependência tal, que, ao trabalharmos um conceito, inevitavelmente nos aproximamos do outro. É preciso sublinhar também que a tematização a respeito de ambos não se encontra condensada em um texto único, mas ao longo da obra de Freud, de modo nem sempre claramente concatenado, muitas vezes exigindo um trabalho de “garimpagem”. Com efeito, isso quer dizer que, para situarmos a articulação teórica falo-castração, é preciso percorrer detidamente um conjunto bastante amplo de textos, extrair as idéias que vão dando contorno formal aos conceitos e concatená-los com os demais conceitos que gravitam ao seu redor.

O falo mantém um vínculo estreito com as elaborações atinentes à constituição do narcisismo e à vicissitude que as identificações vão tomando na economia psíquica, especialmente com a instauração do complexo de Édipo. Além disso, as considerações freudianas em torno da castração sempre remetem ao corpo. Na fase fálica, ele é o cerne de um debate intra-subjetivo que põe em relevo a diferença anatômica dos sexos. A constatação da diferença coloca a criança diante de questões que precisará responder a propósito da sua identidade e da escolha do objeto de desejo, meio através do qual buscará

a satisfação. Castração e universo simbólico são termos absolutamente interdependentes e compõem aquilo que Freud denomina de “pai”. *Totem e tabu* expõe claramente isso: o livro avança em elaborações metapsicológicas e fornece resposta para questões da clínica que giravam em torno dos fantasmas dos neuróticos. Era imprescindível desvendar o problema da referência simbólica derradeira, em função da qual se dão os deslocamentos do inconsciente. Freud aqui parece apontar para o fundamento estrutural da significação dos complexos neuróticos e desvendar o sentido da formação de sintomas. Certamente ele já havia afirmado estar a sexualidade invariavelmente na base da formação dos sintomas, mas ficava em aberto a pergunta a respeito do substrato último em relação ao qual a sexualidade se referia; caso contrário, restaria concordar com a tese junguiana de complexos com significação universal, uma espécie de platonismo psíquico. E, ao que tudo indica, Freud rejeitava isso.

A resposta a essa questão é dada, como sabemos, em relação ao falo e, portanto, ao pai e sua função na origem de todo o sistema simbólico. Sendo assim, Freud recorre a uma construção mítica para explicar a fundação do sistema simbólico humano a partir de um parricídio originário. A pré-história recontada em *Totem e tabu* acerca da horda primitiva é baseada na hipótese de Charles Darwin sobre como teria sido o estado social dos homens primitivos.

Quando levei ainda mais em conta a conjectura de Darwin de que os homens originalmente viviam em hordas, cada um sob o domínio de um único macho poderoso, violento e ciumento, surgiu diante de mim, de todos esses componentes, a seguinte hipótese ou, melhor dizendo, visão. O pai da horda primitiva, visto que era um déspota absoluto, apoderara-se para si mesmo de todas as mulheres; seus filhos, sendo-lhe perigosos como rivais, tinham sido mortos ou afugentados. Um dia, contudo, os filhos se reuniram e se aliaram para dominar, matar e devorar o pai, que fora seu inimigo mas também seu ideal.

Após o feito,³ foram incapazes de assumir sua herança, visto que se atrapalhavam mutuamente.

Movidos pelo remorso, chegaram a um acordo entre si. O contrato se estabeleceu, então, no sentido de se agruparem num clã de irmãos, mediante o auxílio dos ditames do totemismo, que visava interditar a repetição de tal feito. Também passaram a abrir mão da posse das mulheres por cuja causa haviam matado o pai. Foram então impelidos a desposar outras mulheres, sendo essa a origem da exogamia, que se acha tão estreitamente vinculada ao totemismo. A refeição totêmica comemorava o temível feito, decorrente do sentimento de culpa do homem, que foi o começo, ao mesmo tempo, da organização social, da religião e de restrições éticas. Essa é a origem mítica do simbólico, que vem em substituição ao ato e regula as relações dos homens entre si. E isso, evidentemente, ao custo de uma renúncia à satisfação pulsional.

O pai, depois de morto, torna-se mais vivo que em vida. Assimilado por identificação, torna-se, por assim dizer, ubíquo. Reinando no simbólico, representa a autoridade, a lei e o estabelecimento de uma instância responsável por observar a distância ou proximidade em relação ao ideal: o supereu.

O totem é o pai e as duas principais proibições de tabu que constituem seu âmago — não matar o totem e não ter relações sexuais no laço endogâmico — coincidem com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, e com os dois desejos primários das crianças, cujo recalque é insuficiente e retorna no sintoma neurótico.

O pai, ao longo de toda a reflexão freudiana, figura como o elemento separador da unidade mãe-criança, interditando a completude da satisfação absoluta, incestuosa. Ele

³ FREUD, S. **Totem e tabu**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1838.

conduz à separação, a perdas e, portanto, à necessidade do luto. Com a perda, os homens ganham o poder de articular com o universo dos símbolos e criam o código de leis que rege a relação entre eles.

De acordo com Peres, *Totem e tabu* procura ir além do mito do parricídio original e apresenta um fantasma, que por ser fundamental, antecede a tudo e descreve “um estado de privação que se abate sobre um universo de completude, harmonia e gozo absoluto. Surge a angústia, a falta se estabelece. Os recém-nascidos são ameaçados de morte, sendo salvos pelo amor das mães. A sexualidade sofre um desvio, desvinculando-se da procriação. Reduzindo a atividade sexual, o homem ganha inteligência e o poder mágico das palavras”⁴ E esse fantasma que se desdobra em mito de origem será vivido no Édipo e será recontado pelo neurótico.

A castração concerne a uma interdição ao anseio pela satisfação pulsional desmesurada, fornecendo, desse modo, a possibilidade de a criança se desviar de tal inclinação entrando na ordem simbólica, substituindo a coisa pela representação. Um caso de fobia em um menino de cinco anos, nomeado de Hans, apresenta semelhanças com o totem erguido na horda primeva. A fobia a cavalos vinha justamente simbolizar o pai morto. Comentando a propósito da analogia, Lacan, no seminário *A relação de objeto*, diz o seguinte:

O cavalo se situa aí num limite extremamente preciso, que mostra bem que esses objetos são tomados de empréstimo a uma categoria de significantes da mesma natureza, homogêneos àqueles que encontramos em brasões. Não é outra coisa que motiva, na construção de ‘Totem e tabu’, a analogia entre o pai e o totem. Estes objetos têm, com efeito, uma função bem especial, que é suprir o significante do pai simbólico. Este significante, não vemos qual é o seu último termo, e podemos nos perguntar por que ele se

⁴ Peres, U. **Mosaico de letras**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 1998. p. 250.

reveste de tal ou tal forma. É realmente necessário que haja, naquilo que encontramos, algo que seja da ordem do fato ou da experiência positiva, e do irreduzível.⁵

Lacan, como sabemos, salientou reiteradamente a idéia freudiana de que o surgimento do Pai na vida mental está referido à passagem da criança para a ordem civilizada, a Lei da Cultura, e esta se imiscui desde a sua perspectiva formal, com a Lei da Linguagem. E Althusser, corroborando com Freud e Lacan, comenta no seu texto *O terreno da psicanálise* que pode parecer assombroso ou arbitrário o fato de que no drama edípico tudo se desenvolva e se materialize numa linguagem anteriormente formada. A referência ao Édipo é praticamente centrada e ordenada em volta do significante *phallus*: insígnia do Pai, do direito, insígnia da Lei, imagem fantasmática de todo o Direito.⁶ Ele acrescenta ainda:

A última etapa de Édipo, a castração, pode dar-nos uma idéia disso. Quando o filho vive e resolve a situação trágica e benéfica da castração, aceita não ter o mesmo direito (*phallus*) que seu pai, sobretudo não ter o direito do pai sobre a sua mãe, a qual se revela então dotada do intolerável estatuto da dupla função; mãe para o filho, mulher para o pai; porém, aceitando não ter o mesmo direito que o pai, o filho conquista a certeza de ter um dia, mais tarde, quando se converter em adulto, o direito que lhe é então recusado por falta de “meios”.⁷

O falo é, como dissemos, um elemento simbólico e mítico, absolutamente central na dinâmica do complexo de castração e de Édipo. Não obstante isso, o falo se constitui como tal na vida psíquica desde os tempos mais primitivos da relação pré-edípica. E a relação dual mãe-bebê é anterior ao efetivo surgimento do pai na vida mental. Tanto é assim, que o complexo de castração — sublinha Freud — encontra respaldo exclusivamente se for

⁵ LACAN, J. **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O seminário, livro 4). p. 234.

⁶ ALTHUSSER, L. et al. O terreno da psicanálise. In: _____. **Psicanálise**: fatores sociopolíticos. Porto: Rés, 1970. p. 33.

⁷ Ibid., p. 34.

considerada a existência de uma primazia fálica como substrato. Ele escreve: “para estimar exatamente o complexo de castração, é necessário notar que a sua emergência se dá na fase da primazia do falo.”⁸

É clássica a afirmação freudiana segundo a qual o sentido que as crianças dão aos órgãos genitais na primeira infância está fundamentado na primazia do falo e não dos genitais⁹. Tanto para os meninos quanto para as meninas, trata-se de uma premissa segundo a qual todos são possuidores do falo. Com a descoberta da diferença sexual anatômica, tal ocorrência encontra seu correlato concreto no corpo, na presença do pênis. É sob um fundo de presença que a falta se realiza no psíquico, ou seja, uma ausência jamais é percebida como tal pela criança, que só toma em consideração a ausência ao relacioná-la com uma suposta presença.

Contudo, anteriormente à fase da primazia do falo, as crianças já têm a experiência de perdas, como o seio e as fezes. Assim, seria necessário darmos aqui um sentido mais preciso ao complexo de castração: para Freud, essas perdas anteriores à fase fálica apenas têm o sentido da castração *a posteriori*, ou seja, só depois da ameaça de castração.

De fato, em nota de rodapé ao texto *A organização genital infantil*, Freud afirma: “Acertadamente já foi assinalado que a criança adquire a representação de um dano narcisista por perda corporal por ocasião da perda do peito materno depois de mamar, da deposição diária das fezes e, ainda, da separação do ventre materno ao nascer. Contudo, somente cabe falar em complexo de castração quando essa representação de perda se enlaçou com os genitais masculinos.”¹⁰ Cabe perguntar: por quê? De acordo com Masotta, o estabelecimento do complexo de castração se dá na confrontação da premissa do falo com

⁸ FREUD, S. *A organização genital infantil*, p. 2699.

⁹ *Ibid.*, p. 2699.

¹⁰ *Id.*

a percepção da diferença sexual anatômica: “Seria o mesmo que dizer que a castração é uma conseqüência direta do falo”¹¹.

Além disso, a sustentação dessa idéia se dá, ao menos em parte, pelo sentido de integridade a que a presença-ausência de um órgão remete. A percepção da imagem corporal como uma unidade ou, se quisermos, a percepção da integridade corporal, para Freud, não é um dado, mas uma aquisição, que concerne justamente ao narcisismo.

A castração é traumática, diz respeito a uma ferida no narcisismo e é exatamente por isso que as perdas anteriores, como o seio e as fezes, só adquirem o sentido de castração posteriormente. Tais perdas remontam a um tempo em que a integridade ou unidade corporal ainda não se havia dado completamente. Assim, na organização genital infantil, portanto fálica, a falta adquire realidade, e o complexo de castração se estabelece como tal porque a premissa do falo o antecede para ser contrastada.

O eu é, antes de qualquer coisa, um ser corporal¹², não simplesmente uma entidade de superfície, por ter acesso direto às percepções. É a projeção de uma superfície, uma parte do isso que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio das percepções.

O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo.¹³

¹¹ MASOTTA, O. **O comprovante da falta**. Campinas: Escuta, 1987. p. 32.

¹² FREUD, S. **O eu e o isso**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2709.

¹³ Id.

Além do tato e das sensações de dor, há a apreensão da imagem corporal circunscrita numa unidade como sendo fundamental para a constituição do eu.

A distinção entre o eu e o outro se dá especialmente em função das sensações de prazer e desprazer. O interessante, aqui, é que Freud concebe a gênese do amor e do ódio como determinada pelas sensações de prazer e desprazer respectivamente e, ainda, condicionando o surgimento da sensação de mesmidade do eu e de alteridade.

A gênese do sentimento de amor se encontra na relação que o eu mantém com o prazer¹⁴. Notaremos adiante que o narcisismo diz respeito ao amor, à libido que fica envolta no eu. Assim, o eu se identifica com o prazeroso. Ele toma para si e sente como sendo de si mesmo, a princípio, tudo aquilo que é prazer e expelle, cospe, projeta o que quer que dentro de si mesmo seja da natureza do desprazer. A respeito disso, Freud escreve, de modo mais detalhado, o seguinte:

Assim, o ‘eu de realidade’, original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo se transforma num ‘eu do prazer’ purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o eu do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do eu coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer.¹⁵

O eu, regido pelas sensações de prazer ou desprazer, atribui qualidades aos objetos de acordo com uma “linguagem pulsional”¹⁶ do tipo: “Isto vou comer” ou “isto vou cuspir”; “isto deve estar dentro de mim” ou “fora de mim”. Essas considerações a respeito do juízo estão presentes de certo modo em *As pulsões e seus destinos* — quando Freud analisa as

¹⁴ FREUD, S. **Os instintos e seus destinos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2049.

¹⁵ Ibid., p. 20.

¹⁶ FREUD, S. **A negação**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2885.

antíteses do amor e relaciona-as com o surgimento do objeto na fase do narcisismo primário, em que o mundo externo, o objeto e o odiado são, a princípio, a mesma coisa — e são retomadas em *A negação*, evidenciando-se na afirmação de que o eu primitivo, regido pelo princípio de prazer, quer introjetar em si tudo que é bom e expulsar de si tudo que é mau.¹⁷ É nesse sentido que, em *O mal-estar na civilização*, Freud diz que originalmente o eu inclui tudo e posteriormente separa, de si mesmo, um mundo externo. E acrescenta:

Nosso sentimento presente do eu não passa, portanto, de um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo — na verdade, totalmente abrangente —, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o eu e o mundo que o cerca. Supondo que há muitas pessoas em cuja vida mental esse sentimento primário do eu persistiu em maior ou menor grau, ele existiria nelas ao lado do sentimento do eu mais estrito e mais nitidamente demarcado do adulto. Nesse caso, o conteúdo ideativo a ele associado seria exatamente o de ilimitabilidade e o de uma comunhão com o universo.¹⁸

Se originalmente o eu inclui tudo, posteriormente essa inclusão totalizante será modificada pelo surgimento da alteridade, da diferença, do não-eu. Destarte, a derrocada do império infantil, o traumático de fato, concerne à falta da mãe. Cabe lembrar que a tese freudiana, no que tange ao incesto e à mãe, descreve uma relação de objeto fundamental, que é originalmente relativo a uma alucinação. É precisamente sobre isso que versa a seguinte passagem de *Inibição, sintoma e angústia*:

A imagem mnêmica da pessoa desejada é certamente de um investimento muito intenso e, a princípio, provavelmente alucinatória. Mas isso não acarreta em solução alguma e é como se este desejo se transformasse em angústia. Chegamos inclusive a ter a impressão de que tal angústia tem toda a aparência de ser a expressão do sentimento da criança ao finalizar seus julgamentos, como se em seu ainda precário estado de desenvolvimento não soubesse de nada melhor para controlar seus investimentos de desejo. A angústia surge aqui como uma reação ao fato de perceber a falta do objeto, circunstância que nos remete ao fato de que o temor à **castração** tem por conteúdo a separação de um objeto muito estimado e que a

¹⁷ Loc. cit.

¹⁸ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 3019.

angústia mais primitiva — a do nascimento — surgiu ao ser verificada a separação da mãe.¹⁹

Essa mãe é apresentada por Freud como parte do mais primitivo na vida mental; remonta a um estado arcaico de indiferenciação tal, que é anterior ao estabelecimento de uma distinção entre interno e externo, eu e não-eu, sujeito e objeto.

No texto *O mal-estar na civilização*, temos a apresentação exemplar desse tempo mítico. Assim, buscando fornecer explicação para um sentimento descrito pelo literato Romain Rolland como sendo de índole oceânica — uma sensação de perda das referências pessoais e fusão com tudo que estaria na fonte e origem da necessidade humana de religiosidade —, Freud leva o leitor a uma reflexão a respeito da gênese de tal sentimento e, concomitante a isso, da fase inicial do eu.

Normalmente, temos certeza de uma mesmidade, do sentimento do nosso próprio eu como uma unidade que é distinta, demarcada de tudo o mais que se encontra em nosso exterior. Entretanto, isso não é de todo verídico, pois o eu continua para dentro, sem qualquer delimitação nítida, em uma atividade inconsciente. Ademais, há um estado que é extraordinário, no qual o eu parece não mais se encontrar no sentido exterior, tão bem delimitado e diferenciado: o apaixonamento. Os amantes e os poetas são testemunhas de que na paixão a fronteira entre eu e objeto tende a desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem apaixonado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato²⁰. Há uma familiaridade intrínseca entre

¹⁹ FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2862.

²⁰ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p. 3018.

a concepção freudiana a respeito do amor nos adultos normais e a indiferenciação própria ao início da estruturação do aparelho psíquico.

A sintomatologia neurótica e psicótica pode apresentar estados em que as linhas fronteiriças entre o eu e o mundo externo se tornam precárias. Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental — suas percepções, pensamentos e sentimentos —, lhe parecem estranhas e como não pertencentes a seu eu; há outros casos em que a pessoa confere ao mundo externo atributos que nitidamente se originam em seu próprio eu e que por este deveriam ser reconhecidas. Enfim, até o sentimento de nossa mesmidade é suscetível a distúrbios, e as fronteiras do eu não são permanentes.²¹ Freud infere que a sensação de identidade e de unidade não pode estar presente na vida mental desde o seu início, mas diz respeito a um ponto de chegada no desenvolvimento do eu.

São fatores exteriores à dinâmica intrapsíquica que levam à falência do ilimitado, e isso se dá como condição para que o eu se estruture como tal. Posteriormente, na fase fálica, um novo e derradeiro golpe no narcisismo estabelece a organização final.

Em *Uma introdução ao narcisismo*, o elemento mais importante, nesse sentido, é o ‘complexo de castração’ — nos meninos, o medo da perda do pênis; nas meninas, a inveja do pênis —, que deve ser abordado em conexão com o efeito da restrição inicial da atividade sexual.²² Essa restrição se refere à coerção que inevitavelmente sofre a crença infantil de poder ser ou ter tudo, de poder ser a perfeição e ter a satisfação absoluta de todas as aspirações e exigências pulsionais. Trata-se, aí, de uma restrição imposta ao narcisismo primitivo pressuposto e que está referido ao ideal; Freud o nomeia de eu-ideal (*Idealich*). E

²¹ Loc. cit.

²² FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2027.

aqui começamos a encontrar os elementos essenciais para a compreensão do estatuto da primazia do falo na psique infantil tal como é abordada na obra freudiana.

Esse narcisismo ensimesmado e ideal é o encontrado nas psicoses e perversões, como veremos adiante. Entretanto, está atualizado fundamentalmente na relação dos pais com os filhos, deixando perceber que o neurótico sempre atualiza a realidade do inconsciente na vida cotidiana. A própria idealização que os pais fazem a respeito dos filhos diz que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo infantil, ao qual há muito renunciaram. Assim, deixando a observação sóbria de lado e movidos pela atemporalidade dos processos inconscientes, os pais são compelidos a atribuir todas as perfeições ao filho, bem como encobrir e esquecer todas as faltas e defeitos dele. O narcisismo ilimitado e francamente fálico que os pais atribuem ao filho não pára por aí: eles se tornam propensos a suspender, em favor do filho, o funcionamento de aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi constrangido a respeitar e a renovar através da criança, a reivindicação aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados.

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão abrogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação — *His Majesty the Baby*, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram — o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, ou seja, a imortalidade do eu, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.²³

²³ Loc. cit.

Essa é uma apresentação da tendência totalizante contida na fantasia fálica e exemplarmente posta por Freud ao postular o narcisismo primitivo. É partindo das premissas desse narcisismo que o *infans* vai encarar a diferença sexual anatômica ao chegar à fase da organização genital fálica.

A discussão em torno do narcisismo, apontando para a tematização da premissa da universalidade do falo, põe em evidência, primeiramente, que Freud aborda dois narcisismos: o primário e o secundário. O primeiro concerne ao substrato auto-erótico mais primitivo e indiferenciado, tempo de estabelecimento do próprio princípio de prazer e que em parte foi acima delineado; o segundo descreve o retorno dessexualizado da libido sobre o eu e traz consigo restos de objetos abandonados sob a forma de identificações.

O termo *narcisismo*, como sabemos, tem a sua origem extraída da mitologia grega, que conta sobre uma relação de encantamento de um jovem com a sua imagem especular. O mito trata das ilusões, miragens, espelhos e, portanto, dos duplos. Ademais, seguindo o modo freudiano de engendrar conceitos, o ponto de partida para a contemplação do tema é a clínica, o solo psicopatológico.

No início de *Uma introdução ao narcisismo*, Freud evoca a descrição de uma perversão, que Paul Näcke chama de narcisismo. Este diz respeito aos casos em que o indivíduo toma seu próprio corpo como seu objeto sexual, contemplando-o, acariciando-o, beijando-o até à completa satisfação.²⁴ Temos aí o corpo posto em proeminência. Em seguida, vemos Freud indicar que os homossexuais são preponderantemente narcísicos: sua escolha objetal se dá na referência à imagem especular, é uma escolha objetal narcísica.

Seguindo essa mesma consideração, no livro *A formação da teoria freudiana das psicoses*, Theisen Simanke lembra que as reflexões sobre o caso *Schreber* remontam ao

²⁴ FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*, p. 2017.

estabelecimento do mecanismo paranóico como referido à homossexualidade, pois o amor aqui, é, pela defesa, transformado em ódio ainda, projetada no objeto, que se torna, por assim dizer, perseguidor. A paranóia apresenta, portanto, uma estreita vinculação com a homossexualidade e esta, com o narcisismo. Simanke comenta:

Chama a atenção, em primeiro lugar o fato de que o narcisismo é nitidamente destacado do auto-erotismo: ambos consistem em fases distintas e sucessivas do desenvolvimento psicosexual. Em segundo lugar, é definido em que ambos se distinguem, ou seja, o narcisismo se caracteriza pela síntese da pluralidade de pulsões parciais em uma unidade; o eu torna-se assim, o primeiro objeto total da criança. Como consequência de sua definição como fase necessária de transição no movimento que leva ao pleno amor de objeto, o narcisismo, como tantos conceitos freudianos, abandona o domínio exclusivo da psicopatologia e passa a integrar o desenvolvimento normal.²⁵

As observações também se estendem para além da perversão, enveredando pelo terreno das psicoses, das neuroses e são articuladas com o desenvolvimento sexual normal, fundamentalmente nas expressões do pensamento mágico-infantil, na vaidade humana, nas ilusões, nas escolhas de objeto de amor, no desvario e idealização dos apaixonados. Todo o campo da fantasia está aqui incluso. Na conferência de 1916, *Narcisismo e teoria da libido*, Freud se refere ao assunto nos seguintes termos:

é provável que esse narcisismo constitua a situação universal e original a partir da qual o amor objetual só se desenvolve posteriormente, sem que, necessariamente, por esse motivo, o narcisismo desapareça. Com efeito, tivemos de recordar, a partir da história da evolução da libido objetual, que muitas pulsões sexuais começam encontrando satisfação no próprio corpo da pessoa auto-eroticamente, conforme dizemos — e que essa capacidade para o auto-erotismo é a base do atraso da sexualidade no processo de educação no princípio de realidade. O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido.²⁶

²⁵ SIMANKE, T. R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 119.

²⁶ FREUD, S. **A teoria da libido e o narcisismo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2381.

A competência da libido para aderir-se ao próprio corpo, ao eu, em vez de ser direcionada aos objetos, levou Freud a conceber que o narcisismo pode ser um estado geral e primitivo a partir do qual, e sem que isso implique no seu desaparecimento, surge o amor e o investimento objetal. O eu encontra-se, na sua origem, investido de libido e é capaz de satisfazer-se em si mesmo. O exterior como tal não desperta interesse, é indiferente, e o eu coincide com o prazer, é um eu de prazer, um *Lust-Ich*, tal como já o referenciamos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, no *Compêndio de psicanálise*, Freud comenta que a libido relaciona-se fundamentalmente com o eu, no qual, a princípio, toda a quantidade disponível de libido é armazenada. A esse estado originário ele nomeia de narcisismo absoluto ou primário²⁷. Acrescenta ainda que esse estado perdura até o eu começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Entretanto, durante toda a vida, o eu permanece sendo um grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e ao qual elas são também recolhidas, exatamente como uma ameba se comporta com os seus pseudópodos.

Quando formula sua última teoria estrutural, Freud dá mais um passo no entendimento sobre o eu e admite que está fazendo uma mudança na sua teoria do narcisismo: “A princípio toda a libido se encontra localizada no eu, enquanto o eu ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O eu envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em conseqüência, o eu, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao objeto como objeto amoroso. O narcisismo do eu é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.”²⁸ Esse é o processo identificatório que dará ao eu a possibilidade de se constituir como tal. A partir daí, é

²⁷ FREUD, S. *Compêndio de psicanálise*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 3383.

²⁸ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2720.

possível a diferenciação do isso e o estabelecimento de uma relação de dependência com o supereu, que se dá no declínio do complexo de Édipo.

A hipótese do narcisismo primário nem por isso é abandonada; é precisamente ela que serve de estofo conceitual para grande parte das explicações em torno das psicoses e da vida psíquica normal em seus primórdios. Trata-se, no narcisismo primário, como dissemos anteriormente, de um tempo em que não havia diferenciação em termos de eu e de isso no aparelho psíquico, e a satisfação pulsional se daria de maneira auto-erótica.

O traço mais destacado dessa atividade sexual é o fato de que a pulsão não está dirigida para outra pessoa: satisfaz-se no próprio corpo, e o protótipo do auto-erotismo está na sucção do polegar. A atividade mental predominante desse tempo é alucinatória e fundamenta todas as produções fantasmáticas, fazendo-se manifesta, por exemplo, na crença da onipotência do pensamento, no pensamento mágico comum aos povos primitivos, às crianças e aos psicóticos.

O paradigma do narcisismo é o encapsulamento do dormir. Todas as noites, ao dormir, bloqueamos toda relação com objetos do mundo exterior e produzimos um curso alucinatório de representações, nomeadamente, o sonho. Todas essas manifestações do narcisismo atestam para Freud a influência direta dos processos psíquicos inconscientes no julgamento sobre a realidade da castração.

O caso do *homem dos lobos*, de difícil diagnóstico, aponta claramente para uma primeira afirmação a respeito da recusa da castração como aquilo que pavimenta a formação dos fenômenos psicóticos. O mesmo assunto já se encontra prenunciado no texto *Teorias sexuais infantis*, em que Freud comenta a propósito das elaborações infantis. Encontramos aí que a inclinação inicial do menino, em relação à constatação da diferença sexual anatômica, é a de falsear a percepção e teorizar de acordo com as leis do princípio de

prazer. A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos: consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis, partindo do narcisismo e do saber sobre o seu próprio corpo. O pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto-erótico da fase fálica, e o menino concede a ele um valor tal que lhe é impossível imaginar uma pessoa semelhante desprovida de objeto tão essencial.

As palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear uma percepção.^{*} Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta, *invariavelmente*, com intenção consoladora: ‘O dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer.’ A idéia de uma mulher com pênis retorna mais tarde, nos sonhos dos adultos; o indivíduo que sonha, num estado de excitação sexual noturna, subjuga a mulher, despoja-a de suas vestes, mas quando vai realizar o coito vê no lugar dos genitais femininos um pênis bem desenvolvido e põe fim ao sonho e à excitação. Os numerosos hermafroditas da Antigüidade clássica reproduzem fielmente essa idéia generalizada na infância.²⁹

A denegação da percepção da falta do pênis na mulher é normal nas primeiras constatações que os meninos fazem sobre a distinção anatômica entre os sexos. Entretanto, a persistência nessa denegação — especialmente da castração na mãe — leva ao modo perverso de obtenção da satisfação, e o fetichismo é aqui emblemático.

No que tange às meninas, tudo se passa, a princípio, tal como nos meninos. A premissa do falo é a afirmação primeira, e a crença na igualdade sexual anatômica é, assim, o fundo da presença, em função da qual a ausência irá se manifestar — o complexo de masculinidade é essa afirmação fálica. A reação da menina diante da constatação da diferença é que diverge da reação dos meninos. Em *Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica*, Freud pondera a respeito:

* O sublinhado é meu.

²⁹ FREUD, S. **Teorias sexuais infantis**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1265.

A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo. Aqui, aquilo que foi denominado de complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Pode colocar grandes dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no sentido da feminilidade, se não puder ser superado suficientemente cedo. A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e de outra maneira inexplicáveis. Ou, ainda, pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de 'rechaço', processo que, na vida mental das crianças, não aparece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose.³⁰

O *rechaço*, caracterizado como comum ao modo infantil de encarar a realidade da diferença, é também o procedimento que, se vier a preponderar para além do período infantil, fará o sujeito desembocar em uma psicose.

Com as duas passagens supracitadas podemos notar que, se por um lado é verdade que o princípio de realidade se dá pela constituição do eu e que este é o representante do mundo exterior no plano psíquico, por outro, narcisismo e perda da realidade caminham juntos. Tanto é assim que em *Narcisismo e teoria da libido*, Freud afirma que não se surpreenderia de modo algum se fosse verificado que o poder de produzir efeitos patogênicos de fato constituísse um privilégio de tendências libidinais, de forma que a teoria da libido pudesse explicar uma gama de quadros clínicos que se estende desde as neuroses atuais até a mais grave alienação psicótica. Em seguida, ele se pergunta: Afinal, acaso não sabemos que uma faceta característica da libido é a sua negativa em se submeter à realidade do universo — à Ananke?³¹ E ainda mais distante da realidade está o narcisismo primitivo, especialmente posto em evidência pela esquizofrenia, que é, sob certos aspectos, um retorno a ele.

³⁰ FREUD, S. **Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2899.

³¹ FREUD, S. **A teoria da libido e o narcisismo**, p. 2390.

Em *Uma introdução ao narcisismo*, Freud sublinha que o motivo premente para a psicanálise se ocupar com a postulação de um narcisismo primário e normal surgiu quando se fez a tentativa de incluir na hipótese da teoria da libido o que se havia investigado acerca da esquizofrenia. É que os esquizofrênicos apresentam duas características básicas: megalomania e desvios de seu interesse do mundo externo, tanto de pessoas quanto de coisas, e assim se tornam inacessíveis ao tratamento psicanalítico.

O mesmo não se dá com as neuroses de transferência, muito embora se observe nelas um afrouxamento do laço com a realidade. A neurose histérica e a neurose obsessiva evidenciam que de modo algum há desligamento nas relações eróticas com as pessoas e as coisas. O que ocorre é que o neurótico as retém na fantasia, isto é, “ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos.”³² E isso se encontra enlaçado com a supervalorização da realidade fantasmática. Retomando *Totem e tabu*, observamos a reiteração de que, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido, todos os humanos permanecem até certo ponto narcisistas. Além disso, todas as catexias de objetos que efetuam são provenientes da libido que ainda permanece no eu, e essa mesma libido pode novamente retornar a ele. Nos apaixonados, encontramos as mesmas condições, só que pelo avesso: essas emanções se dão na máxima expressão do amor a si mesmo. Não apenas isso mas também o seguinte:

Os homens primitivos e os neuróticos, como já vimos, atribuem uma alta valorização — a nossos olhos, uma *super*valorização — aos atos psíquicos. Essa atitude pode perfeitamente ser relacionada com o narcisismo e encarada como um componente essencial deste. Pode-se

³² FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*, p. 2017.

dizer que, no homem primitivo, o processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado. Esta é a origem de sua fé na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e de sua inacessibilidade às experiências, tão facilmente obtíveis, que poderiam ensinar-lhe a verdadeira posição do homem no universo. Com relação aos neuróticos, observamos, por um lado, que uma parte considerável desta atitude primitiva sobreviveu em sua constituição e, por outro, que a repressão sexual que neles ocorreu ocasionou uma maior sexualização de seus processos de pensamento. Os resultados psicológicos devem ser os mesmos em ambos os casos, quer a hipercatexia libidinal do pensamento seja original, quer tenha sido produzida pela regressão: narcisismo intelectual e onipotência de pensamentos.³³

De fato, o tema da perda da realidade permanece ao longo do debate clínico e teórico de Freud, perpassando textos clássicos que discorrem sobre a aderência nos fantasmas e colocam a potência fálica de modo a obstruir ou substituir a realidade. No texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*, encontramos a afirmação de que a neurose não nega a realidade, mas se limita a nada querer saber dela³⁴ — certamente pelo recalçamento —, enquanto que a psicose se assenta em uma recusa da realidade, em uma substituição por outra realidade, delirante ou alucinatória.

O universo da fantasia é também para a psicose a fonte de onde são extraídos os elementos para a construção de uma nova realidade. Entretanto, o novo mundo exterior fantástico construído pela psicose “busca colocar-se no lugar da realidade — um fragmento diferente daquele contra o qual tem de defender-se — e emprestar a esse fragmento uma importância especial e um significado oculto, o qual chamamos de *simbólico*, ainda que nem sempre com plena exatidão.”³⁵ Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas fundamentalmente o universo simbólico.

³³ FREUD, S. *Totem e tabu*, p. 1804.

³⁴ FREUD, S. *A realidade perdida na neurose e na psicose*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2746.

³⁵ *Ibid.*, p. 2747.

Além de sede das ilusões e do recalçamento, o narcisismo é aquilo que da economia libidinal, no enfrentamento com a castração, demarcará as diferenças entre neurose, psicose e perversão. Narcisismo e perda de realidade caminham tão próximos quanto castração e realidade. A realidade à qual Freud se refere, tomando por base a observação clínica, é a de uma falta. Como veremos, essa falta se situa no plano da relação de objeto e seu íntimo imbricamento com o estatuto das identificações. Em todos os casos, de alguma maneira, encontra-se repetido o repúdio de representações que dizem respeito às perdas de objeto, e as formas de defesa determinam, como acontecimentos subjacentes, a eclosão do fenômeno psicopatológico específico.

Theisen Simanke comenta o papel do Édipo na determinação da psicose e frisa que narcisismo e castração são dois conceitos estreitamente relacionados nesta questão. Afirma então, ser necessário esclarecer o sentido e a função da castração na vida psíquica, verificar como e por onde ela pode ser recusada no desenlace do Édipo. A castração, sob vários aspectos pode ser considerada mais primordial e logicamente anterior ao complexo de Édipo e na fase fálica, a percepção da diferença entre os sexos rompe com a homeostase narcísica. “O narcisismo, mesmo abdicando-se de considerá-lo um estado puramente anobjetal, testemunha um modo de relação com o objeto fundado na identificação, e por isso mesmo, na identidade. O sujeito percebe o objeto parental, em sua onipotência fantasiada, como idêntico a si mesmo, do qual extrai a sua própria onipotência narcísica.”³⁶ E ainda, a fantasia psicótica é fabricada praticamente com imagens acústicas de representações de palavra alucinatariamente revividas, impedidas de seu significado original pelo desinvestimento de representações de coisa no inconsciente. Fica então, indiscernível distinguir entre perceber e recordar. É que a defesa psicótica tende a extinguir

³⁶ SIMANKE, T. R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**, p. 225.

aquelas representações inconscientes que assinalam o ponto de inserção na realidade insuportável ao psiquismo. E não é o caso do psicótico desconhecer a realidade da diferença sexual, mas o fato de não ser capaz de subjetivar este conhecimento. E qualquer movimento de confrontação com esta realidade produz, na esfera psíquica, efeitos de desagregação³⁷” E Simanke acrescenta ainda sobre o narcisismo que:

Uma das características salientadas por Freud no narcisismo, é a onipotência imaginária: não há limites para a satisfação da pulsão. A psicose, por exemplo, como um estado narcísico, amiúde busca a realização de desejos pela via regressiva da alucinação. A castração, em seu significado de ruptura da situação narcísica, a partir de uma constatação na realidade concreta, vai apresentar, daí em diante, todo limite imposto ao desejo por esta mesma realidade, a resistência da realidade à satisfação.³⁸

Encontramos essa mesma idéia exposta por Cabas, quando ele diz em *A Função do Falo na Loucura*, que na psicose a célula narcísica, por sinal uma célula impossível, se fecha na relação mãe-filho e impede a presença do pai. “Deste modo, a cena fálica se fixa. É ela que está presente na formulação psicótica. A clausura do âmbito fálico obriga o sujeito ao delírio como única alternativa para restabelecer o equilíbrio”³⁹ É que o psicótico opta por tapar o buraco que a mãe abre para a questão do pai. Assim, a loucura do psicótico é uma “missão” que, além do mais, pretende a redenção do mundo. “Este mundo é — no fim das contas — uma portentosa magnificação da célula narcísica que, esta sim, está ameaçada.”⁴⁰ E essa reconstrução do mundo é posta em debate também por Lacan quando se pergunta: “Quando o psicótico reconstrói seu mundo, o que é inicialmente investido?” E

³⁷ SIMANKE, T. R. **A formação da teoria freudiana das psicoses**, p. 228.

³⁸ *Ibid.*, p. 226.

³⁹ CABAS, A. G. **A função do falo na loucura**. Campinas: Papyrus, 1988. p. 38.

⁴⁰ *Id.*

responde: “são as palavras. Vocês não podem deixar de reconhecer aí, a categoria do simbólico”⁴¹

É com a investigação das neuroses narcísicas, especialmente a melancolia, a mais destacada delas, que o texto freudiano estabelece a conexão entre a perda da realidade e sua estreita relação com a perda de um objeto estimado. É exatamente a partir da observação sobre a melancolia que a psicanálise pôde avançar no estudo sobre a identificação, sua importância nos destinos do complexo de Édipo e na elaboração a respeito do conceito de falo.

Mais uma vez, a teorização freudiana parte do patológico, correlaciona-o com a vida cotidiana normal dos seres humanos e depois extrai, de ambos, os elementos que constituem a estruturação do aparelho psíquico. Em *Luto e melancolia*, o correlato normal da melancolia é o luto, assim como, no texto *Adição metapsicológica à teoria dos sonhos*, o correlato normal da esquizofrenia é o sonho.

O luto se caracteriza como uma reação a uma perda de objeto — essa perda é consciente e o sujeito atravessa um período de tempo no qual a dor é o mote quase constante. Há uma tomada em consideração da realidade, que constata a falta do objeto amado, exigindo que a libido se desvincule do objeto, coisa que nunca ocorre facilmente, mesmo quando se encontra um substituto, porque o inconsciente não conhece a realidade da morte, nem de qualquer atributo negativo e relativo a uma ausência.

Sob certas condições, porém, surge, em pessoas com “predisposição mórbida”, o quadro melancólico no lugar do luto. Na melancolia, o sofrimento, sob a forma de tristeza e auto-recriminação, toma a primeira linha de expressão. Trata-se aqui de uma perda subtraída da consciência, deixando o eu imerso num estado profundamente doloroso e

⁴¹ LACAN, J. **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O seminário, Livro 1). p. 138.

caracterizado pelo retraimento do interesse pela realidade externa, impossibilidade de amar, inibição de várias funções e, sobretudo, diminuição do amor próprio, que se manifesta nas auto-recriminações severas através das quais o paciente faz-se objeto de si próprio. Em contraste com o luto, para o qual o mundo se empobrece, na melancolia é o eu que se empobrece. Este se julga indigno, condenável, sem valor.⁴²

São três as pré-condições para a constituição do quadro melancólico: perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao narcisismo. O processo de adoecimento segue uma lógica: (a) a princípio havia um enlace da libido num objeto — uma fixação; (b) depois ocorreu uma ferida narcísica ou frustração, um desengano ou ofensa proferida e conseqüente abalo na relação com o objeto, seguido da retirada de investimento libidinal; (c) desinvestida e agora livre, a libido não é redirecionada para outro objeto externo, mas retrai-se para o eu, encontrando nele uma aplicação determinada: o eu incorpora e se identifica ao objeto perdido. No desinvestimento total do objeto, a libido regride à escolha objetual mais primitiva, do tipo narcísico. O que ocorre, a partir disso, é uma substituição do amor objetual por uma identificação própria do modo de satisfação oral, canibalística; trata-se, aqui, da primeira forma ambivalente utilizada pelo eu para escolher um objeto que almeja incorporá-lo.

Além disso, há no padecimento melancólico duas das vicissitudes pulsionais descritas por Freud em *As pulsões e seus destinos*: a transformação no contrário e o retorno em direção ao eu. A primeira alcança o fim da pulsão, que é a satisfação, e, na melancolia, concerne à transformação da satisfação ativo-sádica em passivo-masoquista. Como podemos notar, os traços perversos do par antitético sadismo-masoquismo fazem parte do que há de mais próprio aqui. A segunda, por sua vez, diz respeito a uma mudança no objeto

⁴² FREUD, S. **Luto e melancolia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2093.

da pulsão, quer dizer, o objeto é substituído pelo próprio eu. Uma vez retraído o investimento no eu, este se encontra, por assim dizer, transformado, preservando em si mesmo, a serviço do princípio de prazer, o objeto perdido.

Toda melancolização se liga à impossibilidade de fazer luto. É que a perda de objeto nesses pacientes diz respeito a um objeto escolhido de acordo com o ideal, portanto de acordo com o narcisismo primário, no qual o eu era o seu próprio ideal, como mencionamos anteriormente. Há na melancolia uma operação reativa por parte do eu diante da possibilidade da perda. No evitamento da angústia e da dor pela inexorabilidade da perda, a melancolia recorre à identificação.

E ainda, tanto na depressão obsessiva quanto na melancolia, o paciente, através da enfermidade, pode estar tentando vingar-se indiretamente do objeto que é alvo da ambivalência de sentimentos. O investimento erótico do melancólico no objeto tem duplo destino: (a) uma parte do investimento retroage à identificação; (b) a outra, sob o influxo do conflito de ambivalência, regride até a fase sádica, atualiza o conflito e maltrata o objeto odiado. O sadismo nos esclarece o enigma da tendência ao suicídio, que encontramos na melancolia, pois o eu só pode dar-se a morrer quando há o retorno do investimento objetal e viabiliza-se a possibilidade de o eu tratar-se como objeto. No suicídio e na paixão amorosa (situações opostas), fica o eu igualmente dominado pelo objeto, se bem que tal domínio ocorre de maneiras bem distintas para cada caso⁴³. Num caso prepondera o ódio; no outro, o amor.

A melancolia faz notar, no exagero, a existência do supereu como instância crítica que se dissociou do eu e o toma como objeto. Por um lado, o eu contém o objeto perdido ou se coloca inteiramente como tal; por outro, se estabelece como supereu, como herdeiro do

⁴³ FREUD, S. **Luto e melancolia**, p. 2097.

complexo de Édipo, que tem como substrato mais arcaico o narcisismo primário, especialmente no que tange à sua faceta absolutista e tirânica. Ele é resíduo, formação de um precipitado no ego, consistente de duas identificações — com o pai e com a mãe —, unidas uma com a outra de alguma maneira⁴⁴. Ademais, o supereu é aquilo que restou de vivo após o assassinato do pai da horda primeva. O pai, que era objeto da ambivalência, era também objeto de idealização e, uma vez morto, uma vez perdido, foi devorado e passou a reinar como um desdobramento do eu alterado por identificação. Freud comenta, em *O eu e o isso*, que o supereu, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do isso:

... ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o eu não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria ser* assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do eu depende de sua participação anterior no complexo de Édipo, ao qual inclusive deve sua gênese⁴⁵.

Retornando à melancolia, que põe em destaque a fúria do supereu, a sombra do objeto caiu sobre o eu.⁴⁶ Freud chama a atenção para o que há de essencial na sintomatologia do melancólico. E o essencial é a sua situação psíquica: perdeu sua autoestima e deve ter razões para isso.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, esse mesmo ponto é retomado, e os casos de melancolia são descritos principalmente pela cruel automutilação do eu, unida a uma implacável autocrítica e a amargas recriminações.⁴⁷ A chave do processo patogênico

⁴⁴ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2718.

⁴⁵ Id.

⁴⁶ FREUD, S. *Luto e melancolia*, p. 2095.

⁴⁷ FREUD, S. *Psicología das massas e análise do eu*, p. 2587.

encontra-se no reconhecimento de que as acusações direcionadas ao eu correspondem na verdade a uma outra pessoa. É exatamente com essa chave que Freud encontra a abertura não somente para o desvelamento do processo patogênico na melancolia mas também para o conceito de identificação.

A identificação é um produto que as retiradas de investimento de objetos têm no próprio eu, que, por sua vez, é uma instância constituída de restos de objetos abandonados. Quando a libido é desviada do objeto, é conservada em suspenso sob condições especiais de tensão e posteriormente é defletida sobre o eu, tornando-se, então, uma vez mais, só que secundariamente, libido narcísica. Daí a expressão narcisismo secundário, ou seja, o retorno dessexualizado dos investimentos objetais sob a forma de identificações.

Considerando o eu a partir de reflexões estabelecidas em *O eu e o isso*, observamos que ele não é simplesmente uma porção do isso modificada pela influência do sistema perceptivo e, assim, o representante do mundo externo na mente mas também algo que se constitui nos moldes de um objeto. Vale dizer também que a transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração do eu constitui um método pelo qual o eu pode obter controle sobre o isso, bem como aprofundar suas relações com ele. Mas tal situação tem um preço: o eu tem de se submeter, em grande parte, às exigências do isso. “Ao assumir as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer, ao isso como um objeto de amor e tentando compensar a perda do isso, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’”⁴⁸. O problema é que, ao se colocar desse modo, o eu também pode se tornar alvo do ódio.

⁴⁸ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2711.

Esse tipo de substituição tem grande influência na determinação da forma assumida pelo eu, dando uma contribuição essencial para a construção do que é chamado de seu ‘caráter’:

Quando acontece de uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu eu, que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do eu, tal como ocorre na melancolia; a natureza exata dessa substituição ainda nos é desconhecida. Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o eu torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o isso pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do eu é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto.⁴⁹

Freud também define o termo *identificação* como a expressão mais remota de um laço emocional com outra pessoa. A identificação tem papel fundamental no tempo anterior ao complexo de Édipo. Ela é, inclusive, uma espécie de derivado da primeira fase da organização da libido. Assim, o objeto amado e desejado é assimilado por ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. Esse processo é análogo ao do canibal, que só devora a quem admira. A identificação é ambivalente desde o início e segue a determinação dada pela série prazer-desprazer, que suscita o surgimento do amor e do ódio respectivamente, tal como já mencionamos.

No caso dos meninos, a face positiva do complexo descreve uma relação com o pai concernente ao ser, querer ser, querer ser o ideal do eu. A criança apresenta uma ligação especial com o pai e normalmente tende a querer se assemelhar a ele e tomar seu lugar em tudo; vê o pai como seu ideal. E isso, diz Freud, não significa uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai ou aos indivíduos do sexo masculino em geral, mas uma atitude

⁴⁹ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2710.

tipicamente masculina. A mãe ocupa o lugar predominante daquilo que se gostaria de ter, ou seja, a distinção depende da vinculação ao sujeito ou ao objeto do eu. E ainda:

Simultaneamente a essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a tomar a sua mãe como objeto de seus impulsos libidinosos. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai, a que toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com eles assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe.⁵⁰

É verdade que os avatares do Édipo podem se inverter, e essa identificação ao pai se modificar; o pai é então tomado como objeto de uma atitude feminina por parte do menino. Nesse caso, a identificação com o pai torna-se a precursora de uma escolha de objeto homossexual.

Evidentemente, faz parte do complexo de Édipo normal a apresentação de uma faceta negativa, o que se lê claramente em *O eu e o isso*. Freud fala aí em termos de um complexo de Édipo mais completo, o qual, positivo e negativo, é devido à bissexualidade originalmente presente na criança. “Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondente em relação à mãe.”⁵¹ De todo modo, a idéia geral de Freud, a propósito do que ocorre no complexo de Édipo, é a de que catexia e identificação não coincidem e isso no sentido de

⁵⁰ FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 2586.

⁵¹ FREUD, S. *O eu e o isso*, 1981. p. 2713.

que a conclusão da questão relativa à sexualidade compreende a escolha de objeto de desejo, o que pressupõe um sujeito e um objeto.

Em *Psicologia das massas*, apresenta três modos como entende a identificação: (a) a identificação tal como ocorre na estrutura de um sintoma neurótico; (b) a identificação do complexo de Édipo; (c) a identificação primária. Há, no Capítulo 7 desse texto, uma abordagem importante, relativa à identificação e sua crucial participação na formação do sintoma histérico; entretanto, não é exatamente este o nosso interesse aqui. Voltaremos, pois, a nossa atenção para a dimensão da identificação que subsidia a reflexão para o pré-edípico, ou seja, a identificação primária ou narcísica. Isso porque buscamos esclarecer a raiz do conceito de falo na obra freudiana e, como vimos, é preciso que a premissa do falo esteja posta para que o complexo de castração se dê como tal.

Para Cabas, as identificações primárias, junto com as fantasias primárias e o recalçamento primário, configuram a matriz estrutural do inconsciente. Ele diz que, se reunirmos arcaísmo e inobservabilidade, já que as identificações primárias não são dados clínicos, cabe pensar que se trata de uma construção teórica semelhante à do mito da horda primitiva. As identificações primárias são definidas como crisol ou matriz simbólica. E acrescenta: “Tais identificações primárias estariam situadas a meio caminho entre o simbólico e a constituição do falo. É que, à medida que essas identificações primárias são a matriz das futuras identificações efetivas, precederiam a constituição do falo, mas seriam posteriores ao simbólico.”⁵² Evidentemente o autor se refere aqui à precedência do universo simbólico no sentido de que a linguagem e a civilização são anteriores. A identificação primária, diz Cabas, é uma reunião massiva da identificação e da catexia e, como efeito dos sucessivos abandonos, ausências, frustrações, se gera um desligamento da catexia, que recai

⁵² CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, p. 183.

sobre o *infans* de acordo com o princípio de “retorno contra a própria pessoa” na dinâmica pulsional.⁵³ Esse comentário corrobora o que Freud escreve em *O eu e o isso*:

A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente, as catexias de objeto procedem do isso, o qual sente as tendências eróticas como necessidades. O eu, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta das catexias do objeto e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo de recalque.⁵⁴

Trata-se aí do recalque primário, que verificaremos no Capítulo 4. Não obstante isso, a citação acima está intimamente ligada a uma outra afirmação de Freud no mesmo texto, quando diz que os efeitos das primeiras identificações efetuadas na infância mais primitiva serão gerais e duradouros. Esse assunto remonta à gênese do ideal do eu, porque a psicanálise encontra nesse ideal a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. “Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária.”⁵⁵

Remetendo novamente essa temática a *Totem e tabu*, o que se pode perceber é que o ideal-do-eu estaria profundamente vinculado com a figura do grande pai da horda, que teria sido internalizada após o parricídio. No caso das crianças, a castração apontaria para uma falta relativa à própria estruturação do eu, à qual se seguiria a identificação com as figuras

⁵³ CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, p. 185.

⁵⁴ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2710.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 2711.

parentais, dando início à edificação do ideal-do-eu. Na primeira infância, a atribuição de perfeição é com freqüência quase irrestrita na admiração que as crianças nutrem pelos seus pais. E isso não concerne a uma observação circunscrita à infância, pois as figuras parentais são remodeladas por outros, como os professores e chefes de trabalho. Em outras épocas emerge na idolatria, qualquer que seja, na crença no mestre espiritual ou no líder do grupo, na propaganda de mercado, para simplificar as coisas, estendendo-se pela cultura por meio da sugestão, algo que beira a hipnose.

Aliás, é antiga a constatação freudiana que os humanos são, de modo geral, mais inclinados a se deixar influenciar por aqueles que amam, admiram e que despontam no horizonte com algum emblema fálico do que pela crítica e pelo intelecto. De todo modo, Freud se dá conta de que aquilo que estava investigando a propósito da força do ideal disseminado na civilização é sempre veiculado através da construção de significações, o que necessariamente envolve o encadeamento e articulação das palavras. E essa observação se voltava para a própria psicanálise, terreno que Freud queria tornar isento da sugestão.

A construção do ideal opera no sentido de manter o grupo unido através da identificação dos membros com um ideal-do-eu encarnado no líder. Na horda primeva, após o parricídio o pai foi divinizado.

É verdade que Freud não fez uma distinção clara entre supereu e ideal-do-eu. Mesmo em *O eu e isso*, ele os usa como sinônimos, motivo por que evitamos colocar em discussão essa diferenciação, que nos parece de fato existir. Importa, sim, para o objeto de nossa investigação, acentuar, de momento, que o ideal-do-eu está posto em estreita relação com o eu-ideal do narcisismo primário, que referenciamos anteriormente, e que essa relação é dada pela falta de um objeto muito primitivo. No que tange ao ideal-do-eu, a situação é outra porque, partindo de um eu-ideal, o que fica posto no horizonte é a ânsia por alcançar a

completude ou perfeição perdida. Ulteriormente, na constituição do eu, quando este necessariamente se depara com a diferença sexual anatômica, a crença na perfeição é colocada em questão. Na organização fálica, a incidência do complexo de castração apresenta um caráter peculiar porque descreve a retomada de um debate em torno da falta do objeto da satisfação e, ao mesmo tempo, um ponto de conclusão no julgamento infantil em torno do absoluto, da totalidade.

É verdade que, na fase fálica, o corpo é posto como central a partir da constatação da diferença sexual, mas não somente isso. Ocorre também que a afirmação do ser pela criança é necessariamente fálica e poderia ser alegoricamente expressa do seguinte modo: “Não sou tudo!... Então, fui tudo!... Então, quero voltar a sê-lo!” ou “Não tenho tudo!... Então, tive tudo!... Então, quero voltar a tê-lo!”. Essas expressões servem para situar a conclusão infantil, que segue respectivamente o seguinte percurso: parte da castração, aí então demarca um tempo mítico, nomeado por Freud de eu-ideal, e, concomitantemente, o ideal-do-eu. São as referências temporais do complexo de castração — presente e passado-futuro — que, nesse contexto, aparecem imbricadas para que possamos situar melhor o entendimento freudiano acerca do ideal.

A respeito da constituição do ideal e sua função no desenvolvimento do eu, Freud escreve no texto *Uma introdução ao narcisismo*:

O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.

Ao mesmo tempo, o eu emite as catexias objetais libidinais. Torna-se empobrecido em benefício dessas catexias, do mesmo modo que o faz em benefício do ideal do eu, e se

enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz realizando seu ideal.⁵⁶

Ocorre que a constituição do ideal do eu é concomitante à própria organização final do eu, do narcisismo secundário. Muito embora o eu seja uma instância psíquica, que já é diferenciada do isso anteriormente ao complexo de Édipo, só conclui seu desenvolvimento com a instauração do supereu.

O eu, como vimos, não é algo dado, mas se desenvolve a partir de um substrato primário, indiferenciado e auto-erótico. É preciso que algo aconteça aí, como diz Freud, que nesse auto-erotismo “uma nova ação psíquica”⁵⁷ seja introduzida para que o eu possa se estabelecer como uma unidade circunscrita. Essa “ação psíquica” concerne ao fracasso de um modo alucinatório de operar com representações e ao surgimento da exterioridade, que trataremos de apresentar mais detalhadamente no Capítulo 3.

Assim, de uma condição, quase diríamos, “insular” de indiferenciação, a alteridade primeiramente surge através das sensações de desprazer. É somente quando o objeto passa a ser percebido como uma integridade separada da criança que o eu pode captar a si mesmo no outro como sendo também uma unidade. Para Freud, trata-se de uma ocorrência concomitante à instauração, no psíquico, da imagem unificada do próprio corpo, à perda de um estado anterior de coisas e à constituição do falo.

O ponto de partida para essas reflexões é o solo clínico e, como já acentuamos, a tematização a respeito da falta se dá sob a forma de uma construção acerca da situação primitiva infantil, na qual a criança se depara com outra coisa ali onde esperava encontrar a mãe. Diante da ausência ela reage, despertando um sinal de angústia, ou seja, anuncia o

⁵⁶ FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**, p. 2032.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 2019.

perigo da perda do objeto. A experiência infantil constitui-se de modo tal, que não pode ainda diferenciar uma perda definitiva de uma ausência temporária. A situação na qual a criança sente a falta da mãe não é para ela erro de interpretação, mas uma situação perigosa, traumática se a criança experimenta, nesse momento, uma necessidade que só a mãe seria capaz de satisfazer. Assim, pois, a primeira condição da angústia, que o próprio eu introduz, é, antes de mais nada, a perda da percepção do objeto. A possibilidade de perder a percepção é equiparada à perda do objeto e mais tardiamente surge o medo da perda do amor do objeto⁵⁸.

Oportunamente trataremos da tematização do falo como aquilo que se erige na vida psíquica em função de um vazio de representações. Essa concepção se encontra no texto freudiano quando põe em discussão o afeto de angústia e afirma que este surge como reação ao fato de perceber a falta do objeto. Para Freud a angústia de castração remete à separação de um objeto muito estimado — a mãe.⁵⁹ Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud observa:

a angústia de castração, que pertence à fase fálica, constitui também medo da separação e está assim ligada ao mesmo determinante. Nesse caso, o perigo de se separar dos seus órgãos genitais. Ferenczi traçou, de maneira bem correta, penso eu, uma nítida linha de ligação entre esse medo e os medos contidos nas situações mais antigas de perigo. O alto grau de valor narcísico que o pênis possui pode valer-se do fato de que o órgão é uma garantia para seu possuidor de que este pode ficar mais uma vez unido à mãe — isto é, a um substituto dela — no ato da copulação. (...) Pode-se acrescentar que, para um homem que seja impotente (isto é, que seja inibido pela ameaça de castração), o substituto da copulação é uma fantasia de retorno ao ventre da mãe. Seguindo a linha de pensamento de Ferenczi, podemos dizer que o homem em causa, havendo tentado provocar seu retorno ao ventre da mãe, utilizando o órgão genital dele para representá-lo, está agora [em sua fantasia] substituindo regressivamente aquele órgão por toda a sua pessoa.⁶⁰

⁵⁸ FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*, p. 2882.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 2862.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 2863.

No seminário *A relação de objeto*, após dizer que o falo falta à mãe, que ele está para além dela e de sua potência de amor, Lacan lança a pergunta: Em que momento o sujeito descobre esta falta? Quando e como faz essa descoberta — a partir da qual ele se vê engajado em vir, ele próprio, a substituí-la, isto é, a escolher uma outra via na redescoberta do objeto de amor que se furta, trazendo-lhe a sua própria falta?⁶¹

É mais ou menos pelos seis meses de idade que é possível para a criança a captura da imagem unificada do outro e concomitantemente a de si mesma. É exatamente a captura da imagem de totalidade integrada que organiza para ela a incompletude vivida, “a saber, o fato de que ela está em falta. É com relação a esta imagem que se apresenta como total, não apenas como preenchedora, mas fonte de júbilo em razão da relação específica do homem com a sua própria imagem, que este se dá conta de que algo pode lhe faltar.”⁶² Trata-se de uma falta situável no objeto de amor e que põe em perspectiva a nostalgia por reconstruir um passado no qual supostamente isso jamais tivesse existido e o anseio por reencontrar no futuro essa situação mítica.

Lacan acrescenta, ainda, que Freud sempre manteve a concepção de que nenhuma satisfação por um objeto substituto do desejado preencheria a falta na mãe. Que é somente quando se forma a captação da imagem do objeto materno numa totalidade que este também pode ser incompleto para a criança. É com referência a essa imagem que o sujeito constata que alguma coisa pode faltar a ele.

Ocorre que, como já dissemos, a constatação da alteridade retira o sujeito da indiferenciação “oceânica” — para referenciar-mos mais uma vez o *Mal-estar* — e

⁶¹ LACAN, J. *A relação de objeto*, p. 179

⁶² Id.

fundamenta a possibilidade de uma unidade comparável ao eu, que terá seu arcabouço, porque sexuado, no final do drama edípico.

Entretanto, o pensamento freudiano aponta para a situação paradoxal do eu na economia psíquica, pois, a partir da castração e do complexo de Édipo, o eu se constitui numa unidade e também se constitui como uma metade faltante que jamais encontra a outra metade, que o fará uma unidade por inteiro. Em outras palavras, o eu se constitui como unidade e ao mesmo tempo perde metade. Essa é exatamente a noção de cisão na vida mental, que estabelece a premissa fundamental da psicanálise.

A partir dessa cisão, o que se coloca em relação ao falo é a substituição simbólica, nos moldes indicados por Freud no texto *A dissolução do complexo de Édipo*, entre outros. Trabalhando em torno do Édipo da menina, ele diz, como já mencionamos: diferentemente do menino, que encara a castração como uma ameaça, uma possibilidade, a pequena mulher se depara não com a possibilidade, mas com um fato consumado — seu temor será o da perda do amor. E tratando da questão simbólica, Freud esclarece:

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza ao longo da linha de uma equação simbólica*, poder-se-ia dizer — do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente — dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado, de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos — possuir um pênis e um filho — permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior.⁶³

* O sublinhado é meu.

⁶³ FREUD, S. *A dissolução do complexo de Édipo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2751.

Notemos que o “deslizar ao longo de uma equação simbólica” diz respeito a algo comum para ambos os sexos. Essa mesma forma de substituição de representações vai aparecer no artigo *Sobre a transformação das pulsões e especialmente do erotismo anal*, no qual Freud comenta que a encontra em manifestações do inconsciente. Especialmente nas idéias espontâneas, fantasias e sintomas, os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis. Esses elementos são com frequência tratados no inconsciente como equivalentes e poderiam livremente substituir um ao outro.⁶⁴

Isto se verifica com mais facilidade na relação entre ‘bebê’ e ‘pênis’. Não pode deixar de ter significado o fato de que na linguagem simbólica dos sonhos, bem com na da vida cotidiana, ambos podem ser representados pelo mesmo símbolo; tanto bebê como pênis são chamados ‘o pequeno’ [*das Kleine*]. É fato sabido que o discurso simbólico ignora com frequência a diferença de sexo. O ‘pequeno’, que originalmente significava o órgão sexual masculino, pode, assim, ter adquirido uma aplicação secundária aos genitais femininos.⁶⁵

Aqui *das Kleine* se redobra sobre o comentário em torno do narcisismo primitivo dos pais, revivido na idealização de *His Majesty, the Baby*, anteriormente referenciado.

Ocorre, assim, que a tematização a propósito do caráter simbólico das formações do inconsciente toma ênfase já na *Interpretação dos sonhos* e na *Psicopatologia da vida cotidiana*, estendendo-se pela obra freudiana como um todo. As passagens supra-referidas talvez coloquem de modo mais insistente a afinidade entre a substituição simbólica e sua relação com a questão do falo.

O falo, a premissa da universalidade do falo, assume seu primeiro delineamento na vida psíquica infantil exatamente no mesmo ponto onde a constatação da perda da

⁶⁴ FREUD, S. **Sobre as transformações dos instintos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 35.

⁶⁵ Id.

indiferenciação do narcisismo primário se dá — com a percepção da presença-ausência. Mais adiante, na organização genital infantil, o falo é colocado em questão com a diferença anatômica dos sexos. Se a constituição do falo é localizada precisamente na separação do objeto materno e apresenta expressão máxima na fase fálica, isso quer dizer que a fase fálica coloca em perspectiva e por retroação o passado. A fase fálica vem a dar a significação ao que ficou marcado no passado, fundamentalmente o que ficou marcado de perdas.

Reiteramos, assim, que o falo é fundamentalmente um elemento de natureza simbólica absolutamente central na estruturação do inconsciente. E isso porque o inconsciente freudiano não é algo pré-formado, arquetípico, mas um sistema que adquire organização com leis próprias de operação e conteúdos fantasmáticos que, a partir do advento do complexo de Édipo, formam a idiossincrasia do desejo para cada sujeito.

A estruturação do inconsciente também tem como fundamento a castração. O menino abandona o Édipo em função da angústia de castração, enquanto a menina entra nele pelo complexo de castração. Temos no Édipo o recalçamento secundário que divide o aparelho psíquico em dois sistemas. E *complexo*, aqui, refere-se invariavelmente a representações, idéias, pensamentos, fantasias e outros termos utilizados reiteradamente por Freud para fazer seu leitor notar que essa questão se situa dentro do universo simbólico.

O falo remonta ao narcisismo primário. Resumindo, o falo concerne ao universo das representações e tem seu fundamento no narcisismo. Poderíamos dizer que o tempo mítico da constituição do falo coincide com a constituição do corpo e, posteriormente, com a afirmação do ser como necessariamente sexuado.

O falo é um objeto simbólico que se erige na divisão entre o eu e a alteridade; paradoxalmente, é na constatação da realidade da separação ou da diferença que o falo se

constitui como tal. E, ainda, ele se constitui, de certo modo, na perda da realidade. A premissa da universalidade do falo parece, então, advir de uma resposta a uma realidade (*Wirklichkeit*) traumática, essencialmente posta em decorrência de uma perda.

Dizer que o falo emerge precisamente na divisão, na perda da realidade, nos evoca um dos últimos textos escritos por Freud, a saber, *A divisão do eu no processo de defesa*.

Logo no início, ele diz que se encontra inclinado a pensar que aquilo que tem a expor se relaciona a algo inteiramente novo e enigmático.⁶⁶ A experiência clínica com as lembranças dos pacientes em análise revela um procedimento comum na psique infantil, que segue, em linhas gerais, a seguinte trajetória: o eu se encontra sob a influência de uma exigência pulsional muito intensa, que a criança está acostumada a satisfazer. No entanto, essa satisfação é subitamente carregada de uma significação de conteúdo assustador, de modo que a continuação dessa satisfação resultará num perigo real quase intolerável. A partir daí, passa a existir um conflito entre a exigência pulsional e a proibição por parte da realidade; fica estabelecido um dilema: o eu deverá efetivamente reconhecer o perigo real e renunciar à satisfação pulsional ou rejeitar a realidade, de maneira a poder conservar a satisfação. Diante disso, a criança tende a assumir uma estratégia peculiar, que Freud situa nos seguintes termos:

Na verdade, porém, a criança não toma nenhum desses cursos, ou melhor, toma ambos simultaneamente, o que equivale à mesma coisa. Ela responde ao conflito por duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta desfazer-se do medo. Deve-se confessar que se trata de uma solução bastante engenhosa da dificuldade. Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que a pulsão conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é

⁶⁶ FREUD, S. *Divisão do “eu” no processo de defesa*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 3375.

alcançado ao preço de uma fenda no eu, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão do eu.⁶⁷

Muito embora Freud aborde aí um processo próprio da perversão e especialmente da formação do fetichismo, nem por isso deixa de esclarecer a operação própria da inquietação infantil, aos moldes do que fizera nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*, quando aproxima o modo de gozo perverso da satisfação pulsional parcial da criança. Interessa-nos fundamentalmente, na passagem supracitada, a divisão, a localização de um acontecimento em que uma falta é admitida e, ao mesmo tempo, negada. Nessa negação, um subterfúgio, um artifício, é acrescentado e uma representação é presentificado.

No Capítulo 11 de *Psicologia das massas e análise do eu*, intitulado *Uma fase do eu*, são apresentadas explicações que vêm ao encontro da idéia segundo a qual persiste no inconsciente uma atividade paralela, separada pela divisão que o recalçamento produz. Apesar dessa separação, a parte excluída da consciência mantém-se ativa, fazendo retornar à consciência, de modo transfigurado, o material simbólico posto de lado. Ali Freud escreve:

No curso de nossa evolução, efetuamos uma separação de nossa existência mental em um eu coerente e em uma parte inconsciente e recalcada que é deixada fora dele; ficamos sabendo que a estabilidade dessa nova aquisição se acha exposta a abalos constantes. Nos sonhos e neuroses, o que é assim excluído bate aos portões em busca de admissão, guardado não obstante pelas resistências, e em nossa saúde desperta fazemos uso de artifícios especiais para permitir que o que está reprimido contorne as resistências e o recebamos temporariamente em nosso ego, para aumento de nosso prazer. Os chistes e o humor e, até certo ponto, o cômico em geral, podem ser encarados sob esta luz.⁶⁸

⁶⁷ FREUD, S. **Divisão do “eu” no processo de defesa**, p. 3376.

⁶⁸ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**, p. 2601.

Nessa cisão o falo toma a forma que o define como tal e se constitui como operante central em toda a dinâmica do inconsciente. E isso no sentido de que é com o complexo de Édipo que o recalçamento secundário vai se dar e demarcar efetivamente a organização do aparelho mental em dois sistemas — cada um com leis próprias de funcionamento — e desse modo tornar efetiva uma cisão estrutural.

Uma saída astuta da criança para não abrir mão da sua satisfação é sempre uma descarga relativa ao complexo. E isso, como sabemos, envolve necessariamente um objeto incestuoso, meio através do qual a pulsão busca atingir a sua meta.

A trama das representações, nesse contexto, é arranjada no terreno das fantasias e ligada ao afeto — muito freqüentemente, o medo, ou melhor, a angústia. Freud evoca o mito grego de Cronos para falar disso e comentar o caso de um analisante. Ele diz: “o medo do pai silenciava sobre o tema da castração; pela ajuda da regressão à fase oral, assumia a forma de um medo de ser devorado pelo pai. Nesse ponto, é impossível esquecer um fragmento da mitologia grega, que nos conta como Cronos, o velho Deus Pai, engoliu os filhos e procurou engolir seu filho mais novo, Zeus, tal como os restantes, e como Zeus foi salvo pela habilidade de sua mãe, que, posteriormente, castrou o pai.”⁶⁹

Nesse contexto, o pequeno artigo *A cabeça da Medusa*⁷⁰ destaca no mito grego o complexo de castração e sua relação ao objeto materno. Afirma que, nas representações, a Medusa aparece com o cabelo feito de cobras, que são símbolos fálicos e também representam a genitália feminina envolta em pêlos. Olhar nos olhos escancarados da Medusa petrifica, tal como o menino fica aterrorizado diante da castração materna. A Medusa apresenta a castração e vela por ela a um só tempo.

⁶⁹ FREUD, S. *Divisão do “eu” no processo de defesa*, p. 3377.

⁷⁰ FREUD, S. *A cabeça de Medusa*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2697.

No Capítulo 3 trabalharemos sobre a castração como algo que diz respeito à noção de objeto perdido, desenvolvida por Freud. Por ora ressaltamos a idéia de que a identificação é a expressão mais remota de um laço emocional com outra pessoa e que ela tem um papel fundamental no tempo anterior ao complexo de Édipo.

É interessante também notar que, uma vez estando posta para Freud a questão da referência simbólica derradeira, em função da qual o inconsciente procede por deslocamento e condensação, o estatuto da significação adquire para a psicanálise uma importância crucial, já que perpassa tanto a teoria quanto a técnica, pondo em cheque o procedimento analítico como aquilo que deve se distanciar da sugestão. Buscando resolver exatamente isso, Freud faz girar em torno da premissa do falo o complexo nuclear das neuroses.

Ao final do artigo *Análise terminável e interminável*, no capítulo seguinte às elaborações relativas à formação de psicanalistas, Freud acentua uma dificuldade com a qual a clínica se depara nas análises de ambos os sexos e sublinha tal dificuldade com a contundente expressão de *repúdio à feminilidade*⁷¹.

Entretanto, Freud lembra que, em função das investigações analíticas, resta sustentar que no inconsciente perdura um saber estranho ao modo habitual de o eu proceder com representações. Esse saber parece afirmar a ubiquidade do falo e, uma vez posto em questão pela análise, faz emergir a potência de um vazio que lhe é subjacente. A esse vazio Freud chamou de castração e insistiu que ela é determinante no curso de uma psicanálise. Mesmo assim, e a menos que tivesse postulado a existência de um vazio como princípio lógico fundamental, continua em parte enigmática a sustentação de que falo-castração regem as

⁷¹ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 3364.

operações inconscientes. O avanço, no sentido de dar contorno teórico a ambos, parece exigir aprofundamento na teoria das pulsões, mais especificamente da pulsão de morte e, assim, colocar em debate o estatuto do objeto da pulsão.

Capítulo II

A PULSÃO E SEU OBJETO

Ao longo do capítulo anterior, trabalhamos o conceito de falo, a premissa da universalidade do falo e sua constituição no interior de um debate sobre as fantasias inconscientes por um lado e o imbricamento existente entre os conceitos de narcisismo e identificação por outro. Vimos também que o eu é considerado por Freud como um objeto privilegiado na economia libidinal. É a identificação que viabiliza ao eu a possibilidade de ele se constituir como um objeto, na exata medida em que a identificação preserva o objeto para o id. Restou-nos uma interrogação sobre o objeto da pulsão. Por isso, este segundo capítulo visa apresentar o conceito de pulsão de morte no contexto geral da obra freudiana, introduzindo, assim, a problemática relativa ao objeto da pulsão. O desenvolvimento teórico a propósito da pulsão e do objeto nos auxiliará, mais adiante, a fundamentar a noção de trauma, do afeto de angústia e, conseqüentemente, a concepção psicanalítica da castração e do falo. Para tanto, buscaremos colocar em primeiro plano o tema da repetição e sua função determinante para o engendramento do conceito de pulsão de morte. Esse é o caminho adotado por Freud, em 1914, com o texto *Recordar, repetir e elaborar*, cujas observações sustentarão a sua última teoria das pulsões.

Logo no início do artigo, encontramos uma distinção entre duas modalidades de recordação no tratamento analítico: (1) a recordação de eventos retidos na memória e nos quais o paciente não se deteve; uma vez lembrados, ele afirma que sempre soube do assunto, só que até então não havia se detido nele; (2) a recordação de um grupo especial de acontecimentos não retidos na memória, que dizem respeito às experiências que o sujeito

não teve nem mesmo condições de esquecer, pois não haviam sido levadas ao seu conhecimento quando ocorreram.⁷² Nesse grupo se encontram fantasias, processos de inferência, sentimentos, afetos e conexões entre pensamentos. Aqui, é impossível a recordação, pois se trata de eventos primitivamente experimentados. Amiúde, tais eventos não são compreendidos pelo sujeito no momento de sua ocorrência, e sim posteriormente. Na experiência analítica, esse tipo de acontecimento tende a ser uma parte fundamental da transferência ao analista e constitui precisamente a chamada neurose de transferência.

O termo de comparação entre os dois grupos de “memorização”, Freud o estabelece tendo em vista a recordação suscitada no antigo tratamento hipnótico, portanto resultado da sugestão. Chega a dizer que deve algum tributo à técnica hipnótica por ela ter apresentado, isolada e esquematicamente, dois procedimentos da análise: do ponto de vista descritivo, a supressão das lacunas da recordação e, dinamicamente, o vencimento das resistências do recalque. Foi a partir desses procedimentos que pôde criar situações mais complexas para o tratamento, fazendo notar que o sintoma apresenta, no curso das sessões, a atualização, a posta em cena da realidade do inconsciente.

Logo no início do seu trabalho com as histéricas, Freud se deu conta de que o esquecimento subtraía-lhes a verdade da neurose. Ficou claro para ele que, em transferência, algo do passado insistia em se atualizar e que este algo continha a chave para a resolução dos sintomas. Mais tarde irá dizer que essa transferência é um fragmento da repetição e o que se repete são os clichês da infância em seus pontos mais passionais e determinantes para o esquecimento ou para o silêncio. A esse respeito, comenta:

⁷² FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1684.

Com a nova técnica, o curso da análise faz-se muito mais complicado e trabalhoso; alguns casos oferecem a princípio a serena facilidade habitual do tratamento hipnótico, ainda que não tardem a tomar outro rumo, mas geralmente as dificuldades surgem desde o início. E tomando em consideração este último tipo para caracterizar a diferença, podemos dizer que o analisado nada recorda do esquecido ou recalçado, mas vive-o novamente. Não o reproduz como recordação, mas em ato; repete-o sem saber, naturalmente, que repete.⁷³

O analisante se coloca em relação ao analista mostrando em ato a realidade psíquica e não falando sobre ela, pois se trata de um evento compulsivo, coercitivo e inconsciente. Essa compulsão de repetir substitui o impulso de recordar e faz com que atue preponderantemente fantasias e acontecimentos pretéritos relativos ao complexo de Édipo, tornando-os eventos atuais. Quanto maior a resistência, maior a repetição que substitui o recordar. O manejo da transferência é o instrumento necessário para refrear a compulsão à repetição, transformando-a num motivo para recordar e fornecendo aos sintomas um novo significado transferencial. Nesse sentido, a repetição substitui uma neurose qualquer por uma neurose de transferência passível de ser tratada.

Retomando essa notação freudiana, Safouan considera que isso que escapa à rememoração e se repete é a “conexão”, pois aquilo que é importante se encontra deslocado, por exemplo, no fracasso da pulsão epistemofílica. E no entanto, o fracasso da pulsão epistemofílica está no princípio mesmo dessa pulsão, porque ela se sustenta na afirmação fantasmática da presença velada do falo, lá mesmo onde ele não aparece; pois é aí onde está ausente que o falo se afirma com todo o seu vigor.⁷⁴

Não é por acaso que, para designar essa pulsão, à qual atribui o desejo de saber, Freud fala de *Schaulust*, termo que designa tanto o desejo quanto o gozo de ver. Em outras palavras, não há um sucesso por esperar das investigações sexuais, mas em compensação, há um gozo que seria exato chamar de “gozo de nada ver”. Donde evidencia-se que a resistência

⁷³ FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**, p. 1683.

⁷⁴ SAFOUAN, M. **A transferência e o desejo do analista**. Campinas: Papirus, 1991. p. 61.

opõe-se, muito mais que à lembrança, a que o sujeito tome conhecimento do seu fantasma ou de sua “teoria infantil”. A paixão pela ignorância é a verdade do desejo de saber.⁷⁵

E, de fato, é anterior ao caso Dora a observação de que a transferência, além de servir de mola propulsora às análises, também é tomada como resistência à cura. Freud vai se dando conta posteriormente de que, quanto mais intensos se tornam o amor e o ódio dirigidos ao analista, tanto mais amplamente a recordação tende a ser substituída pelo agir da repetição.

O analisante pode não lembrar que, na história do seu complexo de Édipo, se manteve rebelde em relação à autoridade paterna e, na atualidade, repete com seu analista, na relação transferencial, tal situação, permanecendo hostil e afeiçoadamente obstinado contra a regra fundamental da associação livre. Pode ainda nada recordar do fracasso em que redundaram suas primeiras investigações sexuais infantis e repete na transferência um fracasso no saber de si mesmo no curso das sessões. Uma paciente, por exemplo, pode não lembrar do amor edípico vivido em relação ao pai e revive-o com seu analista, sem sabê-lo. Assim, o sujeito repete no presente experiências infantis passadas, de modo que, não sendo lembrado e falado, o inconsciente se presentifica numa expressão atuada, como uma descarga motora inconsciente.

Freqüentemente, quando comunicamos a um paciente de vida muito rica em acontecimentos e longo histórico patológico a regra psicanalítica fundamental e esperamos uma torrente de confissões, nos deparamos com seu asseguramento de não saber o que dizer. Cala e afirma que nada lhe ocorre. Tudo isso nada mais é, naturalmente, que a repetição de uma atitude homossexual que se oferece como resistência a toda recordação. Enquanto o sujeito permanece submetido ao tratamento, não se libera desta compulsão de repetição, e acabamos por compreender que este fenômeno constitui sua maneira especial de recordar.⁷⁶

⁷⁵ Loc. Cit.

⁷⁶ FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**, p. 1685.

Freud acrescenta ainda que, no percurso da análise, a repetição perdura e que, ao nos atermos a tal observação, logo chegamos à conclusão de que esta é a via, talvez a única, de ser posto em análise um material imprescindível à cura. O analisante repete sem saber que repete, e este é o modo de rememoração mais específico da análise, pois abre a possibilidade do aparecimento de um fenômeno estreitamente vinculado às pulsões: as resistências, que tornam manifesto o arcabouço de uma fantasia inconsciente encenada na concretude da relação do analisante com o seu analista. Essa modalidade da recordação só é possível pela atualização do inconsciente em ato e não em *effigie*.

Aqui, o destino do afeto no processo do recalque marca um modo particular de relação com a pulsão e adquire qualidades sensoriais, notadamente as sensações de desprazer. Algumas vezes Freud expressou tal concepção ao afirmar que encontramos no sintoma neurótico uma satisfação libidinal substitutiva e também uma satisfação advinda do sentimento de culpa pelo mesmo desejo libidinoso. Faz lembrar ainda que os produtos psíquicos têm o caráter de conterem sentidos diversos e sobredeterminados em um só conteúdo. Além disso, é nos afetos e sentimentos que encontramos o fracasso do recalque e a possibilidade de sua investigação:

Recordemos que o motivo e a intencionalidade do recalque é a de evitar o desprazer. Disso deduzimos que o destino do montante de afeto da representação é muito mais importante que o da idéia, circunstância decisiva para a nossa concepção do processo do recalque. Como o recalque não consegue evitar o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, podemos dizer que fracassou, ainda que haja conseguido o seu fim no que diz respeito à idéia. Naturalmente que o fracasso do recalque nos interessa mais que o seu sucesso, o qual escapa quase sempre às nossas investigações.⁷⁷

⁷⁷ FREUD, S. **O recalque**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2057.

O destino do fator quantitativo nos afetos, principalmente na angústia, alcança importantes desdobramentos, sobretudo no trabalho realizado pelo analisante de aperceber-se das reações da repetição e na conscientização de seu alicerce nas resistências à regra fundamental. Ademais, a angústia é por excelência o fato que se aproxima da força pulsional postulada por Freud.

Mas, afinal, o que é que o paciente repete? Repete precisamente, diz-nos Freud⁷⁸, aquilo que incorporou ao seu ser a partir das fontes do recalçado, isto é, suas inibições, tendências inúteis, traços de caráter patológicos; repete necessariamente fracasso e desprazer. Há três considerações a serem feitas a partir dessa resposta freudiana: (a) o assunto relativo à repetição, inicialmente enfatizado por Freud, retoma questões tão antigas quanto a própria psicanálise: a teorização a respeito do conceito de trauma, justamente o tema que inaugura as reflexões de 1920, com *Mais além do princípio de prazer*; (b) em continuidade ao tema da compulsão à repetição, Freud se detém no tema da destrutividade sob a expressão do sadismo e do masoquismo, especialmente imbricados com a consciência moral e, portanto, com a estrutura do supereu; (c) o paciente repete um fracasso, e essa repetição está relacionada com o conceito de castração e, desse modo, com a angústia e a noção de “alteração do eu”, proposta por Freud. Com esses itens, estamos na trama das observações e idéias concernentes à pulsão de morte, tal como abordaremos a seguir. Antes disso é interessante salientarmos à luz das considerações de Moustapha Safouan, que o fundamental no esquema da repetição é a temática da escolha de objeto. E que para se convencer disso, basta alguém se perguntar porque a regulação gestáltica — que é suficiente, salvo engano experimental, para guiar o instinto sexual no animal — não regula

⁷⁸ FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**, p. 1689.

nada entre os seres humanos. O esquema aproveitável para entendermos a repetição, “repousa na noção de um *Lust* ou de um *gozo* que se situa mais além dos limites naturais do prazer, e que determina a repetição como repetição dos fracassos. (...) A partir daí, apercebemo-nos que a transferência é o amor por um objeto que, para o que se refere à gratificação dessa *Lust*, engana; a qual permite ao eu, segundo identificação, construir-se como *Lust-Ich*, de acordo com a expressão de Freud.”⁷⁹

Pondo em debate a repetição, Mezan⁸⁰ considera que ela é, exatamente, a condição de possibilidade da pulsão, aquilo sem o que ela não poderia se reproduzir uma vez extinto o seu ímpeto inicial. E Freud descobre que a origem, entendida como *causa ante*, é um falso problema. É a clínica que lhe fornece os elementos essenciais para o desvelamento da dimensão repetitiva. E isso porque, a repetição é também resistência e aponta inclusive para o movimento do isso, o pólo do psiquismo em conexão mais direta com o pulsional. “A situação analítica comprova assim o funcionamento da repetição como condição de possibilidade da pulsão: que é a transferência senão a dissolução do passado e do presente num gesto de amor? Não é por acaso que a situação transferencial proporciona a Freud o exemplo mais nítido da tendência à repetição.”⁸¹

O conceito de pulsão de morte é, antes de qualquer coisa, uma consequência das investigações relativas à repetição e sua relação com a castração. Assim, de certa forma, do ponto de vista da experiência, a pulsão foi tematizada por Freud como o elemento último que constitui os sintomas. Evidentemente que a destrutividade teve crucial importância nas considerações freudianas a respeito da pulsão. Contudo, é a compulsão à repetição, a *Wiederholungszwang*, que desempenha um papel nodal e de abertura para a alteração na

⁷⁹ SAFOUAN, M. **A transferência e o desejo do analista**, 1991. p. 62.

⁸⁰ MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 259.

⁸¹ Id.

teoria das pulsões. A partir de *Mais além do princípio de prazer*, a repetição é estreitamente vinculada ao traumático e ao complexo de Édipo. Nesse texto, Freud diz ter concluído que a compulsão à repetição rememora experiências do passado que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, em tempo algum, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos desde então recalçados. O florescimento precoce da vida sexual infantil está condenado à extinção porque os desejos são incompatíveis com a realidade e com a etapa inadequada de desenvolvimento a que a criança chegou. Assim, o ápice da sexualidade infantil chega na mais completa contradição com as expectativas montadas de acordo com o princípio de prazer, suscitando deste modo, os mais dolorosos sentimentos. E é este fracasso da potência fálica que o analisante repete no tratamento:

Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; (...) Nenhuma dessas coisas pode ter produzido prazer no passado, e poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas. Constituem, naturalmente, as atividades de pulsões destinadas a levar à satisfação, mas nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão.⁸²

Há também a repetição fora do tratamento analítico, na conduta humana em geral, quando o que é posto em relevo são episódios nos quais o sujeito é levado repetidamente a um desfecho trágico concernente ao seu destino. Esses fenômenos causam a impressão de uma influência demoníaca regendo a vida.

⁸² FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2516.

Freud apresenta, além disso, a observação de uma brincadeira singular de seu neto de um ano e meio de idade. Essa brincadeira consistia em atirar um carretel amarrado a um barbante e emitir sons de acordo com a proximidade ou distância do carretel. Assim, para ausente, o menino pronunciava “ooh!”; para presente, “aah!”. A encenação lúdica descrevia sistematicamente desaparecimento e retorno. Com um detalhe: assistia-se com maior frequência a seu primeiro ato, o “ooh!”, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo. Freud interpreta esse movimento lúdico como ocorrendo em função da falta da mãe, que freqüentemente se ausentava para cumprir seus afazeres. Todo o jogo, uma realização simbólica, ou seja, cultural, era uma renúncia à satisfação pulsional expressa no fato de não protestar quando a mãe se afastava do aposento. A esse respeito, acrescenta:

(...) é indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa. Nosso interesse se dirige para outro ponto. A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?⁸³

Tal como a repetição na transferência, como é possível uma experiência que nunca foi prazerosa e jamais apresenta a possibilidade de vir a sê-lo, insistir em reavivar-se? E ainda, como esclarecer os casos clínicos em que, escolhendo o sofrimento à cura, o paciente reage negativamente ao tratamento?

Na maior parte dos casos, a compulsão à repetição não atua completamente sozinha, mas mesclada com os propósitos do princípio de prazer. Melhor dizendo, a compulsão à repetição e a satisfação pulsional parecem convergir intimamente. Entretanto, a constatação de que há sonhos que contrariam a realização de desejos, cuja forma mais

⁸³ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**. p. 2512.

aguda são os sonhos traumáticos, vai abalar a tese segundo a qual o princípio de prazer domina o curso dos eventos psíquicos.

Numa reflexão mais amadurecida, porém, seremos forçados a admitir que, mesmo nos outros casos, nem todo o campo é abrangido pelo funcionamento das familiares forças motivadoras. Resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer que ela domina. Mas, se uma compulsão à repetição opera *realmente* na mente, ficaríamos satisfeitos em conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições pode surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer, ao qual, afinal de contas, até agora atribuímos dominância sobre o curso dos processos de excitação na vida mental.⁸⁴

Freud avança a possibilidade de a repetição estar operando independentemente do princípio de prazer. Ele vai se perguntar se não haveria algo “mais primitivo, elementar que o reinado do princípio de prazer, uma pré-história de tal princípio”.⁸⁵ Destarte, do ponto de vista metapsicológico, o conceito de pulsão de morte encontra-se inserido no plano de pressupostos econômicos, direcionados a explicitar acontecimentos que, escapando às teorizações a respeito das leis de operacionalização do inconsciente, introduzem uma grande alteração no contexto geral dos demais conceitos.

É interessante notar que essa alteração segue, no pensamento metapsicológico, uma rota energética peculiar e que Lacan comenta dizendo que a pulsão é pensada no interior de uma reflexão, possível tão somente a partir do advento das máquinas da revolução industrial. Assim, ele sustenta a tese de que o pensamento de Freud não é um humanismo, que o homem não está exatamente no homem⁸⁶ e afirma que a máquina encarna a mais

⁸⁴ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2517.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 2513.

⁸⁶ LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 96. (O seminário, Livro 2).

radical atividade simbólica no homem. É na relação às máquinas que o conceito de energia é forjado. E acerca da biologia freudiana ele diz que nada tem a ver com a biologia:

Trata-se de uma manipulação de símbolos no intuito de resolver questões energéticas, como manifesta a referência homeostática, a qual permite caracterizar como tal, não só o ser vivo, mas também o funcionamento de seus mais importantes aparelhos. É em torno desta questão que gira a discussão inteira de Freud — energeticamente, o que é o psiquismo? É aí que reside a originalidade do que em sua obra se chama o pensamento biológico. Ele não era biólogo, não mais que qualquer um dentre nós, mas ele realçou a função energética em toda extensão de sua obra.

Se soubermos revelar o sentido deste mito energético, veremos sair o que, desde a origem e sem que se entendesse, estava implicado na metáfora do corpo humano como máquina. Veremos manifestar-se aí, um certo para além da referência inter-humana, que é, propriamente, o para além do simbólico.⁸⁷

Freud descobre o funcionamento do símbolo em estado dialético, em estado semântico, nos seus deslocamentos... funcionando sozinhos na máquina de sonhar. Assim, a teoria psicanalítica supõe que os processos psíquicos são regulados automaticamente pelo princípio de prazer. O curso dos eventos psíquicos tem sua origem em tensões de natureza desprazerosa e toma uma direção cujo resultado esperado é o de diminuir tal tensionamento. Trata-se de evitar o desprazer e/ou levar à consecução do prazer. Quanto ao princípio de realidade, é um princípio de prazer modificado: visa aos mesmos fins que seu predecessor e funciona paralelamente, constituindo, desse modo, a outra faceta da divisão psíquica. O princípio de realidade, como sabemos, faz parte da constituição do eu, está envolvido com a função consciente e opera como um dos pólos sempre em questão no conflito com as pulsões sexuais. É nesse conflito que entra em operação o recalçamento, uma modalidade de defesa que também se destina à preservação dos objetivos do princípio de prazer. Quanto ao desprazer, observa Freud:

⁸⁷ LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 101. (O seminário, Livro 2).

A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de pulsões insatisfeitas, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um 'perigo'. A reação dessas exigências pulsionais e ameaças de perigo, reação que constitui a atividade apropriada do aparelho mental pode ser então dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade pelo qual o primeiro é modificado. Isso não parece tornar necessária nenhuma limitação de grande alcance do princípio de prazer. Não obstante, a investigação da reação mental ao perigo externo encontra-se precisamente em posição de produzir novos materiais e levantar novas questões relacionadas com nosso problema atual.⁸⁸

Para o exame da natureza do perigo, será considerada a diferença entre o susto, o medo e a angústia: no susto, não há preparação alguma para o surgimento de algo perigoso, e o fator surpresa é sua marca distintiva; no medo, há uma reação à presença de um objeto perigoso identificado como tal; na angústia, temos uma expectativa e uma reação frente a um perigo cujo objeto é impreciso e, como veremos posteriormente, deslinda aspectos essenciais relativos ao traumático e à castração.

O tema do perigo surge na elaboração teórica de Freud porque a observação o fazia notar que, no caso dos sonhos da neurose traumática, por exemplo, o sonhador é levado a apresentar repetidamente a cena do trauma. Isso parece contradizer a tese de que os sonhos, a serviço do princípio de prazer, são realizações de desejos. Se o fossem, tenderiam a apresentar a cena traumática como nunca ocorrida ou tenderiam a remeter o sonhador a uma situação em que estaria restabelecido e superado o trauma, mas tal não acontece. A mesma consideração vale para a compulsão à repetição no tratamento que refaz eventos passados que nunca trouxeram prazer, nos jogos infantis que encenam eventos desprazerosos, traumáticos, e no engendramento repetido de eventos trágicos no destino da vida humana.

⁸⁸ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2509.

O trauma em questão na neurose traumática descreve a emergência abrupta, inesperada, de um evento cujo impacto tem proporções acima da capacidade psíquica de recebê-lo. Dado o caráter impactante do evento, Freud situa a problemática do traumatismo numa teorização econômica dos processos psíquicos e, antes mesmo do texto de 1920, define o trauma do seguinte modo:

Na realidade o termo ‘traumático’ não possui senão um sentido econômico, pois o utilizamos para designar aqueles acontecimentos que, chegando à vida psíquica, em brevíssimos instantes com um enorme incremento de energia, tornam impossível a supressão ou assimilação da mesma por meios normais e provocam deste modo, perturbações no aproveitamento da energia.⁸⁹

O sistema da consciência se encontra localizado numa fronteira entre excitações exteriores e interiores. Além disso, esse sistema se distingue pelo fato de que as excitações não fazem nele uma transformação permanente — coisa que caracterizaria a memória —, mas se esvaem na provisoriedade processual, que é a recepção das constantes excitações. Para tanto, a consciência e os órgãos dos sentidos a ela vinculados teriam um anteparo, um “escudo protetor”, que possibilitaria a recepção das excitações exteriores. Essa proteção contra os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais importante do que a recepção desses estímulos. Tal proteção deve, sobretudo, resguardar os modos especiais de transformação de energia contra os efeitos ameaçadores das enormes energias em ação no mundo externo. Esses efeitos ameaçadores tendem, assim, ao nivelamento e subsequente à extinção por meio de uma derivação motora. O principal intuito da recepção de estímulos é descobrir a direção e a natureza dos estímulos externos; para isso, é

⁸⁹ FREUD, S. **A fixação do trauma – o inconsciente**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2294.

suficiente apanhar pequenos espécimes do mundo externo, para classificá-los em pequenas quantidades⁹⁰ — os pseudópodes da libido objetal teorizados no narcisismo.

Assim sendo, os efeitos da neurose traumática são ocasionados pela ruptura da proteção que defende o aparelho psíquico contra as excitações exteriores. A condição mais importante para a neurose traumática é a falta de disposição para a angústia. Como desenvolveremos no próximo capítulo, a angústia é um afeto que opera como defesa contra a possibilidade do trauma e, quando presente na forma de sinal de alarme, prepara o aparelho para a iminência de um evento traumático. Deixaremos por ora o tema da angústia; importa agora continuarmos na esteira das reflexões freudianas a respeito das excitações endógenas e das defesas contra elas.

No sentido do interior, não pode haver esse escudo; as excitações das camadas mais profundas estendem-se para o sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer. As excitações que provêm de dentro, entretanto, em sua intensidade e em outros aspectos qualitativos — em sua amplitude, talvez — são mais adequadas ao funcionamento do sistema do que os estímulos que afluem desde o mundo externo. Esse estado de coisas produz dois resultados definidos. Primeiramente, os sentimentos de prazer e desprazer prevalecem sobre todos os estímulos externos. Em segundo lugar, é adotada uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzam um aumento demasiado grande de desprazer; há uma tendência a tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas. É essa a origem da *projeção*, destinada a desempenhar um papel tão grande na causação dos processos patológicos.⁹¹

Há estimulações endógenas de natureza distinta, mas a estimulação interna emanada das pulsões é o que Freud caracteriza como estímulo para o psíquico, que se faz representado em idéias e afetos. A pulsão se diferencia de um estímulo pelo fato de surgir de fontes de estimulação situadas dentro do corpo, de atuar como força constante e de não

⁹⁰ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2519.

⁹¹ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2520.

se poder evitá-la pela fuga, tal como é possível fazer com um estímulo externo. Em uma pulsão podemos distinguir a origem, o objeto e a finalidade. Sua origem é um estado de excitação do corpo, sua finalidade é a remoção dessa excitação, que pode ser atingida no próprio corpo, mas geralmente inclui um objeto externo, com relação ao qual a pulsão atinge sua finalidade externa; sua finalidade interna permanece sendo a modificação corporal que é sentida como satisfação. O objeto, seja ele fantasmático ou existente no exterior, é aquilo através do qual a pulsão encontra a possibilidade de chegar ao seu fim. No caminho que vai desde sua origem até sua finalidade, a pulsão torna-se atuante psiquicamente com certa quantidade de energia que faz pressão em determinada direção; dessa pressão deriva seu nome: *Trieb*.⁹²

A pulsão é força de trabalho para o psíquico e sua energia é caracterizada como livremente móvel, tendente à descarga motora. A pulsão sempre se satisfaz pela via de uma descarga. E, dado que os impulsos partem de fonte corporal e são livremente móveis, caberia então, às camadas superiores do aparelho torná-los ligados. A ligação da energia que aflui ao aparelho consiste na transformação do estado de livre curso para o estado de repouso ou ligado. O malogro nessa transformação faria surgir um processo análogo ao encontrado nos sonhos da neurose traumática que apresentam repetidamente uma cena angustiante, levando o sonhador ao despertar. Aqui, porém, o traumático adviria de uma fonte de estimulação interna e não mais externa; esse é, em grande parte, um aspecto importante nas explicações a respeito da etiologia das neuroses de transferência.

Em *Mais além do princípio de prazer*, uma questão a que Freud procura responder é: como a pulsão é dominada ou ligada no plano psíquico, como ela é modificada e tornada

⁹² FREUD, S. *Angústia e vida pulsional*, p. 3155.

representante? Como podemos notar, esta questão aponta para uma dimensão do psíquico e outra fora do psíquico.

Deste modo, a resposta desta questão incide sobre o tema das representações pulsionais. E não apenas isso mas também sobre as pré-condições para a constituição do princípio de prazer. É que há um trabalho, diz Freud, que o aparelho psíquico precisa realizar antes que o princípio de prazer possa se estabelecer como tal e aí então, passar a dominar o funcionamento mental. Este trabalho é chamado de *Bindung*, ligação. Esta ligação diz respeito à passagem de um evento que está fora do campo das representações, para a inscrição das mesmas no plano psíquico.

O tornar “ligado” ou representado a pulsão é uma condição prévia ao estabelecimento dos dois princípios do funcionamento mental, uma tarefa a ser cumprida pelo aparelho psíquico ainda em fase de estruturação. A inscrição da pulsão no psiquismo — sob a forma de representante — e sua subsequente fixação, são pré-condições para a existência do automatismo do princípio de prazer. Só depois de terem sido feitas essas modificações nos investimentos — de livre para fixo ou ligado — é que se poderia impor a primazia do princípio de prazer ou de realidade. E isso porque ambos operam a partir de representações; o princípio de prazer, constituído de representações-de-coisa e o princípio de realidade, levando em conta fundamentalmente, as representações-de-palavra.

A *Bindung* descreve uma operação que é possível em virtude do recalçamento primário e que analisaremos no capítulo quatro. Importa de imediato frisar, que a tarefa de ligar a dispersão pulsional, além de não estar em oposição ao princípio de prazer, pois ocorre independente dele e sem levá-lo em conta para nada, descreve a própria pré-história do princípio mais fundamental que regula o psiquismo. Assim, a repetição, descreve aquilo

que é mais próprio à pulsão e aponta para um trabalho mais primitivo, independente e “mais além” do princípio de prazer.

E ainda, longe de ocorrer tão somente na pré-história da constituição do princípio de prazer, esse trabalho se faz presente no fenômeno da compulsão à repetição e se atualiza de modo absolutamente anacrônico no cotidiano da clínica. Notemos inclusive, que o mencionado jogo do “fort-da” fala exatamente da apropriação simbólica por parte da criança, de um acontecimento sensorialmente impactante e relativo a uma ausência. Esta apropriação transcorre num universo de representações: “ooh!-aah!”; “fort!-da!”; “lá!-cá!”.

Este par em oposição ausência-presença repetido e insistentemente encenado, fornece ao neto de Freud os elementos para a constituição de uma ordenação simbólica. A pré-história do princípio de prazer, mítica certamente, concerne então, ao vazio de representações. Cabe aqui assinalar que algumas vezes ao longo de sua teorização, Freud diz que a pulsão de morte é silenciosa. O novo dualismo pulsional fica assim, adscrito a Eros que está inserido no campo das representações e pulsão de morte, terreno da ausência de representações. Tal ausência fundamenta o conceito de castração-falo e será abordada mais especificamente no próximo capítulo ao tematizarmos a angústia.

E ainda, a respeito dessa teorização a propósito da pré-história do princípio de prazer, Garcia-Rosa, em *Acaso e repetição em psicanálise*, comenta que, segundo Freud, o que há nesse tempo mítico e primevo, anterior ao estabelecimento do princípio de prazer, é tão somente prazer de órgão — *Organlust*. Anteriormente a qualquer organização do psíquico em sistemas, as pulsões parciais se satisfazem de forma auto-erótica, sem levar em conta as demais pulsões e sem obedecer a qualquer coisa que possa ser considerada “princípio”. Não há nenhuma região do corpo que seja essencialmente caracterizada como

erógena, nem há objeto que responda especificamente pela satisfação. E ainda acrescenta o seguinte:

O que há inicialmente é uma superfície corporal sobre a qual o diferencial prazer-desprazer se fará com absoluta independência de qualquer princípio organizador. Assim, não é o princípio de prazer que funda o prazer, mas o contrário, é o prazer o que se erigirá em princípio. A passagem do prazer entendido como processo psicológico para o prazer entendido como princípio se daria em função da ligação (*Bindung*), isto é, por uma contenção ao livre escoamento das excitações, transformando o estado de pura dispersão em estado de integração (transformação de energia livre em energia ligada). Esse estado de pura dispersão das excitações, anterior à instauração do princípio de prazer e seu complementar, o princípio de realidade, é evidentemente um estado hipotético e que só pode ser pensado recorrentemente.⁹³

As manifestações da compulsão à repetição que ocorrem nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como na neurose de transferência que se instala no curso do trabalho analítico, apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, adquirem a aparência de uma força ‘demoníaca’. Então, a pergunta que se impõe é: de que modo a pulsão se relaciona com a compulsão à repetição? Como o predicado de ser ‘pulsional’ se relaciona com a compulsão à repetição?

A resposta é que a pulsão é uma tendência à reconstrução de um estado anterior. Na metáfora de cunho metafísico que Freud apresenta no *Mais além*, trata-se de um empuxo, inerente à vida orgânica, de refazer um estado que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças externas perturbadoras, ou seja, a expressão da inércia inerente à vida orgânica, a inclinação para retornar à quietude inorgânica.⁹⁴

Richard Wollheim faz notar que o pensamento de Freud, no que tange à repetição, muda radicalmente em 1920:

⁹³ GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 47.

⁹⁴ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2525.

Ele agora podia discernir no fenômeno da repetição, duas tendências psíquicas. Em primeiro lugar, de que há a tentativa do psíquico para elaborar uma impressão, de modo a dominá-la, e deste modo, posteriormente, extrair prazer dela — em outras palavras, um trabalho que é anterior, embora não em oposição ao princípio de prazer. Em segundo lugar, de que realmente há uma repetição “além”, isto é, inconsistente com o princípio de prazer. Pois, se alguma medida de repetição é um elemento necessário, para ligar a energia ou a adaptação, no entanto quando excessiva, a repetição toma um sentido de abandonar qualquer adaptação e restabelecer posições psíquicas mais arcaicas ou menos evoluídas. Combinando este discernimento com a hipótese de que toda repetição é uma forma de descarga, Freud chegou à consideração de que a compulsão (como oposta à tendência) à repetição pode ser vista como uma tentativa de restaurar um estado que é tanto primitivo quanto marcado pelo escoamento total da energia, isto é, a morte. A compulsão à repetição, assim, forneceu não somente a evidência da pulsão de morte, mas uma interpretação específica para a mesma, uma interpretação expressa com outro nome: o princípio de Nirvana.⁹⁵

Avançando nessa busca, Freud vai explorar mais detidamente um tema antigo de sua investigação — a destrutividade —, só que agora à luz da pulsão de morte. Dez anos depois de *Mais além do princípio de prazer*, encontramos no *Mal-estar na civilização* a pulsão de morte como empuxo à destruição. Nesse artigo, Freud comenta inclusive que as idéias ali desenvolvidas decorrem do que já iniciara em *Mais além do princípio de prazer* e que estará tão-somente concedendo maior relevo às mudanças operadas. Freud reconhece que não é possível ignorar a ubiqüidade da agressão e destruição não eróticas, e que, em conseqüência, o outro não é somente um possível auxiliar e objeto erótico, mas uma tentação — serve para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo.⁹⁶ Desse modo, a pulsão de morte é concebida como fundamento irreduzível da maldade nos humanos, é concebida como pertencente a um princípio autônomo e originário.

⁹⁵ WOLLHEIM, R. **Sigmund Freud**. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 212.

⁹⁶ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p. 3046.

Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações do pulsão destrutiva (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiqüidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida. (O desejo de destruição, quando dirigido *para dentro*, de fato foge, grandemente à nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.) Recordo minha própria atitude defensiva quando a idéia de uma pulsão de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela. Que outros tenham demonstrado, e ainda demonstrem, a mesma atitude de rejeição, surpreende-me menos, pois ‘as criancinhas não gostam’ quando se fala na inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade.⁹⁷

A destrutividade se faz cada vez mais presente nas elaborações teóricas de Freud a partir das investigações concernentes ao narcisismo. Esse passo foi iniciado quando a psicanálise sondou mais detidamente o eu como responsável pelo recalque, capaz de erigir defesas protetoras e formações reativas. Um avanço importante foi a observação da regularidade com que a libido é retirada do objeto e dirigida ao eu, especialmente sob a forma de identificações com o objeto de investimento. Os estudos sobre a melancolia trouxeram forte incremento a essas investigações; também a pesquisa relativa ao desenvolvimento libidinal das crianças em suas primeiras fases levou à conclusão de que o eu é o reservatório originário da libido, e desse reservatório ela se estende aos objetos. Freud também se deu conta de que o próprio eu pode se encontrar numa situação de objeto sexual, e a libido, que assim se aloja no eu, foi descrita como ‘narcísica’.

Narcisismo e agressividade caminham juntos. Comentamos no capítulo anterior, que Freud postulou um narcisismo primitivo, identificado ao prazer, que exclui de si toda sensação de desprazer. O eu é relacionado ao prazer auto-erótico e, por isso, amado; tudo que está relacionado ao desprazer é exterior e odiado. Da perspectiva do surgimento do

⁹⁷ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p. 3050.

objeto, o ódio é mais antigo que o amor. Antes das alterações dos anos vinte, Freud identificava a presença de um componente sádico na pulsão sexual. Já em *Os três ensaios para uma teoria sobre a sexualidade*, referia-se ao sadismo-masochismo como estando na base do sofrimento neurótico; mas não somente, pois a melancolia como o salientamos, expressa exemplarmente esta questão. O aspecto mais singular desse par antitético é constituído pelo fato de as duas formas, ativa e passiva, ou masculina e feminina, aparecerem na mesma pessoa e a melancolia também aponta para esta observação. A agressividade, sob a forma de perversão, pode dominar toda a atividade sexual de um indivíduo e é observada como componente importante das ‘organizações pré-genitais’.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud salienta a dificuldade de apreensão da pulsão de morte: podemos apenas suspeitar dela, por assim dizer, como algo situado em segundo plano, por trás de Eros, fugindo à detecção, a menos que sua presença seja traída pelo fato de estar acoplada a Eros. E então destaca o seguinte a respeito dessa pulsão e da satisfação narcísica:

É no sadismo — onde a pulsão de morte deforma o objetivo erótico em seu próprio sentido, embora, ao mesmo tempo, satisfaça integralmente o impulso erótico — que conseguimos obter um conhecimento mais claro de sua natureza e de sua relação com Eros. Contudo, mesmo onde ela surge sem qualquer intuito sexual, na mais cega fúria de destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação da pulsão se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, pois oferece ao eu a realização dos seus mais arcaicos desejos de onipotência.⁹⁸

Dessas observações resultavam perguntas: como pode o componente agressivo, cujo intuito é destruir o objeto, derivar de Eros? Não é admissível que esse sadismo seja uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcísica, foi expulsa do eu e,

⁹⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*, p. 3052.

conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? Dessa perspectiva, então, Freud considera em *Mais além do princípio de prazer* que, ao longo da fase oral da organização da libido, o domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição deste. Posteriormente, a pulsão sádica é isolada e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, na masculinidade, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à consecução do ato sexual. Assim, o sadismo, expulso do eu, apontou o caminho para os componentes libidinais e estes o seguiram para o objeto. Quando o sadismo não é mitigado, encontramos intensa ambivalência de amor e ódio na vida erótica, tão característica, por exemplo, da neurose obsessiva. As observações clínicas conduziam à concepção de que o masoquismo, componente complementar ao sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio eu do sujeito. Em princípio, porém, não existe diferença entre uma pulsão voltar-se do objeto para o eu ou do eu para um objeto, que é o ponto em que se acha em discussão atualmente. O masoquismo, o retorno da pulsão para o eu, constituiria, nesse caso, um retorno a uma fase anterior da história da pulsão, uma regressão.⁹⁹ A conseqüência disso foi postular um masoquismo primário, tal como veremos a seguir.

Freud vai percebendo cada vez mais que, ao final do complexo de Édipo, há uma instância que se destaca no seio da estruturação do eu e apresenta uma conexão bastante importante com as questões que o levaram a formalizar o conceito de pulsão de morte. Essa instância, que em *O eu e o isso* é designada por supereu, tanto influencia nas condições do recalque quanto se fundamenta no recalcado. Foi a observação dos estados paranóides, da melancolia e das neuroses de transferência que inicialmente propulsionou as pesquisas sobre essa divisão no eu, que vem a cumprir funções de ideal, consciência moral, proteção, humor e castigo. Com isso, também se observou que o supereu cumpre o papel de assinalar

⁹⁹ FREUD, S. *Mais além do princípio de prazer*, p. 2535.

constantemente ao eu sua distância ou proximidade em relação ao ideal e desse modo regula a satisfação narcísica. Relacionado com a satisfação, há um importante destino pulsional, abordado por Freud em *As pulsões e seus destinos*¹⁰⁰: o retorno ao próprio eu, presente na formação dos sintomas e nas resistências do paciente.

Uma das vertentes da dupla sustentação do sintoma sempre se estabelece vinculada a traços da polimorfia perversa infantil, na mais estreita relação com o supereu: o exercício da crueldade. Essa singularidade é expressa no sintoma, que cristaliza a manutenção, ou melhor, a aderência ao padecimento. Toda análise revela que, no sintoma, o eu extrai satisfação masoquista, e assim o faz colocando-se como objeto do supereu.

Pois bem, a resistência é obstáculo ao saber do inconsciente, é obstáculo à análise, à cura. Notemos aqui que a propensão à manutenção do sintoma é o cerne da “reação terapêutica negativa”. Freud a define como um movimento do eu que toma a possibilidade de desembaraçar-se do sintoma como um novo perigo e tende assim a agarrar-se à enfermidade. Sobre isso, relata-nos o seguinte:

Acabamos por descobrir que se trata de um fator de ordem moral, de um sentimento de culpa que encontra sua satisfação na enfermidade e não quer renunciar ao castigo que a mesma significa. Mas este sentimento de culpabilidade permanece mudo para o neurótico. Não lhe diz que é culpável e deste modo, o sujeito não se sente culpável, mas enfermo. Este sentimento de culpa não se manifesta senão como uma resistência dificilmente reduzível contra a cura.¹⁰¹

A investigação a respeito dos motivos das resistências levou à constatação de uma necessidade de punição, conduzindo a teoria ao tema do masoquismo. Na conferência de 1932, *Angústia e vida pulsional*, Freud refere-se às resistências e sua relação com as

¹⁰⁰ FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*, p. 2045.

¹⁰¹ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2722.

pulsões: afirma que a importância prática dessa descoberta não é menor do que sua importância teórica, uma vez que a necessidade de punição é o maior inimigo do tratamento. O analisante obtém satisfação no sofrimento que está vinculado à neurose e, por essa razão, aferra-se à condição de estar doente. Parece que esse fato, uma necessidade inconsciente de castigo, faz parte de toda doença neurótica. E aqui são inteiramente convincentes aqueles casos nos quais o sofrimento neurótico pode ser substituído por sofrimento de outra espécie.¹⁰²

Como já acentuamos, há um fracasso doloroso que o paciente repete quando, em determinados pontos do trabalho analítico, as resistências se fazem sentir em um primeiro plano de atuação. Cabe agora frisar que o tema das resistências se encontra, no pensamento freudiano, interligado ao mote relativo às “alterações do eu”, especialmente salientado em *Análise terminável e interminável*¹⁰³. As “alterações do eu” aparecem aí como um dos fatores que decidem tanto pela analisabilidade quanto pela resolução da neurose transferencial.

Além de descrever a formação do caráter do eu como se dando em função de abandonos sucessivos de objetos sexuais, coisa que define a identificação secundária, a expressão “alterações do eu”, Freud a emprega para expor os efeitos produzidos no eu pelas defesas por este utilizadas com o propósito de domínio da força pulsional. Tais reações defensivas são auxiliares na estruturação do eu, pois servem como mediadores na condução da excitação pulsional rumo à satisfação pela descarga motora e, portanto, fazem um trabalho necessário face à pressão das pulsões, que acima de determinado limiar de suportabilidade poderiam ser danosas à organização desse eu.

¹⁰² FREUD, S. **Angústia e vida pulsional**, p. 3162.

¹⁰³ FREUD, S. **Análise terminável e interminável**, p. 3356.

As defesas, porém, tendem a se incrustar no eu e a formar modos regulares de reações caracterológicas que se repetem, podendo, assim, como é o caso da neurose, levar o sujeito a um enorme dispêndio dinâmico na manutenção de uma estereotipia bastante sofrida. A construção que Freud delineia a respeito das alterações do eu procede segundo linhas que elaboram a seguinte diretriz: sendo o eu uma parte do isso modificado pelo sistema perceptivo, o primeiro almeja, desde o início, mediar o mundo externo com o isso, no justo propósito de proteger o isso das restrições e exigências que lhe são externas. Mas, percebendo pouco a pouco que a exigência de satisfação desenfreada e imediata do isso não apenas é impossível mas perigosa — primeiramente porque não levaria à satisfação, mas a uma alucinação, e também porque esbarraria nas exigências advindas daqueles que a criança ama e dos quais depende —, o eu passa a utilizar-se de medidas defensivas em relação ao isso e a tomar suas exigências como perigos externos. Sob a influência da educação, o eu começa a trazer para dentro a luta que anteriormente travava — a serviço do princípio de prazer — com o mundo externo e a tratar a intempestividade do isso como um perigo.

As defesas podem se tornar perigosas quando o eu continua a servir-se delas mesmo que se faça necessário eliminá-las. A problemática que Freud observa a respeito das defesas, que aparecem na análise sob a forma de resistência, relaciona-se ao seu uso continuado frente a perigos que já não mais existem na realidade: “O eu sente-se compelido a ir buscar na realidade situações de perigo que possam servir de substitutos das antigas situações perigosas para justificar em relação a elas os seus modos habituais de reação”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ FREUD, S. **Análise terminável e interminável**, p. 3354.

O assunto central desse trecho é a satisfação: para o eu, é preciso que haja, a qualquer custo, a justificativa para os seus “modos habituais de reação” — leia-se aqui “modos fixos de obter satisfação”.

A resistência diz respeito à satisfação pulsional; como bem vimos, Freud adentra no tema da repetição a partir da observação clínica da repetição do desprazer, do fracasso, da formação sintomática na transferência, sobretudo pela vertente da resistência. A remissão à necessidade inconsciente de castigo, manifestada no curso da análise pela resistência ao tratamento, é subproduto da angústia. Esse é o viés que a observação freudiana assume quando, a partir do acolhimento da repetição no campo de ação da cura, chega às últimas elaborações a respeito da pulsão de morte e sua silenciosa apresentação na repetição.

Além disso, encontramos no texto *O eu e o isso* que a pulsão de morte pode ter três destinos distintos: uma parte dela pode ficar neutralizada pela sua mescla com componentes eróticos; outra parte é orientada para o exterior como agressão; e a terceira continua livremente seu trabalho interno, tomando o próprio sujeito como objeto¹⁰⁵. Freud se pergunta:

Como é que o supereu se manifesta essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica — pois o sentimento de culpa é a percepção no eu que responde a essa crítica) e, além disso, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade para com o eu? Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o supereu excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o eu com violência impiedosa, como se tivesse se apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço. Seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no supereu e voltou-se contra o eu. O que está influenciando agora o supereu é, por assim dizer, o puro cultivo da pulsão de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o eu à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania.¹⁰⁶

¹⁰⁵ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2725.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 2724.

Essa terceira modalidade, de tornar “metabolizável” a pulsão, é o tema central de *O problema econômico do masoquismo*.¹⁰⁷ Nesse artigo, de 1924, Freud retoma algumas idéias dos *Três ensaios para uma teoria sobre a sexualidade* e reafirma que a excitação sexual nasce como efeito secundário de uma gama de processos internos que, em função de sua intensidade, sobrepõem determinados limiares de excitabilidade e então são sentidos como tais. Todo processo de certa relevância, aliás, traz algum elemento ao movimento libidinal¹⁰⁸. Como resultado, também a dor traz conseqüências e, durante algum tempo na infância, coexiste com a excitação da pulsão sexual, formando o substrato do masoquismo feminino, por exemplo. Mas não apenas isso, pois o encontramos também na base do masoquismo moral que fundamenta os tensionamentos entre o eu e o supereu, que anteriormente relacionávamos com o “sentimento inconsciente de culpabilidade”.

Coexistindo de algum modo com a excitação da pulsão sexual, esse masoquismo, que poderíamos conceber como condicionante da excitação sexual, embora seja transitório, por outro lado, sobrevive no sujeito e ali se fixa a componentes libidinosos como “masoquismo primário”:

Ainda que, não sendo totalmente exato, pode-se afirmar que a pulsão de morte que atua no organismo — o sadismo primário — é idêntica ao masoquismo. Uma vez que a sua principal parte fica orientada para o exterior e dirigida para os objetos. Perdura no interior, como resíduo, o masoquismo erógeno propriamente dito, o qual chegou a ser por um lado, um componente da libido; mas continua por outro, tendo como objeto o próprio indivíduo.¹⁰⁹

¹⁰⁷ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*, p. 2752.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 2754.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 2755.

Desse modo, Freud acrescenta que o masoquismo seria um testemunho e uma sobrevivência do tempo em que se formou o amálgama entre a pulsão de morte e Eros¹¹⁰. Isto é, o masoquismo erógeno, que observamos no modo como o eu se faz objeto para a pulsão, é um reavivamento ou, se quisermos, uma atualização do ponto em que a pulsão se faz inscrição — na linguagem freudiana, ponto em que o livre curso da energia se faz ligado. Trata-se aqui do engendramento do representante ideativo da pulsão. De acordo com as reflexões de *Mais além do princípio de prazer*, esse processo é possível somente com a presença do sinal de angústia. É preciso acrescentar, nesta altura de nossa reflexão, que a temática relativa à presença-ausência do falo está conectada a essa teorização e que trataremos de explicitá-la no Capítulo 4 ao abordarmos a noção freudiana de recalçamento primário.

O aspecto mais importante de toda essa argumentação, para retomarmos o fio da meada, está na observação de Freud de que o masoquismo primário se encontra em todas as modalidades de satisfação pulsional das fases libidinais: “O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da primitiva organização oral; o desejo de ser maltratado pelo pai, da fase sádico-anal imediatamente posterior; a fase fálica da organização introduz no conteúdo das fantasias masoquistas, a castração”¹¹¹. Freud, após debruçar-se detidamente sobre seus casos clínicos, conclui que nos diversos modos de satisfação pulsional há um masoquismo primário — resíduo, sobrevivência e testemunho do tempo em que se enlaçaram o desejo e a pulsão. É preciso aqui sublinhar que o masoquismo primário em questão é observado na realidade da fantasia, mas também no afeto da

¹¹⁰ Loc. cit.

¹¹¹ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo**, p. 2755.

angústia. A fantasia e a angústia parecem estar freqüentemente em mútua consonância: a primeira emerge no sentido de dar conta da segunda.

O dualismo pulsional do último período metapsicológico apresenta, por um lado, a pulsão sexual como situada no campo das representações (*Vorstellungen*) que fornecem a matéria-prima para a realidade dos fantasmas inconscientes e, por outro, a pulsão de morte, que se situa além do princípio de prazer, no império do silêncio de representações ou, se quisermos, de significantes, para evocar um termo pós-freudiano a respeito do assunto. De todo modo, a pulsão de morte é, na obra freudiana, um elemento fora do circuito das representações operacionalizadas pelo princípio de prazer.

Ademais, são essas mesmas representações que demarcam a fronteira de exterioridade a elas. No seminário de 1960, *A ética da psicanálise*, Lacan considera que a pulsão de morte deve ser situada no âmbito histórico, uma vez que ela se articula num nível que só é definível em função do campo das representações, da cadeia significante.¹¹² E isto porque, uma vez que é uma referência de ordem, pode ser situada em relação ao funcionamento da natureza. “É preciso algo para além dela, onde ela mesma possa ser apreendida numa rememoração fundamental, de tal maneira que tudo possa ser retomado, não simplesmente no movimento das metamorfoses, mas a partir de uma intensão inicial.”¹¹³ Lacan acrescenta ainda que:

A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado. O que ela poderia ser? — senão uma vontade de destruição direta se assim posso me expressar. Não dêem absolutamente relevância ao termo de vontade. Qualquer que seja o interesse que a leitura de Schopenhauer, por sua ressonância, pôde ter despertado em Freud, não se trata de nada que seja de uma *Wille* fundamental, e é somente para fazer vocês sentirem a diferença desse registro com a tendência ao equilíbrio que estou chamando-o assim por enquanto. Vontade de destruição.

¹¹² LACAN, J. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 258.

¹¹³ Id.

Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de outra coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante.

Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia de significante. Efetivamente é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar.¹¹⁴

Retornando à observação freudiana, o analisante repete, e essa repetição traz, sob a forma de resistência, o nódulo de uma operação do “aparelho psíquico” que busca assimilar ao seu universo aquilo que Freud chama de “mais além do princípio de prazer”. Assim, Freud aborda essa repetição como se apresentando no enquadramento das sessões e trazendo o elemento mais variável da pulsão, a saber, o objeto. Mas o faz pelo avesso, ao marcar que um objeto na experiência do sujeito toma compacidade: o eu. Lembremos que a formalização freudiana concebe, tal como já mencionamos anteriormente, que, em princípio, não há diferença entre uma pulsão voltar-se do objeto para o eu ou do eu para um objeto; que o masoquismo, a volta da pulsão para o próprio eu, constitui um retorno ou uma regressão a uma fase anterior da história da pulsão. O objeto é, portanto, o operador central na tematização a respeito da pulsão. O que há de invariável nela é sua peremptoriedade e sua satisfação, seja do modo que for. Todavia, para atingir seu fim, ela necessariamente o faz por intermédio de sua relação com o objeto, e este é, a rigor, absolutamente arbitrário, indeterminado *a priori*. Essa indeterminação *a priori* é precisamente o que constituirá a premissa do falo, como veremos. Ainda, a falta do objeto embasa o conceito de castração e toda a concepção de trauma, estando imbricado com a teoria da pulsão de morte.

Nos termos freudianos, a pulsão é um esforço, inerente ao organismo vivo, de reconstrução de um estado anterior. A pulsão quer reconstruir algo anterior, mas que estado

¹¹⁴ LACAN. J. A **ética da psicanálise**, p. 259.

anterior é esse? A pergunta lançada por Freud é se não existem pulsões que não procurem restaurar um estado anterior de coisas, um estado de coisas que nunca foi alcançado. A resposta irá recair sobre a temática do objeto:

Aquilo que, numa minoria de indivíduos humanos, parece ser um impulso incansável no sentido de maior perfeição, pode ser facilmente compreendido como resultado do recalque da pulsão em que se baseia tudo o que é mais precioso na civilização humana. *A pulsão recalcada nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação.** Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente da pulsão recalcada, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, nas palavras do poeta, ‘*ungebändigt immer vorwärts dringt*’. O caminho para trás que conduz à satisfação completa acha-se, via de regra, obstruído pelas resistências que mantêm os recalques, de maneira que não há alternativa senão avançar na direção em que o crescimento ainda se acha livre, embora sem perspectiva de levar o processo a uma conclusão ou de ser capaz de atingir o objetivo.¹¹⁵

O recalcado busca sem repouso a satisfação completa, a repetição de uma experiência primária de satisfação. Analisaremos no próximo capítulo o que o texto freudiano elabora sobre tal experiência primária de satisfação, especialmente a teorização concernente ao objeto, o objeto perdido da satisfação absoluta que se almeja compulsivamente reencontrar; e o impossível em direção ao qual a pulsão tende a retornar com o intuito de reconstruir um estado anterior.

Se a pulsão visa ao estabelecimento de um estado anterior, ou seja, a satisfação absoluta, que faria com que o aparelho psíquico ficasse livre de toda excitação, o princípio de prazer proporciona, para a economia psíquica, o objeto. Dizendo melhor, o inconsciente, entre tantas coisas, cumpre a função de fornecer a presença do objeto da pulsão. Paradoxalmente, o princípio de prazer gira em torno de um objeto que se encontra excluído

* O itálico é meu.

¹¹⁵ FREUD, S. **Mais além do princípio de prazer**, p. 2528.

de sua própria organização: o princípio de prazer tem suas operações fundamentadas numa ausência de objeto e opera no sentido de afirmá-lo como presente. Essa é a raiz da premissa do falo.

No que tange à pulsão, trata-se de um conceito fundamental da psicanálise, um *Grundbegriff*, o ponto de chegada de uma série de investigações clínicas e especulações teóricas. Vimos que a pulsão é uma construção teórica feita principalmente a partir de problemas levantados em torno da compulsão à repetição. Essa compulsão remete-nos a algo mais elementar, primitivo e pulsional que o princípio de prazer. Concebido inicialmente como tendo o domínio sobre o curso dos processos anímicos, o princípio de prazer agora é visto como tendência ao domínio, tendência apenas. Assim, o conceito de pulsão de morte nos situa numa teorização do campo psicanalítico que diz respeito ao lugar além da representação, lugar do silêncio e do acaso.

Freud afirmou que a teoria das pulsões é a “nossa mitologia”¹¹⁶, e talvez essa mitologia possa se tornar teoricamente compreensível quando abordamos o pequeno mito freudiano a respeito do objeto, ele mesmo “mais além do princípio de prazer”. Esse é precisamente o tema central do próximo capítulo.

¹¹⁶ FREUD, S. **Angústia e vida pulsional**, p. 3154.

Capítulo III

O MITO FREUDIANO SOBRE O OBJETO

A referência direta ao mito não surge unicamente em *Angústia e vida pulsional*, mas encontramos-la ao longo de toda a elaboração teórica de Freud. Em 1932, buscando responder à pergunta de Einstein sobre o que poderia ser feito para proteger a humanidade da maldição da guerra, Freud comenta as descobertas da psicanálise acerca da pulsão de morte e situa a mitologia como elemento constituinte da própria construção do conhecimento científico: “Talvez ao senhor possa parecer serem nossas teorias uma espécie de mitologia e, no presente caso, mitologia nada agradável. Todas as ciências, porém, não chegam, afinal, a uma espécie de mitologia como esta? Não se pode dizer o mesmo, atualmente, a respeito da sua física?”

Idêntica posição epistemológica se acha presente em *Análise finita e análise infinita*, texto no qual Freud evoca a feiticeira de Goethe e afirma: “sem uma especulação e uma teorização — quase diria fantasmaticização (*Phantasieren*) — metafísicas, não daremos um passo.”¹¹⁷

De acordo com Paul-Laurent Assoun, a última definição da atividade metapsicológica coincide com a atividade da fantasmaticização. Ele acrescenta ainda que, não obstante isso, “se o trabalho freudiano de racionalidade não pode reduzir-se a um banal racionalismo aplicado, precisamos evitar reduzir a *episteme* que ela decididamente engaja ao estatuto puro e simples de um fantasma como outro qualquer”.¹¹⁸ O tratamento teórico

¹¹⁷ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*, p. 3345.

¹¹⁸ ASSOUN, P.-L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 103.

da psicanálise se alimentaria, pois, de uma lógica do inconsciente cuja raiz seria o *Phantasieren*.

Levando em conta a pequena digressão a propósito da teorização nessa ponta extrema da atividade metapsicológica, o presente capítulo discorrerá a respeito da construção de um mito sobre o objeto. Sendo assim, trabalharemos inicialmente o paradigma do afeto em psicanálise, com o fito de introduzirmos elementos conceituais concernentes ao estatuto do objeto da pulsão — um objeto perdido, como veremos. Trataremos de retroagir a algumas elaborações iniciais do pensamento freudiano e apresentaremos um mito a respeito do início da vida mental como fundado em uma alucinação. Essa alucinação fundamental embasa a noção de “objeto perdido”, bem como o próprio princípio de prazer, colocando em perspectiva seu “mais além”. Desse modo, articularemos, oportunamente, essas reflexões com o pivô em torno do qual o inconsciente opera, ou seja, a ausência do falo.

Aos poucos, vamos encontrando no texto de Freud mais dados para a idéia afirmada no primeiro capítulo — sobre o falo como um elemento de natureza simbólica que faz emergir a presença diante de um vazio de representações. A premissa da universalidade do falo aponta para um arranjo simbólico próprio às operações dos pensamentos inconscientes e descreve a propensão destes para fazer proliferar representações, precisamente na medida em que se aproximam da falta do objeto, ou seja, da castração. Tal situação é sinalizada no eu com o afeto de angústia. De fato, em *A cabeça da Medusa*, Freud aborda a situação do horror contido na angústia, expresso no mito grego pelo olhar da cabeça decapitada da Medusa. O horror diante da falta suscita a emergência da produção fantasmática:

Decapitar = castrar. O terror da Medusa é assim um terror de castração ligado à visão de alguma coisa. Numerosas análises familiarizam-nos com a ocasião para isso: ocorre quando um menino, que até então não estava disposto a acreditar na ameaça de castração, tem a visão dos órgãos genitais femininos, provavelmente os de uma pessoa adulta, rodeados por cabelos, e, essencialmente, os de sua mãe.

Os cabelos na cabeça da Medusa são freqüentemente representados nas obras de arte sob a forma de serpentes e estas, mais uma vez, derivam-se do complexo de castração. Constitui fato digno de nota que, por assustadoras que possam ser em si mesmas, na realidade, porém, servem como mitigação do horror, por substituírem o pênis, cuja ausência é a causa do horror. Isso é uma confirmação da regra técnica segundo a qual uma multiplicação de símbolos de pênis significa castração.¹¹⁹

A multiplicação de símbolos fálicos diz respeito à falta de um objeto de grande valor. Estamos aqui no tema da angústia. Entre 1919, com o texto *O estranho*, e 1925, com *Inibição, sintoma e angústia*, Freud modifica a sua concepção sobre a angústia. Em linhas gerais, anteriormente concebia a angústia como resultado de uma transformação direta da libido em virtude do processo de recalque, e a afetação pela angústia recebia uma formalização particularmente detalhada no contexto econômico da metapsicologia. A vicissitude do fator quantitativo da representação pulsional admitia três variações: a pulsão poderia manter-se reprimida, não deixando desse modo nenhum vestígio; poderia surgir sob a forma de emoções e sentimentos quando enlaçada a representações e adquirindo um caráter qualquer; poderia ser transformada diretamente em angústia.¹²⁰ Dado que o recalque incide sobre o representante ideativo da pulsão, a quota de afeto permaneceria desligada temporariamente das idéias e se constituiria como um afeto, um *quantum* sem representação, suscitando intenso desprazer.

Ao aprofundar sua compreensão da angústia, Freud passa a considerá-la como a razão pela qual o eu opera com o recalque. Depois de realizar mais observações sobre o eu e formular sua segunda teoria do aparelho psíquico, sublinha que o eu é a sede da angústia.

¹¹⁹ FREUD, S. **A cabeça da Medusa**, p. 2697.

¹²⁰ FREUD, S. **O recalque**, p. 2054.

O primeiro passo da exposição metapsicológica, Freud o dá na reavaliação do processo do recalçamento.¹²¹ Esse processo tem como finalidade impedir uma descarga pulsional originada no isso. No entanto, sendo um acontecimento que ocorre no eu, qual a natureza de tal poder sobre um movimento pulsional? O eu não apenas tem acesso à motilidade — seu núcleo é a consciência — como, acima de tudo, se utiliza de força emprestada de outras instâncias.

Discorrendo sobre recalçamento, Mezan lembra que neste processo, o eu se alia ao supereu contra o isso. É dessa aliança que advém a eficácia do recalque, pelo menos o de tipo secundário.¹²² “por outro lado, se reprimir é exilar, não deixa de ser verdade que o impulso reprimido goza do “privilégio da extraterritorialidade”, desenvolvendo-se e ramificando-se fora do controle do ego”¹²³

O desejo recalçado, sob a forma de sintoma, pode se opor ao eu e se fazer manifesto de todo modo, exigindo a satisfação negada. Assim, o eu precisa renovar o sinal de desprazer e retomar mais uma vez o processo de recalque, num movimento indefinidamente sem começo nem fim. Freud analisa tal situação teórica e decide pela anterioridade da angústia. Como optar então pela antecedência da angústia em relação ao recalque? Freud responde que essa seqüência causal não necessita de esclarecimento econômico algum. A angústia não é criada novamente no recalque, mas é reproduzida como um estado afetivo em conformidade com uma imagem mnêmica já existente. O que há aqui é uma repetição. Ele acrescenta que,

¹²¹ FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**, p. 2837.

¹²² MEZAN, R. **Freud: A trama dos conceitos**, p. 307.

¹²³ Id.

se formos adiante e indagarmos da origem dessa angústia — e dos afetos em geral — estaremos deixando o domínio da psicologia pura e penetrando na fronteira da fisiologia. Os estados afetivos encontram-se incorporados à vida anímica como precipitados de acontecimentos traumáticos primitivos e são revividos como símbolos mnêmicos, em situações análogas aos ditos antiqüíssimos acontecimentos.¹²⁴

Esses antiqüíssimos acontecimentos da angústia primitiva concernem a um tempo mítico, estando profundamente relacionados à repetição, tal como vimos no capítulo anterior, e à falta do objeto da satisfação, que abordaremos ainda neste capítulo.

As considerações de Mezan sobre os mencionados “acontecimentos primitivos” apontam para a repetição. Ele argumenta que “é a repetição que funda o processo do desenvolvimento da angústia, a partir das similaridades percebidas entre determinada situação e seu modelo primordial.”¹²⁵

Outro comentário da angústia que retoma a repetição e acrescenta elementos interessantes é feito por Maria Inês França, ao relacionar a angústia com a sensação de estranhamento ou sensação do sinistro, abordada por Freud no texto *O estranho*. Ela diz que a estranheza revela o percurso de uma subjetividade na qual ocorre a vivência angustiante da impressão da ausência-presença do objeto. O que fica indicado na sensação de estranhamento é também o surgimento da alteridade na vida psíquica, de modo que, então, o familiar é o estranho. Levando em conta a compulsão à repetição, a autora, para subsidiar essas idéias, escreve o seguinte:

Em “Para Além do Princípio de Prazer” a compulsão à repetição implica o funcionamento pulsional em um “eterno retorno”, como algo mais primitivo que o princípio de prazer. Há um retorno a um ponto de partida. Ou seja, sempre há algo referido à perda primordial que diz respeito a um ponto de origem que faz repetir. É neste sentido que “o retorno ao inorgânico” em Freud não tem fundamento natural. O retorno fala de uma intensidade que

¹²⁴ FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**, p. 2837.

¹²⁵ MEZAN, R. **Freud: A trama dos conceitos**, p. 308.

força a descarga radical da pulsão e cria rupturas. Estas rupturas são produzidas pela pulsão de morte. É a repetição de um silêncio, de uma ausência, de um universo vazio que está na origem mítica do sujeito (...) Assim, a pulsão de morte pode ser traduzida como força constante disruptora, moção sem sentido, cujo correlato, o desamparo, tem como efeito-afeto a angústia, a angústia como ruído do real, como manifestação de uma verdade indizível. Este ruído remete ao objeto como “pura perda”, que é também potência de satisfação.¹²⁶

Freud destaca duas formas através das quais as pulsões se fazem presentes no plano psíquico: pelo representante ideativo ou pelo afeto que descreve o caráter intensivo da pulsão e aparece nos seus textos, inseridos em uma perspectiva de aumentos e diminuições de quantidades energéticas, por um lado, e, por outro, relacionado a aspectos qualitativos, especialmente pela série prazer-desprazer. Não podendo ser inconsciente, o afeto é um evento sempre sentido como tal e topicamente ocorre no eu. E ainda, na metapsicologia freudiana, as emoções e sentimentos são resultantes de um arranjo estabelecido entre idéias e afetos, que tomam as mais idiossincráticas nuances. No texto *O recalque*, Freud, ao abordar o assunto, afirma que relacionava o processo do recalçamento ao destino de um representante pulsional, entendendo por este último uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica proveniente de uma pulsão. Permanecia, portanto, a necessidade de esclarecer o destino do afeto nesse processo:

A observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de vez que essa observação nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo da pulsão tem de ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de recalque que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. A expressão *quota de afeto* tem sido freqüentemente adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde à pulsão na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos. A partir desse ponto, ao descrevermos um caso de recalque, teremos de acompanhar separadamente aquilo que acontece à *idéia* como resultado da repressão e aquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela.¹²⁷

¹²⁶ FRANÇA, M. I. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 52.

¹²⁷ FREUD, S. **O recalque**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2057.

Não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes e a rigor, a antítese consciente-inconsciente não se aplica à pulsão.¹²⁸ Pode, entretanto, haver estruturas afetivas no sistema inconsciente, que, como outras, se tornam conscientes. A diferença decorre do fato de que idéias são catexias — basicamente de traços de memória —, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos¹²⁹, diz Freud no texto *O inconsciente*. Entendemos que tais “processos de descarga” são, na obra freudiana, sinônimos de satisfação pulsional. Além disso, e como bem o situa Paul-Laurent Assoun, por trás do afeto, suspeita-se, é a sombra do Corpo que vamos encontrar. E tanto isso é verdade, que o afeto, sob um dos seus aspectos, dá para a psique, avesso da vida representacional e evoca por outro lado as potências do Corpo, verdadeiro desafio à metapsicologia.¹³⁰ “O afeto vem mesmo do corpo — ele exprime, nesse sentido, algo do fundo corporal da pulsão; mas é a título de “móvel” que adquire uma significação psíquica de pleno direito.”¹³¹

Descritivamente, a angústia apresenta uma síntese fisiológica com um espectro bastante amplo de manifestações e uma intensa produção imaginária de contornos dramáticos ou catastróficos. Esses eventos tendem para processos de descarga de excitações e atribuem à angústia um lugar bem específico na economia dos afetos. Há sempre a expectativa relativa a um perigo iminente, sendo-lhe ainda característica uma sensação de falta e imprecisão de seu objeto.

Esse afeto estranho é muito bem caracterizado por Assoun em *Metapsicologia freudiana*, que diz ser a indeterminação exatamente o que empresta à angústia seu caráter

¹²⁸ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 2068.

¹²⁹ Id.

¹³⁰ ASSOUN, P.-L. *Metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 151.

¹³¹ Ibid., p. 153.

discrepante no cotejo dos demais afetos. Trata-se aí de um afeto paradoxal, que é sentido sem ser claramente definido, mas exatamente por isso um “afeto puro”, já que algo de sua essência se desvela assim. O sujeito angustiado seria presa do afeto em si; e com razão, pois aí ele tropeça no ponto em que há uma disjunção entre a idéia inconsciente e o afeto. Há aí uma forma endógena do medo, já que dirigida a um perigo propriamente interno. Assoun continua:

O afeto, neste sentido, seria este vivido oriundo da transformação da angústia, espécie de angústia subjetivada em “percepção”. Nisso se avalia que a angústia, longe de ser uma patologia do afeto pura e simples, abre caminho para a essência do afeto. Com efeito, pode-se dizer que a angústia é a “marca de fábrica” inconsciente do afeto e por isso mesmo o virtual “equivalente geral” de todo afeto: “É possível que todo o desenvolvimento do afeto proceda diretamente do sistema inconsciente, e nesse caso tem sempre o caráter de angústia, contra a qual são trocados todos os afetos realçados”*. Existe aí uma espécie de valor comum a todo afeto, de vez que ele é suscetível, numa espécie de equivalente psíquico da “forma mercadoria”, de ser trocado por angústia. A angústia, nisso tudo, é o afeto menos específico e o que nos faz tocar mais de perto essa “essência” não encontrável no afeto, já que é o denominador comum de todo afeto, sua realidade inconsciente.¹³²

Sendo o perigo considerado originalmente como de natureza interna e inclusive servindo de condição e preparação para que um perigo exterior seja percebido como real, foi necessário retornar à clínica e à trama dos conceitos para verificar o que estaria como anterior à própria angústia¹³³, com o fito de esclarecer a natureza do perigo em questão. Destarte, foi justamente na investigação sobre o que está posto no fundo da angústia que Freud desenvolveu uma série de considerações relevantes a respeito do conceito de trauma.

Discorrendo sobre a angústia num trabalho intitulado *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*, Zeferino Rocha comenta que a angústia de perder o objeto materno é

* Aqui Assoun remete seu leitor ao texto *O inconsciente*, de Freud.

¹³² ASSOUN, P.-L. *Metapsicologia freudiana*, p. 160.

¹³³ FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*, p. 2876.

uma modalidade da angústia de separação que surge na mente infantil somente quando a criança já é capaz de investir a mãe como objeto de amor, mas ainda não sabe fazer a distinção entre uma ausência temporária e uma perda definitiva:

No começo, para ela só existe o que pode ser visto, tocado, sentido e ouvido. Quando a mãe não está ao alcance dos seus sentidos, é como se tivesse desaparecido e a criança imagina que a perdeu. Freud diria: a perda da percepção (*Wahrnehmungsverlust*) equivale a uma perda do objeto (*Objektverlust*). Neste caso, o que estaria em jogo não seria propriamente uma situação de perigo, mas uma situação traumática, especialmente se, ao constatar a ausência da mãe, a criança sente uma necessidade que a mãe deveria satisfazer. Enquanto a criança não tiver um eu suficientemente constituído, ela viverá as ausências da mãe como uma perda de objeto e será dominada por uma angústia automática totalmente incapaz de controlar. (...) Temos um magnífico exemplo do trabalho de controle da angústia da perda do objeto materno no jogo de carretel de linha, que Freud presenciou, um dia em que observava seu neto brincar, e que nos apresenta no livro *Além do Princípio de Prazer*.¹³⁴

Três situações tornam compreensível o motivo das angústias primitivas na vida infantil: quando a criança percebe-se só, a escuridão e o deparar-se com a presença de alguém estranho em vez de alguém que lhe seja familiar. Nas três situações, o ponto comum é a falta de um objeto amado. A tese freudiana aqui é a de que esse objeto tão fundamental, que vai ficar posteriormente ancorado na mãe, é originalmente relativo a uma alucinação. Sendo assim, cabe aqui retomar a passagem de “Inibição, Sintoma e Angústia” já colocada no primeiro capítulo desta dissertação*:

A imagem mnêmica da pessoa desejada é certamente de um investimento muito intenso e, a princípio, provavelmente alucinatória. Mas isso não acarreta em solução alguma e parece como se este desejo se transformasse em angústia. Chegamos inclusive a ter a impressão de que tal angústia tem toda a aparência de ser a expressão do sentimento da criança ao finalizar seus julgamentos, como se em seu ainda precário estado de desenvolvimento não soubesse de nada melhor para controlar seus investimentos de desejo. A angústia surge aqui

¹³⁴ ROCHA, Z. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 115.

* Vide páginas 15/16.

como uma reação ao fato de perceber a falta do objeto, circunstância que nos remete que o temor à castração tem por conteúdo a separação de um objeto muito estimado e que a angústia mais primitiva — a do nascimento — surgiu ao ser verificada a separação da mãe.¹³⁵

A angústia, diz-nos Freud, tem o caráter de reação face à percepção da falta e, no desdobramento de idéias aqui apresentado, refere-se a percepções inclusas no transcorrer de uma alucinação. O temor à castração está fundado num fantasma que põe em destaque o tema da separação de um objeto. Mesmo a angústia mais primitiva, a do nascimento, não surgiu na época do nascimento, mas posteriormente, quando um objeto muito estimado já existe no psíquico.

Mais uma vez, Freud aplica ao contexto das suas explicações a noção de posterioridade, *Nachträglichkeit*. É *a posteriori* que se dá a significação originária de um evento. Não se dá de antemão, mas constitui-se numa história em que há experiências reais e fantásticas, a partir de inúmeros registros: inscrições, imagens, subsídios simbólicos sem qualquer significação a princípio, mas que se interligam retroativamente e assim adquirem um contorno de significação — um acontecimento primitivo passa a existir como tal e a ter valor de impacto sobre o sujeito.

Esse impacto relativo à perda do objeto está imbricado com o fator econômico que participa decisivamente para a constituição do núcleo do perigo. A tese é explicitada nos termos de um processo de deslocamento que se inicia quando a criança tem o registro de que um objeto exterior — apreensível pela percepção — possa extinguir a recordação de uma angústia primitiva de separação. Tal angústia primitiva teria ocasionado uma grande perturbação econômica, cujo efeito é doloroso e tomado, portanto, como perigoso. O

¹³⁵ FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**, p. 2862.

procedimento no sentido de tentar extinguir esse perigo está em deslocar o conteúdo do perigo da situação econômica para a condição determinante de tal situação, isto é, a perda do objeto. O perigo é, então, a ausência da mãe e, quando o bebê se dá conta disso, emite um sinal de alarme antes que chegue a se estabelecer a temida situação econômica.¹³⁶

No item B do apêndice do texto *Inibição, sintoma e angústia*, verificamos que é decisivo o primeiro deslocamento da situação de cataclisma econômico para a expectativa de tal situação. Os deslocamentos se sucedem ao longo da história do desenvolvimento libidinal, até estabelecerem uma marca particular na assim denominada fase fálica. A partir do complexo de Édipo, toda angústia é de castração e concerne a um desamparo.

No que tange ao fator econômico a respeito da angústia, sublinhado por Freud, trata-se das magnitudes de excitação pulsional, que, sem possibilidade de domínio e ação eficaz para descarga, se elevam na proporção do extremo desprazer, da dor. A tese do desamparo psíquico, paralelo ao desamparo biológico, se sustenta nessa base, e é a noção de desamparo que fundamenta a teoria do trauma. Assim, de um estado de dispersão e instabilidade no interior do psiquismo primitivo ocorre um deslocamento de investimentos para o objeto da satisfação; a partir daí, estando esse objeto ausente, configura-se a situação de desamparo.

A falta do objeto é, portanto, a matriz de um alerta que antecipa vividamente o perigo, no sentido de reduzir a dor a um mero sinal de sua possibilidade. A angústia é uma produção reativa do eu, que irrompe como alerta de perigo, para servir de referência à experiência dolorosa da falta do objeto. Há, por um lado, uma expectativa do trauma e, por outro, uma reprodução mitigada desse trauma.

¹³⁶ FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*, p. 2863.

Na perspectiva freudiana, o perigo tem seu fundamento naquilo que se constitui a princípio como uma exterioridade ao sujeito. Dado que, na fase autoerótica de estruturação da libido, é impossível o discernimento entre um perigo real exterior e um interno de natureza pulsional, ambos se constituem como uma só exterioridade. No evento traumático do desamparo, a situação é coincidente tanto num caso como no outro — o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico.¹³⁷ O mesmo ocorre com a dor, pois, além de certo limite de suportabilidade, é indiferente se há ou não erro de interpretação a respeito de qual é a exterioridade em questão. De todo modo, no que tange a esse assunto, parece-nos que Freud indica que se trata de uma exterioridade ao campo das representações. Daí o aspecto “marginal” do afeto, tal como Assoun acertadamente se refere e acrescenta que Freud ressalta constantemente seu poder de resistência.¹³⁸ Assoun também comenta que o afeto se define por essa pressão sobre o sistema consciente, onde ele se faz admitir sob a forma de um certo “vicariato”. “Tal é o estatuto “meta-psicológico” (e de certa forma “meta-físico”) do afeto: estirado entre a virtualidade inconsciente e o afloramento consciente”¹³⁹ Neste sentido, a angústia é uma espécie de som resposta de algo que se origina no isso e que surge no eu, tal como Inês França a situa.¹⁴⁰

É que a angústia supõe que se estabeleça a presença ou ausência de algo e sinaliza o perigo, como vimos. E essa sinalização é, poderíamos dizer, da ordem de um saber. “O estabelecimento desse saber inclui o efeito da ameaça inquietante e permanente que indica os limites da realidade psíquica, onde em um “vivido” nenhuma subjetivação é possível. É aí que a angústia como resposta, adquire sua dimensão fundante, a dimensão de efeito-

¹³⁷ FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**: complemento ao tema da angústia, p. 2880.

¹³⁸ ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana**, p. 164.

¹³⁹ Id.

¹⁴⁰ FRANÇA, M. I. **Psicanálise, estética e ética do desejo**, p. 25.

lembrança de uma impressão”¹⁴¹ Para a autora, é necessário aqui, a subversão da noção de lembrança. O lembrar uma impressão quer dizer que um sinal percebido adquiriu a importância efetiva de um trauma. Trata-se então, do sinal resposta que se deixa tocar, emocionar, mas não dizer. A angústia é, deste modo, som em silêncio da palavra, é umbral de um lugar impenetrável. E é sobre isso precisamente que Lacan discorre em *A ética da psicanálise*, quando diz:

A direção na qual envereda o pensamento freudiano é sempre a de colocar o afeto na rubrica de sinal. Que Freud tenha chegado a colocar, no termo da articulação do seu pensamento, a angústia na cota do sinal, já deve ser para nós, suficientemente significativo. Mas o que buscamos está para além da organização do *Lust-Ich*, uma vez que está ligado, num caráter fenomenal, ao maior ou menor investimento do sistema das *Vorstellungsrepräsentanten*, ou seja, dos elementos significantes do psiquismo.¹⁴²

Vale lembrar que, após 1920, com o conceito de pulsão de morte, o aparelho psíquico é mais explicitamente caracterizado como tendo que lidar com uma força pulsional que não se faz representar. O isso como pólo pulsional é relacionado a uma exuberância de excitações que ultrapassa o registro do inconsciente. Mas qual a relação existente entre a ausência de representações ideativas e o tema da falta do objeto que vimos abordando ao tecer considerações a respeito da angústia e do traumático?

Precisamos adentrar nas reflexões iniciais de Freud e extrair delas os fundamentos a respeito do objeto. Isso porque as ponderações a propósito da angústia, especialmente em *Inibição, sintoma e angústia*, retroagem a idéias desenvolvidas em 1895 no *Projeto de uma psicologia para neurólogos* e na *Interpretação dos sonhos*, de 1900. Especialmente nesse período inicial, as inquietações sobre os casos clínicos levaram-no a buscar

¹⁴¹ FRANÇA, M. I. Loc. cit.

¹⁴² LACAN, J. *A ética da psicanálise*, p. 130.

fundamentação teórica para o funcionamento do aparelho psíquico a partir de um jogo de distribuição de quantidades ao longo de substratos identificados como neurônios.

Na concepção de Freud, tanto a estrutura quanto o desenvolvimento e a função desse aparelho têm como ponto de partida um “princípio de inércia”, que descreve uma tendência reflexa dirigindo-se ao zero da excitação, ao alívio completo pela descarga motora. Tal alívio suscitaria a satisfação. Esse ponto de partida oferecia quesitos para começar a pensar um pólo receptor de estímulos e outro de derivação ou escoamento desses estímulos. A função primária de tendência à inércia estabelece o norteamento para que a excitação retorne a um estado anterior ao seu próprio aparecimento.

Contudo, o princípio de inércia fixa os termos de uma direção que é transgredida numa postergação curiosa, porque é no propósito mesmo de acabar com a excitação endógena que a tendência originária à inércia é adiada. Frente às necessidades vitais inadiáveis, a fuga é ineficaz e impele o organismo a uma multiplicação de meios para o escoamento. Assim, a noção de um princípio de funcionamento, em referência às quantidades de excitação, é concebida a partir de um nível tolerável e mínimo para a defesa contra a própria excitação.

Sendo a fuga ineficaz face às necessidades vitais (estados de urgência da vida), a conseqüência é uma alteração interna que conduz ao choro, à inervação muscular ou a expressões de emoções sem alívio em relação ao crescente incremento da tensão interna. Freud, no *Projeto*, salienta que o bebê humano não pode, por si mesmo, levar a cabo uma ação que extinga um estado de necessidade. Para tanto é imprescindível a assistência de um outro: a criança chama a atenção de uma pessoa sobre o estado em que se encontra “mediante a condução de descarga pela via de uma alteração interna (o choro, por exemplo). Essa via de alteração interna adquire a importantíssima função secundária da

comunicação com um semelhante, e o desamparo originário do ser humano converte-se, assim, na fonte primordial de todas as motivações morais.”¹⁴³

A situação de desamparo diante do crescente aumento da estimulação advinda do interior do corpo e requerendo alívio, que necessariamente é promovido através de assistência externa (geralmente pela mãe), estabelece uma experiência que acarreta uma importante conseqüência: trata-se de um acontecimento descrito num pequeno mito de uma “experiência primária de satisfação”¹⁴⁴, no qual Freud introduz uma noção bastante original de objeto.

Esse mito trata de um princípio da vida mental como vinculado a satisfação de necessidades vitais, como, por exemplo, a primeira experiência de saciação da fome. Da experiência de satisfação, o que perdura é um registro; ou, na linguagem do *Projeto*, estabelece-se uma conexão entre duas imagens mnêmicas — a imagem do objeto da satisfação e a imagem da descarga suscitada pela ação específica. Lacan comenta essa ação específica dizendo que quando Freud traça o esboço daquilo que pode representar o funcionamento normal do aparelho, ele fala de algo correspondente a uma satisfação. “Há um grande sistema por trás dessa *spezifische Aktion*, pois ela não pode corresponder senão ao objeto reachado. Esse é o princípio da repetição em Freud (...) A essa *spezifische Aktion* faltará sempre alguma coisa.”¹⁴⁵ Explicitemos, pois, o mito, retornando ao *Projeto*.

Com o reaparecimento de um estado análogo ao anterior à satisfação, o aparelho psíquico, dado seu estado primitivo de operação, tende a orientar-se automaticamente pelos registros recém-adquiridos, uma vez que não lhe é possível discernir entre a representação e

¹⁴³ FREUD, S. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**, p. 229. (Obs.: encontramos afirmação quase idêntica em *A interpretação dos sonhos*, p. 689).

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 29.

¹⁴⁵ LACAN, J. **A ética da psicanálise**, p. 56.

sua existência na realidade exterior. Sendo assim, o movimento operado é no sentido de acionar ou investir as duas imagens, situação que produz uma experiência bem semelhante à percepção da satisfação.

Efetivamente, o que acontece é uma alucinação, decorrente de uma identidade de percepção, que proporcionará intenso incremento do desprazer, em função do aumento da excitação e nenhum alívio por meio de uma ação específica. Esse é o fundamento do norte regressivo de orientação da libido: o rumo dos processos psíquicos primários que procura encontrar uma satisfação sem que um objeto real precise existir. Trata-se de um empuxo que se instaura pela insistência em reproduzir uma experiência impossível. Os sonhos continuam todas as noites esse modo primitivo de processamento. Na *Interpretação dos sonhos*, essas mesmas idéias do *Projeto* reaparecem precisamente quando Freud busca abordar a natureza do desejo inconsciente. Assim, as conseqüências da vivência de satisfação são postas nos termos de uma imagem mnêmica [que] fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade.

Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e revocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” — uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade. A amarga experiência da vida deve ter transformado essa atividade primitiva de pensamento numa atividade secundária mais conveniente. O estabelecimento de uma identidade perceptiva pela curta via da regressão no interior do aparelho não tem em outro lugar da psique o mesmo resultado que a catexia dessa mesma percepção desde o exterior. A satisfação não sobrevém e a necessidade perdura.¹⁴⁶

¹⁴⁶ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**, p. 689.

Mas, retornando ao *Projeto*, o malogro na realização alucinatória de desejos, no despertar da dor, dá outro curso ao processo: uma defesa contrária ao alucinar a satisfação e o seu objeto. A dor põe em funcionamento todos os sistemas do aparelho psíquico. Primeiro, porque ela é sentida como desprazer pelo sistema perceptivo e, segundo, porque ela cria no sistema de memória uma conexão entre a tendência à descarga e a imagem do objeto que causa a dor. A experiência de satisfação e a experiência de dor vão determinar dois resíduos: os desejos e os afetos. “O desejo resulta numa *atração* positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica; a experiência da dor leva à repulsa, à aversão por manter catexizada a imagem mnêmica hostil. Eis aqui a *atração de desejo* primária e a *defesa* [rechaço] primária.”¹⁴⁷ Como podemos notar, a experiência de satisfação e a experiência de dor determinam dois resíduos: a atração de desejo primária e a defesa primária, respectivamente.

É pela experiência de investimento na lembrança da satisfação que a ausência do objeto se presentifica, sem levar em conta os signos provenientes da percepção e sem saber se as possibilidades de satisfação existem ou não na realidade. Contudo, perdura, na atração desiderativa, o indicativo de que o objeto inexistente sempre está ao alcance. O objeto assim concebido se constitui como a marca da esperança de um encontro com o absoluto e a um só tempo a ausência mais radical dessa mesma possibilidade. A apreensão do caráter paradoxal relativo ao objeto é importante para que possamos fundamentar grande parte das elaborações de Freud sobre o modo de funcionamento próprio aos pensamentos inconscientes.

A idéia segundo a qual o objeto da defesa é o mesmo da atração desiderativa estabelece um modo peculiar de operação do processo primário, isto é, designa que há uma

¹⁴⁷ FREUD, S. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**, p. 232.

propensão dos investimentos inconscientes a orientarem-se para um ponto do qual irremediavelmente se desviarão antes de alcançá-lo. Dito em outras palavras, o momento do desvio dos investimentos em direção ao objeto é, ao mesmo tempo, o início da atração de desejo. E isso porque perdura na atração de desejo a evidência de que o objeto encontra-se ao alcance imediato. Assim, os investimentos próprios ao processo primário procuram reinvestir na imagem do objeto, mas, sendo desviados antes mesmo de alcançarem o dito fim, é no próprio desvio que se dá o ponto seguinte, onde os investimentos sofrem empuxo ao objeto, que é, então, afirmado como possível de ser encontrado. Desse modo, a atração de desejo é substituída pelo rechaço primário, e o contrário também é verdadeiro. O resíduo dessa operação é um objeto perdido.

Com efeito, o objeto, impossível de ser reencontrado, perde-se no inalcançável e, paradoxalmente, a atração de desejo afirma sempre o contrário, pondo em perspectiva a possibilidade do encontro. A atração de desejo primária sendo substituída pelo rechaço primário, bem como o segundo pelo primeiro e assim infinitamente, faz com que o objeto em questão esteja ao alcance e não esteja ao alcance. Isso evidentemente cria uma lacuna e deixa o objeto excluído de toda uma organização. E assim a busca é o único movimento, e o encontro derradeiro jamais se torna efetivo. Esse é o fundamento do que o inconsciente passa a afirmar como premissa: a premissa da existência do objeto.

Sobre esse assunto, encontramos no *Projeto de 1895* o delineamento do que Freud concebe como “a coisa”¹⁴⁸, um objeto teoricamente forjado que dará suporte metapsicológico às formulações a respeito dos pensamentos inconscientes.

A especulação a respeito da “coisa” se desdobra a partir de uma concepção que afirma ser o eu, a princípio, incapaz de discernir *a priori* se o objeto da satisfação está ou

¹⁴⁸ FREUD. S. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**, p. 237.

não no mundo exterior. O eu se encontra numa situação de completo despreparo para distinguir a fonte de estimulação que exige apaziguamento e terá que efetuar uma operação para diferenciar entre a percepção e a representação do objeto da satisfação. Uma vez que o sistema sensório-perceptual também fornece representações, faz-se imprescindível o discernimento entre uma representação perceptiva e uma representação recordada, o que ocorre fundamentalmente por meio da experiência de dor. “É a inibição pelo eu que proporciona um critério de diferenciação entre a percepção e a recordação. A experiência biológica ensinará então a não iniciar a descarga enquanto não haja chegado o signo de realidade e a não ativar com tal fim, acima de determinada medida, o investimento de recordações desejadas”¹⁴⁹ Assim, quando o eu se encontrar premido pelo desejo, no instante de surgir um signo de realidade proveniente da percepção, poderá viabilizar a descarga em direção à ação específica, ou seja, reduzir o nível de pressão na fonte de onde ela emana.

No item 16 do *Projeto*, Freud postula que, durante o processo de desejar, a inibição por parte do eu produz uma catexia moderada do objeto desejado, que permite reconhecê-lo como ausente na percepção e evitar a alucinação. No que tange às situações de presença ou ausência do objeto e suas implicações com o investimento na recordação e na percepção, Freud, frisando que as catexias perceptivas são sempre relativas a complexos de imagens, hipotetiza três possibilidades. Na primeira situação, há a recordação produzida pelo investimento de desejo que coincide com a percepção; na segunda, a representação da recordação coincide parcialmente com a representação da percepção; no terceiro caso, a recordação e a percepção nada têm de coincidentes.

Tomemos de início a primeira e a terceira variante. No caso da primeira, quando as duas catexias coincidem inteiramente, temos o encaminhamento de uma situação que

¹⁴⁹ FREUD. S. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**, p. 236.

proporcionaria a satisfação ideal pela via de uma ação específica. Trata-se, é claro, de situação ideal, que não corresponde a algo possível de ocorrer. A terceira situação seria a de não haver coincidência alguma entre a percepção e a recordação. Nesse caso, haveria um movimento no sentido de estabelecer um critério para distinguir entre a representação e a percepção, encaminhando o processo de catexias em direção à recordação.

Em relação ao segundo caso, crucial para a nossa abordagem a propósito da “coisa”, Freud descreve o seguinte: a catexia de desejo está presente e, ao seu lado, uma percepção que corresponde parcialmente a ela. Tal situação acarreta um necessário julgamento concernente à identidade ou diferença entre os dois complexos de imagens. No caso de haver semelhança sem identidade, o eu procurará inibir as catexias a fim de não desdobrar um processo alucinatório que desemboque na dor. O esquema de Freud fica deste modo circunscrito: a catexia de desejo se relaciona com o neurônio *A* (*a coisa*) + o neurônio *B* (*o predicado*), e a catexia perceptiva, com os neurônios *A* (*a parte constante do complexo perceptivo*) + *C* (*a parte variável do complexo*).

O neurônio *A* se mantém como uma estrutura fixa e idêntica a si própria, que orienta e, no entanto, é subtraída da operação. Permanece concomitantemente como objeto de atração e de rechaço, forçando a distinção entre a percepção e a recordação. O eu segue então trilhamentos associativos da parte variável do complexo perceptual — o neurônio *C* — buscando *B*. O esquema diz respeito a um julgamento e é assim descrito: caso o neurônio *A* coincida (nas duas catexias) e, no entanto, o neurônio *C* seja percebido em lugar do neurônio *B*, a atividade do eu deverá seguir as conexões desse neurônio *C*. Mediante uma estimulação quantitativa que percorre essas conexões, novas catexias surgem, até que se encontre acesso para o neurônio *B* faltante. Invariavelmente passar a existir a representação de uma imagem motora interposta aos neurônios *C* e *B*. Quando essa imagem

motora é ativada de novo pela consumação real de um movimento, fica constituída a percepção do neurônio *B* e, ao mesmo tempo, a identidade visada.

Freud cita então o seguinte exemplo: a imagem mnêmica desejada pelo bebê é a do seio materno com o mamilo visto de frente, mas a primeira percepção obtida é uma visão lateral do mesmo objeto, sem o mamilo.

Na memória da criança há uma experiência, casualmente adquirida no ato de mamar, segundo a qual a imagem frontal se converte em lateral mediante determinado movimento da cabeça. A imagem lateral agora percebida conduz à imagem do movimento da cabeça; um teste experimental mostra que o equivalente desse movimento deve ser executado para se obter a percepção da imagem frontal.

Por enquanto, ainda não há muito julgamento nisso; mas trata-se de um exemplo da possibilidade de chegar, pela reprodução das catexias, a uma ação que já é uma das ramificações acidentais da ação específica. Não resta dúvida de que o elemento subjacente a essa migração ao longo dos neurônios facilitados é a *Q* proveniente do ego catexizado, e de que essa migração não é regida pela facilitação, e sim por um objetivo. Que objetivo é esse e como pode ser alcançado?¹⁵⁰

O objetivo, continua Freud, é retornar ao neurônio *B* faltante e suscitar a sensação de identidade. O neurônio *C* opera alterando a solitação do encontro de *B* até que a diferença seja substituída pela semelhança. Aí então o juízo pára e dá-se o início da descarga pela via da ação — em outros termos, a satisfação. O objetivo de toda essa operação é lidar com a diferença entre o complexo de imagens de desejo e o complexo perceptual, tornando a diferença mais próxima de uma semelhança.

O elemento que comanda a operação de possibilitar a semelhança entre os complexos *A+B* e *A+C* é *A*, a “coisa”, um resíduo que escapa ao juízo. No caso do exemplo do mamilo, acima destacado, o *A* não é nenhuma das imagens em quaisquer dos ângulos da visão, mas, ao mesmo tempo, designa o que existe de comum a todas as representações

¹⁵⁰ FREUD. S. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**, p. 238.

perceptuais do seio. No caso, a “coisa” é o que há de comum entre a catexia de desejo e todas as representações perceptuais do objeto seio.

A “coisa”, como o inassimilável, irrepresentável e excluído do pensamento, parece estar numa relação muito estreita com o que alinhavávamos acima a respeito do objeto paradoxal do desejo e do rechaço primários, ressignificando o pequeno mito a respeito da “experiência primária de satisfação”, uma alucinação fundamental que subsidia as reflexões freudianas a respeito do objeto como perdido. Temos aqui o pivô em torno do qual o princípio de prazer passa a operar — melhor dizendo, a própria constituição do princípio de prazer, que passa a se dirigir a um absoluto inalcançável.

Para Lacan, com esse campo do *das Ding* somos lançados para algo que até mesmo se encontra bem além do âmbito do afeto. Trata-se aí, de um “registro em que existe, ao mesmo tempo a boa vontade e a má vontade, esse *volens nolens* que é o verdadeiro sentido dessa ambivalência que se apreende mal quando é abordada no nível do amor e do ódio.” É até mesmo a preferência pela má vontade no nível da reação terapêutica negativa, que Freud encontra o campo de *das Ding*. É como um paradoxo ético que o campo de *das Ding* é reencontrado no final, e que Freud aí nos designa o que na vida pode preferir a morte.¹⁵¹

Freud manteve ao longo de toda a sua obra a idéia de um aparelho psíquico que se ampara sobre uma realidade absolutamente frágil, precária porque se estrutura sobre uma alucinação. No texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, ele retorna até as linhas de pensamento desenvolvidas no *Projeto* e na *Interpretação dos sonhos*, textos nos quais afirmou que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado por exigências imperiosas de necessidades internas. Quando isso se deu, observa Freud nos *Dois princípios*, o pensado (desejado) ficava representado de maneira

¹⁵¹ LACAN, J. **A ética da psicanálise**, p. 131.

alucinatória. Foi a frustração na ausência da satisfação ansiada pela criança que levou o aparelho a abandonar essa tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico precisou representar as circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar modificações na realidade. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que pudesse ser desagradável. O estabelecimento do *princípio de realidade* trouxe consigo conseqüências importantíssimas.¹⁵²

Entretanto, não é unicamente o princípio de prazer que opera em torno do objeto perdido. O fundamento mesmo do que é exterior ao sujeito, a base de toda alteridade e do princípio de realidade, pressupõe tal perda. Verificamos isso no texto *A negação*:

... a antítese entre subjetivo e objetivo não existe a princípio. Constitui-se tão logo o pensamento possua a faculdade de fazer-se de novo presente, por meio da imagem outrora percebida, sem que o objeto tenha que continuar existindo fora. A primeira e mais imediata finalidade do exame de realidade, não é, pois, encontrar, na percepção real, um objeto correspondente ao imaginado, mas voltar a encontrá-lo, convencer-se de que ainda existe. A outra contribuição à separação entre o subjetivo e o objetivo provém de uma outra distinta faculdade do pensamento. A reprodução como imagem nem sempre é a sua repetição exata e fiel, mas pode ser modificada por omissão e alterada pela fusão de distintos elementos. O exame de realidade deve, então, comprovar até onde alcançam tais deformações. Mas descobrimos, como condição do desenvolvimento do exame de realidade, a perda de objetos que um dia encontraram satisfação real.¹⁵³

Originalmente orientado de modo a alucinar, o aparelho psíquico, para não perecer, deve incessantemente reformular, reencontrar a busca em direção ao objeto. Esse é o elemento de base que subsidia até mesmo a inclinação do princípio de realidade para o mundo exterior e para a diferenciação entre o representado e o percebido. Tal como ficou enfatizado na passagem supracitada do texto *A negação*, inclusive no caso do exame de

¹⁵² FREUD, S. *Os dois princípios do funcionamento mental*, p. 1638.

¹⁵³ FREUD, S. *A negação*, p. 2885.

realidade, a sua primeira e mais imediata finalidade não é encontrar, na percepção real, um objeto correspondente ao imaginado, mas voltar a encontrá-lo, convencer-se de que ainda existe. O exame de realidade parte da premissa da existência do objeto. A respeito desse objeto, Lacan ainda diz o seguinte:

É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta esse objeto, *das Ding* (a Coisa), enquanto o Outro absoluto do sujeito que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer; é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio de prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço. No final das contas, sem algo que alucine enquanto sistema de referência, nenhum mundo da percepção chega a ordenar-se de maneira válida, a constituir-se de maneira humana. O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental, sem a qual não haveria nenhuma atenção possível.¹⁵⁴

Levando especialmente em consideração o que vimos até aqui acerca do objeto, “a coisa”, e sua especial função para as vicissitudes do aparelho psíquico, há duas decorrências a destacar:

(A) A construção freudiana aponta para indícios de um objeto que se situa excluído da organização inconsciente e, no entanto, causa suas operações. Trata-se de um objeto que, na referência às marcas de satisfação, precipita-se para fora do aparelho psíquico, formando uma exterioridade interna, em torno da qual o princípio de prazer opera.

(B) É em função desse objeto perdido (“a coisa”¹⁵⁵) que o inconsciente afirma a premissa da existência do objeto. A partir dessa idéia, trabalharemos, no próximo capítulo, a fundamentação da premissa da universalidade do falo.

¹⁵⁴ LACAN, J. *A ética da psicanálise*, p. 69.

¹⁵⁵ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia para neurólogos*, p. 237.

A reflexão a respeito do objeto perdido se dá no interior de um contexto teórico que aborda o campo das representações ideativas. Garcia-Roza menciona algumas passagens desse texto em que Freud se refere ao objeto perdido e sua relação com as representações:

Em três momentos do *Projeto*, Freud faz uma clara referência a uma divisão de complexos perceptivos num componente não assimilável (*Ding*) e num componente conhecido do *eu* através da sua própria experiência. Se remontarmos a um texto mais antigo, sua monografia sobre a afasia, datado de 1891, vamos novamente encontrar uma referência preciosa à ilusão das representações-objeto (*Sachevorstellungen*) de serem uma “coisa” (*Ding*). Nos textos acima citados, o que fica claro é a afirmação de que no nível das *Vorstellungen* algo permanece de não assimilável, de excluído da organização psíquica, ou, melhor ainda, de um “interior excluído” em torno do qual a organização psíquica se faz.¹⁵⁶

Lacan chama a atenção para esse texto, frisando que as representações (*Vorstellungen*) são concebidas por Freud como algo essencialmente decomposto. Trata-se dos representantes ideativos da pulsão que se fazem expressos no aparelho psíquico e gravitam em torno de um vazio central. Em torno desse vazio — jamais atingido ou apreendido como tal — foi construída a filosofia do Ocidente e também a fantasia.¹⁵⁷ *Das Ding* é, no ponto inicial, tanto lógica quanto cronologicamente, aquilo que se constitui como a exterioridade em torno da qual gira todo o movimento das representações, governado pelo princípio de prazer.

Fica assim estabelecida uma orientação ao aparelho, uma busca que encontra satisfações vinculadas à relação com o objeto¹⁵⁸, as quais se modalizam de acordo com o princípio de prazer. Essa lei fixa uma quantidade de excitação que não pode ser ultrapassada sem transpor o limite da polaridade prazer-desprazer. Lacan observa ainda que

¹⁵⁶ GARCIA-ROZA, L. A. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 88.

¹⁵⁷ LACAN, J. **A ética da psicanálise**, p. 79.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p.77.

A admissão da quantidade é regulada — a *coisa* é metaforicamente articulada por Freud, mas quase como se fosse ao pé da letra — pela dimensão das vias de condução, pelo diâmetro individual daquilo que o organismo pode suportar. O que ocorre para além do limite? A impulsão psíquica nem por isso tornou-se capaz de ir mais longe em direção à sua meta — mas antes, justamente, ela se espalha, se difunde no organismo psíquico, a quantidade se transforma em complexidade. Numa espécie de expansão da zona iluminada do organismo neurônico, ela vai acender mais longe, aqui, acolá, segundo as regras do trilhamento associativo, constelações de *Vorstellungen* que regulam a associação de idéias, *Gedanken* inconscientes, segundo o princípio de prazer.¹⁵⁹

A “coisa” não concerne ao domínio das representações, mas diz respeito a um vazio dessas representações. O objeto perdido da alucinação fundamental forma uma espécie de exterioridade primordial, em torno da qual passam a gravitar as representações.

Ana Beatriz Freire comenta tanto o texto freudiano quanto o lacaniano¹⁶⁰ e assinala que *Das Ding* é aquilo que está fora da realidade, fora do significante, mas demarca a relação possível entre as palavras e as coisas; está situada numa relação com o princípio de prazer, enquanto relacionada com as representações de coisa e com o princípio de realidade, na medida em que este se encontra ligado às representações de palavra. Trata-se da representação que, articulando-se com o “bom” e o “mau”, orienta o sujeito para um prazer direto ou adiado. E ainda, essa ordem da representação, onde se opera o bom ou o mau, é um indício daquilo que orienta o sujeito em busca de um estado eleito, estado de desejo, de espera de um objeto qualquer, regulamentado por *das Ding*, mesmo sendo ela o impossível.

Das Ding também está relacionada com a própria constituição do narcisismo, entretanto, como aquilo que se subtrai à imagem na qual o sujeito pensa, julga se reconhecer, identificando-se com a imagem de seu semelhante. Freire comenta que:

¹⁵⁹ Loc. cit.

¹⁶⁰ FREIRE, A. B. **Por que os planetas não falam?** : o real na psicanálise e o real na ciência moderna. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. p. 162.

o vacúolo que se produz dessa imagem especularmente unificada, assim como a defasagem entre as associações perceptivas, isto é, essa não identidade entre representações, é o que revela a persistência de uma constância, de uma alteridade absoluta com a representação chamada *das Ding*. Enquanto lugar definido por falha, defasagem, fração, *das Ding* é o buraco causal de que fala Lacan em toda a sua obra. Pode ser considerado o objeto perdido por Freud, o Outro absoluto em termos de Lacan, ou o que ele irá chamar mais tarde, substituindo o modelo mecânico do *Projeto* pelo modelo topológico, o objeto *a*, à medida que ele é o vacúolo ao redor do qual giram os movimentos de significantes — seja sob a forma de alucinações ou de formações do inconsciente.¹⁶¹

Comparados com esse tempo mítico, o complexo de castração e o complexo de Édipo são tardios e se situam no contexto de acontecimentos simbólicos que retroagem ao mais elementar da constituição psíquica. Nessa retroação, eles conferem contornos de sentido, de interpretação ao mais primitivo. No caso da castração, a constatação da falta do objeto faz a criança teorizar ou, se quisermos, fantasiar a questão relativa à falta pelo seu avesso, isto é, afirmando a presença. E assim o faz colocando seu próprio corpo no centro da teoria.

O que fundamenta essa teoria é a pergunta pelo ser. A questão do ser não é um interesse puramente abstrato para as crianças, mas concerne invariavelmente à diferença sexual anatômica, e a resposta recai sobre o tema do masculino e do feminino — posteriormente, do homem e da mulher.

No pensamento de Freud sobre a sua clínica, encontramos um aspecto relevante que afirma estar a angústia imbricada com a questão concernente ao ser. Essa reflexão apresenta o modo como se estabelece a premissa do falo, que fundamenta o desdobramento do complexo de castração.

¹⁶¹ FREIRE, A. B. **Por que os planetas não falam?** : o real na psicanálise e o real na ciência moderna. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. p. 163.

Dois meses antes de sua morte, Freud anota esquematicamente o seguinte sobre a identificação e o 'ser': "Ter e ser na criança. A criança prefere expressar a relação objetal mediante a identificação: eu sou o objeto. O ter é posterior, e volta a recair no ser uma vez perdido o objeto. Modelo: o peito materno. O peito é uma parte de mim, eu sou o peito. Mais tarde, apenas: eu o tenho quer dizer eu não o sou".¹⁶²

A criança se estrutura de tal modo que o falo se impõe como central. O falo, aqui, diz respeito a um elemento de natureza simbólica que vem a representar para o sujeito, ser ele mesmo o objeto. Temos aqui a afirmação do ser vindo a situar a criança como antípoda da falta do objeto: "o objeto não está perdido, eu sou o objeto". Nessa perspectiva, trata-se de ser um objeto que primeiramente venha a preencher uma falta na mais primitiva alteridade do sujeito, a mãe.

Destarte, o juízo do infans contradiz a sua percepção. Contradiz a percepção porque esta apresenta as perdas e a constatação da falta. Entretanto, sua ilusão nos revela a pré-condição daquilo lhe é verdadeiramente próprio. Ou seja, salienta que há ausência de um símbolo do objeto perdido no inconsciente. E no lugar dessa ausência a criança faz existir seu próprio corpo. Identifica-se ao falo, e assim o objeto não fica faltando. A presença do objeto marca a existência da criança, e a percepção da falta assegura a iminência do seu não-ser.

O texto *A negação*, dentre tantas idéias, subsidia o debate atinente à percepção da diferença anatômica entre os sexos. Lemos aí que o juízo de existência se fundamenta na relação entre a representação e a percepção. Freud diz que a primeira e mais imediata finalidade do exame de realidade não é a de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas voltar a encontrá-lo, convencer-se de que ele ainda

¹⁶² FREUD, S. *Conclusões, idéias, problemas*, p. 3431.

existe.¹⁶³ Desse modo, no que tange ao falo, não entra em questão se ele existe ou não existe, porque a premissa já está posta. Perceber é reencontrar, o que pressupõe o corte representado pela perda — paradoxal, certamente — de um objeto nunca havido.

Não obstante isso, e retomando o primeiro capítulo desta dissertação, algo torna possível a não-perda do objeto: a identificação, que preserva o objeto para o isso. A identificação é, ainda, a forma mais primitiva de relação com o objeto; na fase oral primitiva não é nem mesmo possível diferenciar um investimento objetal de uma identificação.¹⁶⁴ Ela é necessariamente relativa ao fálico e justamente por isso Freud aponta como enigmática a constituição da sexualidade feminina, intimamente associada ao objeto e à passividade. E a passividade extrema descreve um traço característico fundamental do desamparo no trauma.

O desamparo encontra solução na relação objetal, e a criança expressa a relação objetal mediante a identificação: eu sou o objeto.¹⁶⁵ O objeto materno é uma parte da criança, ela é o objeto. Isso nos situa na reiterada observação freudiana de que é realmente traumática a constatação da falta no objeto materno. Mais do que a ameaça de castração para o menino, por exemplo, é a descoberta da castração na mãe que se impõe como traumática. A falta na mãe situa o sujeito infantil diante de sua frágil identificação ao falo: se a mãe não tem, a criança não é.

O falo tem na obra freudiana o estatuto de objeto cujo cerne é simbólico. Ele é aquilo que, segundo Lemaire, se constitui como o significante da identidade possível. “Toda separação, perda ou corte, mesmo a da parturição e, sobretudo ela, remete ao Fálus. É preciso entender o Fálus no sentido de cravelha mestra, da articulação que não se deixa

¹⁶³ FREUD, S. **A negação**, p. 2885.

¹⁶⁴ FREUD, S. **O eu e o isso**, p. 2710.

¹⁶⁵ FREUD, S. **Conclusões, idéias, problemas**, p. 3431.

apreender, nem na figura anatômica do sexo masculino, nem na do sexo feminino, mas quando muito, como cópula. É ainda, poder-se-ia dizer, o traço da união na evanescência de sua ereção. O Fálus é o significante da identidade possível.”¹⁶⁶

Trata-se de um elemento simbólico que se apresenta diante de uma ausência, seja de representações, seja da falta na mãe e assim por diante. De todo modo, a proximidade em face de tal ausência foi sublinhada como vindo a suscitar um acontecimento na expressão dos afetos, especialmente um afeto sem representação: a angústia.

A angústia descreve um sinal de perigo, mas ela é apotropaica e envolve um desprazer que espontaneamente leva ao recalçamento. O afeto aqui faz notar que a articulação fantasmática tem como função primordial elidir a falta do objeto — tal qual a visão da cabeça da Medusa, que paralisa de terror, como Freud bem expressa: “Eis aqui confirmada a regra técnica segundo a qual a multiplicação dos símbolos fálicos significa a castração.”¹⁶⁷ Traz em seu bojo ocorrências imaginárias de conteúdo aterrador e, no entanto, mantém preservada a presença do objeto: “ele é medonho, mas existe”. Assim, a falta passa ao largo. É essa a estratégia do princípio de prazer.

A relação entre a angústia e a falta do objeto da pulsão, como salientamos anteriormente, suscita a reflexão teórica acerca do afeto como o outro modo de a pulsão se fazer representada na vida mental. O movimento do inconsciente diante da proximidade da ausência de representações é tecer uma fantasia que forneça representação, vale dizer, presença na ausência. Cabe aqui lembrar que no inconsciente não existe sequer um “signo

¹⁶⁶ LEMAIRE, A. **Jacques Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Campus, 1986. p. 194.

¹⁶⁷ FREUD, S. **A cabeça da Medusa**, p. 2696.

de realidade” e sua realidade é fundada na fantasia.¹⁶⁸ Entre a percepção e a consciência se interpõe a realidade do fantasma.

A produção fantasmática confere à força pulsional um caráter perigoso, um contorno assustador, apresentado por Freud já em 1915, em *O recalque*. Nesse texto, ele diz que a clínica analítica tem observações importantes para a compreensão dos efeitos do recalque nas psiconeuroses. A psicanálise nos revela:

que o representante pulsional se desenvolve mais livre e profusamente quando lhe é retirada a influência consciente. Ele prolifera na escuridão, por assim dizer, e assume formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas ao neurótico irão não só lhe parecer estranhas, mas também assustá-lo, mostrando-lhe o quadro de uma extraordinária e perigosa força da pulsão. Essa força enganosa da pulsão resulta de um desenvolvimento ilimitado da fantasia.¹⁶⁹

Essa é uma tese vivamente operante em pontos bem avançados do pensamento freudiano, já citados no capítulo anterior, a respeito do masoquismo: “O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da primitiva organização oral; o desejo de ser maltratado pelo pai, da fase sádico-anal imediatamente posterior; a fase fálica da organização introduz no conteúdo das fantasias masoquistas, a castração”¹⁷⁰. O contorno assustador que a força pulsional adquire advém da fantasia, tão marcante quanto a cabeça decapitada da Medusa.

Encontramos essa tematização também no texto *O estranho*, de 1919, que versa sobre a angústia e o fantasma. Evocando cenas de mutilação — membros arrancados, a cabeça decepada, a mão cortada pelo pulso, como num conto fantástico de Hauff, pés que dançam por si próprios, como no livro de Schaeffer —, Freud diz que essa espécie de

¹⁶⁸ FREUD, S. *Carta nº 69*, p. 3578.

¹⁶⁹ FREUD, S. *O recalque*, p. 2055.

¹⁷⁰ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*, p. 2755.

apresentação sinistra origina-se da proximidade ao complexo de castração. E mesmo com relação à idéia de ser enterrado vivo por engano, considerada por muitos como a coisa mais aterrorizante de todas, a psicanálise afirma ser essa fantasia uma transformação de outra fantasia, que originalmente nada tinha de assustador, mas caracterizava-se por certa lascívia — a fantasia da existência intra-uterina, ou seja, de inclinação ao incesto. Freud prossegue:

Há mais um ponto de aplicação geral que gostaria de acrescentar, embora, estritamente falando, tenha sido incluído no que já foi dito acerca do animismo e dos modos de ação do aparato mental que foram superados; mas penso que merece destaque especial. Refiro-me a que um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre fantasia e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza, e assim por diante. É esse fator que contribui não pouco para o estranho efeito ligado às práticas mágicas. Nele, o elemento infantil, que também domina a mente dos neuróticos, é a superenfatisação da realidade psíquica em comparação com a realidade material — um aspecto estreitamente ligado à crença na onipotência dos pensamentos.¹⁷¹

Freud encontrou traços comuns na crença da onipotência das idéias no delírio paranóide, no pensamento mágico das crianças e na crença dos povos primitivos de que os acontecimentos na natureza têm íntima relação com as atividades humanas, traços que nos fazem notar o caráter fálico do inconsciente, que, levando em conta somente a realidade de suas idéias, tudo sabe, é onisciente.

Quando a fronteira entre a realidade psíquica e o princípio de realidade se faz menos nítida, tal caráter fálico inconsciente se manifesta com maior força na vida anímica e passa também a ser detectado no mundo exterior. Aí, um símbolo adquire as funções da coisa que simboliza. Freud faz a mesma observação para a atividade intelectual: no artigo *O inconsciente*, relaciona a atividade filosófica com o pensamento dos esquizofrênicos, dizendo que, ao pensarmos em abstrações, há sempre o risco de chegarmos a “negligenciar

¹⁷¹ FREUD, S. **O estranho**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2499.

as relações de palavras com as apresentações inconscientes da coisa, e não se pode negar que o conteúdo do nosso filosofar começa então a adquirir uma semelhança indesejável com a expressão e o conteúdo do trabalho mental dos esquizofrênicos. Podemos, por outro lado, tentar uma caracterização da modalidade de pensamento do esquizofrênico dizendo que ele trata as coisas concretas como se fossem abstratas.”¹⁷² Sinteticamente falando, o que ocorre é que a catexia da representação de palavra faz parte da primeira das tentativas de cura que dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Essas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido e pode ser que, para alcançar esse propósito, enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com palavras em vez de coisas.¹⁷³

No encaminhamento das idéias deste capítulo, buscamos fundamentar a potência ou o aspecto fálico dos pensamentos inconscientes como resultantes da relação com a falta do objeto. Parece que a realidade fantasmática inconsciente é engendrada por representações que venham, na antítese, fazer a presença do objeto, exatamente na proximidade da sua ausência. Essa ausência relativa ao objeto perdido aparece no texto freudiano ligada com a noção de “umbigo do sonho”:

Nos sonhos melhor interpretados, podemos ver-nos obrigados a deixar nas trevas determinado ponto, pois observamos que constitui um foco de convergência das idéias latentes, um nó impossível de desatar, mas que, no entanto, não trouxe outros elementos para o conteúdo manifesto. Isto é o que podemos considerar como o umbigo do sonho, ou seja, o ponto pelo qual encontra-se conectado com o desconhecido. As idéias latentes descobertas na análise não chegam nunca a um limite e temos que deixá-las perderem-se por todos os lados no tecido reticular do nosso mundo intelectual. De uma parte mais densa deste tecido eleva-se logo o desejo do sonho.¹⁷⁴

¹⁷² FREUD, S. **O inconsciente**, p. 2082.

¹⁷³ Id.

¹⁷⁴ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1). p. 666.

Temos aqui o lugar de onde emerge o desejo. O umbigo dos sonhos, o ponto pelo qual a atividade dos pensamentos inconscientes encontra-se ligado com o “desconhecido”, caracteriza-se por ser o foco de convergência dos elementos que se aproximam da apreensão daquilo que não é assimilável e, portanto, jamais se inscreve no campo das representações. Os elementos que gravitam à volta do umbigo dos sonhos são precisamente o material do recalçamento originário, que trabalharemos no próximo capítulo. Além dessa fronteira, a apreensão do “desconhecido” ocorreria sem a intermediação da representação, ou seja, o traumático. Notemos que Freud designa ser o umbigo o ponto em que o sonho está ligado ao desconhecido, e não o próprio desconhecido. Essa é a balança em que a pulsão se faz representar em inscrições que tomarão as mais diversas vicissitudes, e os pensamentos inconscientes serão “pulverizados” por todos os lados “no tecido reticular do nosso mundo intelectual”, fazendo emergir, da parte mais densa desse tecido, o desejo.

O desejo, que surge no sonho, é o empuxo para o encontro do objeto da satisfação. Contudo, estando este último inteiramente fora de alcance, a fantasia alucinatória fabricada no sonho descreve uma sucessão de cenas cuja característica é representar o desejo como realizado numa alucinação. De qualquer forma, o trabalho do sonho progride e se constitui numa fantasia que dá expressão ao impulso inconsciente — uma fantasia realizadora de desejo que se exterioriza no sistema pré-consciente.

A determinação inconsciente de apresentar o desejo como realizado e, desse modo, estabelecer a presença de uma falta constitutiva, que indefinidamente desloca o encontro com o objeto, não é exclusividade dos processos oníricos. Tal acontecimento renova-se também nos processos da vigília. Isso ocorre porque o inconsciente traça suas combinatórias simbólicas, por meio de deslocamentos e condensações, em função do que

lhe falta e não apresenta resolução em si mesmo para realizar-se. Portanto, terá que buscar tal realização manifestando-se em outro lugar e é precisamente isso que forma a base sobre a qual se assentam o complexo de castração e o complexo de Édipo, que, sabemos, têm como nóculo central a construção de um mito.

Retornando ao texto *Teorias sexuais infantis* e que abordamos no primeiro capítulo, relembremos que há uma teorização, encontrada com regularidade nas crianças, que versa sobre a igualdade do corpo das pessoas. Todos os seres são possuidores de um órgão fálico. O menino, enquanto só conhece o próprio corpo, não consegue conceber um ser desprovido de tão importante órgão. Ao tomar conhecimento do corpo das mulheres, passa a cogitar a possibilidade de castração. Embora Freud aponte o menino como sendo o principal sujeito de tal teoria, ele lembra o fato de que a menina também não espera tamanha desigualdade e se decepciona com o próprio corpo. Assim, sentindo-se vítima de uma desvantagem e invejando o masculino, a menina culpa a mãe por tê-la desprovido de pênis. É preciso frisar que as teorias sexuais infantis, tal como o engendramento de mitos, são concebidas pela psicanálise como o esforço por tematizar através de recursos pautados pelo princípio fundamental de regulação dos processos psíquicos, que é o princípio de prazer. Tal recurso recebe de Freud um nome: fantasia. A teoria, a fantasia sexual infantil é uma tentativa de dar arcabouço simbólico àquilo que escapa ao modo habitual de captura de representação pelo princípio de prazer. E, dado que o princípio de prazer não tem apreensão da ausência, da falta, da negatividade, ele tece uma presença fantástica no exato ponto onde a ausência se faz presente. Esse é o tema central do próximo capítulo, que versará sobre o recalçamento primário e o fantasma inconsciente.

Capítulo IV

CONCLUSÃO

RECALCAMENTO PRIMÁRIO, FALO E SIGNIFICAÇÃO

Acabamos de dizer, ao final do capítulo anterior, que as teorias sexuais infantis, assim como as construções míticas, revelam um tratamento simbólico fundado em recurso próprio ao princípio de prazer. A seguir apontamos para a fantasia como sendo aquilo que fornece o contorno simbólico para o que se encontra fora do campo da representação, o mais além do princípio de prazer.

O núcleo de uma neurose sempre contém elementos extraídos de teorias infantis, até mesmo porque o complexo de Édipo é em grande parte constituído por elas. No texto *Teorias sexuais infantis*, Freud comenta três teorias infantis e um problema teórico que os adultos apresentam para as crianças. Esse problema advém da explicação de que as crianças vêm ao mundo trazidas por cegonhas. Uma vez que as crianças não acreditam nessa explicação, ela não se constitui em teoria, mas num problema a ser eliminado. A primeira teoria sexual é a de que todas as crianças têm o mesmo sexo. A segunda teoria diz respeito à falta de conhecimento da vagina, levando o *infans* à crença de que os bebês nascem pelo tubo intestinal e, sendo assim, os homens também podem dar a luz a bebês. A terceira teoria diz respeito ao casamento. As crianças olham para o casamento como uma forma de amor e principalmente de poder, em que o mais forte manda e o mais fraco obedece. A diferença sexual não é, portanto, concebida tão-somente como diferença, mas uma diferença que envolve uma valoração em termos de mais e menos, melhor e pior.

Além disso, tal como Godino Cabas acertadamente arrazoa, Freud denominou as fantasias de “teorias”, de modo a sublinhar que não se trata de um produto qualquer do inconsciente, mas de uma resposta a um enigma formulado pela existência de funções díspares: disparidade que, em princípio e aparência, se apresenta à criança como contradição. São as funções da mãe, do pai e a função de mediação, e esses enigmas se apóiam nas pulsões, passam a intervir em termos da oposição entre o registro anal e o peniano, por exemplo. O autor inclusive toma a observação freudiana que certa patologia masculina divide a mulher, de maneira a produzir, por um lado, um objeto sexual denegrido e propriamente genital; por outro, um objeto sexual idealizado e referenciado na mãe. A criança responderia, portanto, ao dilema formulado entre a pulsão genital e uma tendência carinhosa.¹⁷⁵ Cabas assim complementa:

A rigor, a investigação freudiana nos mostra que se pode fazer uma história do fantasma e que esta é absolutamente congruente com a história do sujeito. Não pode ser de outro modo, posto que as fantasias seriam uma tentativa de representar a condição do homem, que, à medida que se via desenvolvendo numa circunstância particular, particulariza essas condições numa história concreta. Primeira premissa: os fantasmas são uma representação da condição universal do homem. Segunda premissa: como o sujeito se realiza em uma circunstância particular, os fantasmas se subjetivam.

Assim sendo, o fantasma é histórico ao mesmo tempo que ilusório. Precisamente por ser ilusório, aparece como subjetivo; e, por ser histórico, aparece na dependência de um universal, portanto, simbólico: dupla vertente, que, definitivamente, rege toda a formação do inconsciente.¹⁷⁶

O universo simbólico infantil é revestido por um aspecto fálico peculiar, que é apoiado pelo fato de os pais serem autoridades e, assim, serem idealizados como fonte de todo saber. Nesses primeiros anos a tendência é a criança se identificar ao progenitor do mesmo sexo, procurando ser de acordo com os atributos que admira em seu pai e/ou sua

¹⁷⁵ CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*, p. 42.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 49.

mãe. Entretanto, não tarda a encontrar defeitos nesses objetos tão grandiosos e acaba por colocar sob suspeita as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento — de que existem outros pais, que em certos aspectos são preferíveis aos seus. Posteriormente e mesmo já afastado dos seus pais, o neurótico refaz antigos laços num “romance familiar”, e o romance infantil raramente é recordado conscientemente, mas suscetível de ser revelado pela psicanálise quando a fantasia se dá a ser decifrada pelo analisante. Sobre a fantasia, Freud comenta:

Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Têm dois objetivos principais: um erótico e um ambicioso — embora um objeto erótico esteja comumente oculto sob o último. No período já mencionado, a imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais, que desceram em sua estima, e de substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada.¹⁷⁷

A retificação da realidade faltante — já que se dá uma vez detectada as imperfeições dos pais — se reveste de atributos eróticos, especificamente fálicos. Comentamos, no final do Capítulo Três, que o caráter fálico dos pensamentos inconscientes resulta da relação com a falta do objeto; que, na proximidade da ausência, a fantasia inconsciente é articulada em termos de representações que, por antítese, tornem presente o objeto. Sinalizamos também que a questão do objeto é central na tematização da pulsão. E isso porque o objeto é o meio pelo qual a pulsão se satisfaz; entretanto, ele é forçosamente indeterminado, ou melhor, perdido.* Tal indeterminação *a priori* é precisamente o que serve de base tanto para o

¹⁷⁷ FREUD, S. **A novela familiar do neurótico**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1362.

* Vide páginas 79-81.

narcisismo quanto para a constituição da premissa do falo. Essa mesma idéia já estava contida no Capítulo Dois, quando apresentávamos a relação entre a repetição e a falta do objeto e frisávamos a repetição no âmbito transferencial. Dizíamos, então, que a repetição coloca, no curso das sessões, um procedimento próprio aos processos inconscientes, no sentido de elaborar o traumático e, portanto, o elemento mais variável da pulsão, ou seja, o objeto. Evocamos inclusive a noção freudiana de “umbigo do sonho”: o ponto pelo qual a atividade dos pensamentos inconscientes encontra-se muito próximo do inassimilável e que não se inscreve no campo das representações, compelindo o aparelho psíquico a proceder com a repetição. Salientamos que as representações constituintes da borda do “umbigo dos sonhos” são o material do recalque primário e, daí, pontuamos que, para além dessa fronteira, está o traumático.

A tematização acerca do recalque primário surge com maior ênfase na teoria freudiana, em concomitância com as elaborações sobre os pontos de fixação da libido, apontando para o fato que, no trajeto que vai da fonte à finalidade, além de a pulsão ser representada, há determinado grupo de representações que adquirem privilégio de expressão.

O início de *A dinâmica da transferência* é exemplar para evidenciarmos a utilização da noção de “fixação” para subsidiar as reflexões acerca da experiência. Freud começa o artigo dizendo que o tema da transferência, tão dificilmente esgotável, já foi abordado, do ponto de vida descritivo, por W. Stekel; agora se trata de saber por que a transferência necessariamente surge nas análises e como é que chega a desempenhar um papel tão importante¹⁷⁸. E então prossegue, evocando ao leitor suas construções sobre a etiologia do

¹⁷⁸ FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1648.

sintoma, em que o fator “disposição por fixação da libido” desempenha importante papel nas “séries complementares”. Essa disposição por fixação da libido resulta da ação conjunta dos acontecimentos pré-históricos e dos acontecimentos da primeira infância, principalmente o que estruturou no complexo de Édipo¹⁷⁹. Tal composição determina e fixa os fins da vida libidinal dos sujeitos, as condições que haverão de mobilizar as paixões e as pulsões a serem satisfeitas. Decorre da fixação da libido um ou vários clichês que orientarão as buscas do sujeito, mas somente uma parcela da libido assim fixada fica dirigida para a realidade exterior e à disposição da função consciente. À outra parte é subtraído, por veto do eu, o acesso à consciência, difundindo-se em fantasmas. Decorre disso que, não encontrando sua satisfação por meio de objetos na realidade, a libido encontrará algum modo de fazer-se representar na relação com pessoas que lhe apareçam no horizonte. Assim, é provável que o investimento libidinal insatisfeito fique de antemão inclinado a se orientar para o analista. Esse investimento se enlaçará a um dos clichês dados no sujeito, isto é, incluirá o psicanalista numa das “séries” psíquicas que o paciente formou até então.¹⁸⁰ O mecanismo da transferência fica, portanto, explicado na sua referência à disposição da libido que permaneceu aderida às marcas infantis.

O termo “fixação” encontra-se, na obra de Freud, usado de forma bastante abrangente, e seu emprego mais regular aparece nas formulações acerca da formação de sintomas. Tanto ali quanto na estruturação do complexo de Édipo está subjacente certa ordenação de fases que acentuam modalidades peculiares de satisfação pulsional. E o neurótico dá privilégio a um modo de satisfação, ao procurar responder suas questões mais

¹⁷⁹ FREUD, S. **Vias de formação do sintoma**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2353.

¹⁸⁰ FREUD, op. cit., p. 1649.

inquietações relativas à angústia de castração, coisa que o predispõe para o recalque e conseqüentemente para uma satisfação pela via sintomática.

Além disso, a “fixação” é considerada com relevância tanto específica quanto crucial nas formulações a respeito do recalque primário e, portanto, no quadro específico da teorização sobre o sistema inconsciente. Na primeira vez em que Freud adentra em considerações sobre a pré-condição ao recalque propriamente dito, ele a concebe vinculada à noção de “fixação”. Trata-se do artigo *Considerações psicanalíticas de um caso de paranóia — o caso Schreber*, no qual encontramos a seguinte argumentação a propósito do recalque:

A primeira fase consiste na “fixação”, premissa e condição de todo recalque. O fato da fixação pode ser definido ao dizermos que uma pulsão, ou uma parte de uma pulsão, não segue a evolução prevista como normal, permanecendo em função de tal inibição evolutiva, em estado infantil. A corrente libidinosa de que se trata, conduz-se no que tange aos produtos ulteriores como uma corrente recalçada e pertencente ao sistema inconsciente. Já dissemos que tais fixações das pulsões constituem a disposição às enfermidades posteriores e podemos acrescentar que envolvem, antes de tudo, a determinação do desenlace da terceira fase do recalque.¹⁸¹

Muito embora Freud não explicita nesse artigo a distinção entre fixação e recalque primário, verificamos que, no artigo *O recalque*, ele não deixa dúvidas quanto a sua distinção: “Temos fundamentos para supor uma primeira fase do recalque, um recalque primário, no qual uma representação psíquica da pulsão tem o seu acesso à consciência negado. Esta negativa produz uma fixação, ou seja, a representação em questão se mantém imutável a partir deste momento, ficando a pulsão ligada a ela”.¹⁸² E ela permanece “imutável” operando no sistema inconsciente, conecta-se a outras representações e forma,

¹⁸¹ FREUD, S. *O caso Schreber*, p. 1521.

¹⁸² FREUD, S. *O recalque*, p. 2054.

desse modo, uma concatenação conhecida como núcleo, ao qual todos os recalcamientos posteriores tendem a ser atraídos.

O conceito de recalque primário é um dos problemas com os quais a investigação psicanalítica se deparou quando passou a inclinar-se mais detidamente sobre o narcisismo e seu importante papel no recalcamiento propriamente dito. A questão central que se impunha era a seguinte: para que o eu proceda com o recalque, é imprescindível que o desejo a ser rechaçado receba um duplo e simultâneo auxílio: por parte do pré-consciente e do inconsciente. No sistema pré-consciente, o recalcamiento comporta duas fases: (a) um desinvestimento por parte do eu que retira a função consciente da idéia e (b) uma força constante que inviabiliza o reaparecimento da idéia censurada.

Da perspectiva do inconsciente, é preciso que haja nele uma força de atração sobre os pensamentos a serem recalcados. Entretanto, como sustentar que haja uma atração desses pensamentos ao inconsciente, sem levarmos em conta um ponto de partida onde uma representação ao menos possa permanecer inconsciente sem que seja atraída por outra? E ainda, em se hipotetizando um recalcamiento primário na origem das formações do inconsciente, de que modo operaria, à medida que a sua incidência não seria possível através de um investimento por parte do inconsciente?

No item IV do artigo *O inconsciente*¹⁸³, Freud põe em destaque o fator quantitativo e o procedimento defensivo diante da força pulsional que constitui o mecanismo próprio do recalcamiento originário. Assim, pensando na força permanente utilizada pelo eu para que a representação recalcada fique mantida à distância da consciência, escreve:

¹⁸³ FREUD, S. **O inconsciente**, p. 2069.

Necessitamos aqui, pois, de outro processo, que, em primeiro lugar, mantenha o recalque e, em seguida, cuide de constituí-lo e conservá-lo; processo que não podemos encontrar senão admitindo um contra-investimento, por meio do qual o sistema pré-consciente protege-se contra a pressão da idéia inconsciente. Em diversos exemplos clínicos veremos como se manifesta este contra-investimento, que se desenvolve no sistema pré-consciente, e constitui não apenas a representação do contínuo esforço de um recalque primário, mas também a garantia de sua duração. O contra-investimento é o único mecanismo do recalque primário. No recalque propriamente dito, soma-se a ele a subtração de investimento.¹⁸⁴

Frisamos, a partir dessa citação, que, para entender o recalçamento primário, precisamos fazer a distinção entre duas perspectivas na sua apresentação: uma temporal, centrada numa construção mítica, e outra atemporal e fundamentalmente clínica. Da perspectiva temporal, ou, se quisermos, diacrônica, poderíamos fazer referência ao recalçamento primário em termos de ligação entre a pulsão e a representação, algo anterior à própria estruturação definitiva do sistema inconsciente e, ainda, concernente à gênese do juízo, tal como apreciaremos adiante. Da perspectiva que não leva em conta a temporalidade, ou sincrônica, a referência fica centrada no acontecimento clínico, a saber, na repetição na transferência. As resistências na clínica falam justamente disso e, no entanto, elas tornam possível a análise da castração, do traumático.

Vamos nos ocupar, assim, de buscar explanações que abarquem as duas perspectivas muito embora ambas apresentem pontos de imbricamento difíceis de separar de forma precisa e esquemática. E, para introduzirmos o assunto, trataremos de situá-lo sinteticamente na formação do sintoma neurótico. Cabe ressaltar primeiramente que o único mecanismo do recalque primário é elaborado sob a rubrica que mostra seu selo de origem: advém do interior de concepções econômicas da metapsicologia e se apresenta clinicamente sob a forma de resistências. Dito em outras palavras, o que está subjacente às resistências é

¹⁸⁴ Loc. cit.

o processo de contra-investimento, que, desse modo, não é somente a parte “visível” do processo de recalçamento.

O contra-investimento é, na verdade, uma modalidade de investimento que consiste na insistência em manter presentificado no eu determinadas idéias e sentimentos e, mesmo, traços de caráter, que venham a fazer empecilho ao saber do desejo. Essa é a segunda fase descrita por Freud a respeito do recalque. A primeira caracteriza-se pela subtração da libido da idéia a ser recalçada¹⁸⁵, como vimos anteriormente.

Vejamos como isso ocorre na histeria de angústia, tal como Freud a descreve em *O inconsciente*¹⁸⁶: Há uma primeira etapa na formação do sintoma que consiste no surgimento da angústia sem que o sujeito saiba o que lhe causa temor. Determinado impulso inconsciente, aspirando por emergir até a consciência, é rechaçado pelo eu como medida de fuga. A idéia da qual o sistema pré-consciente retira o investimento fica, por sua vez, investida pelo inconsciente, e o montante de afeto a ele ligado resulta num afeto sem representação. Ao repetir-se esse processo, o eu procura evitar o desenvolvimento da angústia, investindo numa idéia substituta, suficientemente deformada, capaz de contornar a barreira do recalque e ao mesmo tempo mantendo vinculação com a idéia rechaçada. É essa idéia substituta que desempenha o papel do contra-investimento no sistema pré-consciente e conduz à segunda fase da histeria de angústia. No caso da zoofobia do pequeno Hans, a angústia se fazia apresentar sob duas condições: primeira, quando, por alguma razão, o desejo recalcado se intensificava; segunda, quando o menino percebia a presença do animal temido. A primeira condição tende a ficar cada vez mais substituída pela segunda. E, à medida que a representação do contra-investimento (o cavalo temido)

¹⁸⁵ FREUD, S. *O inconsciente*, p. 2069.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 2070.

surgia por determinação associativa inconsciente, tinha participação decisiva na eclosão do sintoma. E isso porque todas as representações que envolvem a idéia de que o cavalo pode morder Hans encontram-se associadas a essa idéia e recebem um investimento psíquico de extraordinária intensidade. E ainda:

Quanto mais afastados da substituição temida encontram-se os contra-investimentos sensíveis e vigilantes, mais precisamente pode funcionar o mecanismo que há de isolar a idéia substituta e protegê-la contra novas excitações. Estas precauções não protegem, naturalmente, mais que contra aquelas excitações que chegam do exterior e pelo canal da percepção à idéia substituta, mas não contra a excitação pulsional, que partindo da conexão com a idéia recalcada chega à idéia substituta. As precauções começam sua atuação, pois, quando a substituição apropriou-se completamente da representação recalcada, sem que jamais se constitua numa plena garantia. A cada intensificação da excitação pulsional, a muralha que envolve a idéia substituta tende a avançar mais. Essa construção fica também analogamente estabelecida nas demais neuroses, e a designamos com o nome de fobia. As evitações, proibições e características da histeria de angústia são expressões de fuga diante do investimento consciente da idéia substituta.¹⁸⁷

O contra-investimento, como podemos notar, mantém afastado o pensamento banido pelo eu. Além disso, os elementos associativamente ligados e envolvendo a idéia substituta recebem um investimento de extraordinária intensidade afetiva no sistema consciente, mas, da perspectiva do inconsciente, todos os elementos substitutos mantêm relação de equivalência com os protótipos ou clichês previamente fixados. Trata-se aqui da substituição de termos de uma língua por outros de mesmo conteúdo semântico em outra língua.

Esses clichês, referidos por Freud aos pontos de fixação da libido, são determinados pelo traumático^{188*} e se situam em relação ao recalque originário, que, como afirmamos anteriormente, concerne a um tempo mítico, primevo, e sua teorização se encontra inserida

¹⁸⁷ FREUD, S. **O inconsciente**, p. 2071.

¹⁸⁸ FREUD, S. **A fixação do trauma – o inconsciente**, p. 2294.

* Vide também páginas 54-56 do presente estudo.

numa contextualização econômica. Não podendo ter a sua origem no supereu, uma vez que se localiza num tempo pré-edípiano, nem no sistema pré-consciente, pois sua ocorrência é anterior à divisão do aparelho psíquico em sistemas, o recalque primário terá sua fundamentação nos acontecimentos de ordem econômica. Nesse contexto, notamos o texto freudiano adentrar na temática relativa à angústia, tal como podemos averiguar na Conferência *Angústia e vida pulsional*:

Somente a magnitude do montante de excitação faz de uma impressão um instante traumático, paralisando a função do princípio de prazer e dando à situação de perigo sua significação. E se é assim mesmo que acontece, se estes enigmas ficam resolvidos com tão sóbria explicação, por que então não há de ser possível que tais instantes traumáticos surjam na vida anímica, sem relação alguma com as supostas situações traumáticas, nas quais a angústia não é despertada, portanto como um sinal de uma situação de perigo anterior, mas sim, nascendo baseada num fundamento imediato? Com efeito, a experiência clínica nos demonstra que é exatamente isto o que ocorre. Apenas os recalques secundários mostram o mecanismo que primeiramente descrevemos, no qual a angústia é despertada como um sinal de uma situação de perigo anterior; os recalques primários e mais antigos nascem diretamente de instantes traumáticos, no choque do eu com uma excitação libidínica de primeira magnitude, que produz por si só a angústia, ainda que em conformidade com o protótipo do nascimento.¹⁸⁹

Há uma notação a ser destacada a respeito do trauma e que se encontra em conexão com a angústia: a castração na referência à perda do objeto. Além disso, como sabemos, o traumático está intimamente relacionado com a identificação, uma vez que esta é a mais primitiva exteriorização de relação objetal. A identificação é também um meio que o eu encontra para preservar o objeto; de fato, um meio suficientemente frágil que caracteriza a situação iminente do desamparo. Assim, tanto o recalque primário quanto a angústia originam-se da mesma situação econômica de desamparo. Contudo, o primeiro nasce

¹⁸⁹ FREUD, S. **A angústia e a vida pulsional**, p. 3154.

diretamente do instante traumático, promovendo a reação que, sob a forma de negação, liga a pulsão a uma representação; já a angústia é uma reação segundo uma representação dada.

O recalque primário, como dissemos, consiste numa recusa à consciência de determinada representação pulsional. Tendo por conseqüência a fixação da representação à pulsão, esse primitivo processo não somente é algo que tenha ocorrido em tempos de estruturação narcísica anteriormente à cisão definitiva entre as atividades consciente e inconsciente, mas que ocorre atualizado no cerne da experiência clínica: “Em diversos exemplos clínicos, veremos como se manifesta este contra-investimento que se desenvolve no sistema pré-consciente e constitui não apenas a representação do continuado esforço de um recalque primário, mas também a garantia de sua duração”.¹⁹⁰ O que Freud acentua aqui é o fato de que o recalque primário se renova constantemente na segunda fase do recalque propriamente dito. É essa atualidade que se manifesta no uso mais ou menos continuado, por parte do eu, de mecanismos defensivos, visando ao domínio pulsional, mas também levando a cabo as alterações do eu e constituindo o seu caráter. Os fenômenos relativos a essa questão foram salientados por Freud quando tratou exaustivamente da repetição na transferência. Além disso, a descoberta feita a respeito desses eventos foi de capital importância para a técnica psicanalítica, pois foi justamente a partir deles que Freud chegou à constatação de que a rememoração não era o único intuito no trabalho de tornar consciente o inconsciente. Dada a impossibilidade de recuperar, pela via da rememoração, todos os fragmentos do passado recalcado, as construções adquirem papel crucial para as lacunas da memória.

A apresentação dos mecanismos defensivos na transferência evidencia os conflitos entre o eu e a pulsão; expressa o modo como na história individual foi levado a cabo o

¹⁹⁰ FREUD, S. **O inconsciente**, p. 2069.

domínio pulsional, mas também aquilo que acarretou na formação do caráter e manutenção da trama identificatória. Chegamos mesmo a fazer, no Capítulo Dois, a observação segundo a qual o analisante repete um desprazer fundamentalmente relativo ao complexo de castração. Essa repetição aparece no trabalho analítico sob a forma de resistência, e uma das derivações de sua investigação foi a tematização das “alterações do eu”¹⁹¹. Como já afirmamos, essas alterações, relativas à formação do caráter do eu, são efeitos produzidos no eu pelas defesas por ele utilizadas com a finalidade de domínio da pulsão. Em *Análise terminável e interminável*, esse esforço defensivo se encontra articulado ao recalçamento primário nos seguintes termos:

Todos os recalques se efetuam na primeira infância; são medidas primitivas de defesa, tomadas pelo eu imaturo, débil. Nos anos posteriores, não são levados a cabo novos recalques, mas os antigos persistem, e seus serviços continuam a ser utilizados pelo eu para o domínio das pulsões. Os novos conflitos são solucionados através daquilo que chamamos de ‘recalque posterior’. Podemos aplicar a esses recalques infantis nossa afirmação geral de que os recalques dependem absoluta e inteiramente do poder relativo das forças envolvidas, e que elas não se podem manter contra um aumento na força das pulsões.¹⁹²

As defesas, como sabemos, são auxiliares na estruturação do eu, pois colocam refreamentos às tendências desenfreadas do isso e, desse modo, formam reações caracterológicas regulares que tomam os mais idiossincráticos vieses para cada caso. De todo modo, essas defesas, que aparecem na análise sob a forma de resistência, são relativas ao saber do inconsciente. O eu sente que a proximidade desse saber significa um perigo e acaba por encontrar na realidade situações de perigo que possam servir de substituto das antigas situações perigosas para justificar, em relação a elas, os seus modos¹⁹³ fixos de

¹⁹¹ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*, p. 3356.

¹⁹² *Ibid.*, p. 3347.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 3354.

satisfação, e nisso está em atuação o silêncio da pulsão de morte. Uma parcela da pulsão, como vimos, toma o próprio sujeito como objeto¹⁹⁴; os fenômenos do quadro melancólico, bem como as várias formas de apresentação do masoquismo no sentimento inconsciente de culpabilidade¹⁹⁵, são paradigmáticos.

Entretanto, no que essas questões tão próximas com a prática psicanalítica são articuláveis com o que vimos dizendo a respeito do recalque primário? Retornemos, pois, à noção de contra-investimento, já que ele é o único mecanismo do recalque originário. E, levando isso em conta, seria necessário pensarmos o contra-investimento em relação ao tempo anterior à estruturação do aparelho mental em dois sistemas distintos — tempo primitivo anterior ao recalque secundário, no qual o contra-investimento operaria com exclusividade e então formaria o núcleo para o qual o material do recalque secundário seria atraído. Como afirmamos anteriormente, o contra-investimento diz respeito a um investimento muito intenso em representações no pré-consciente, de modo a impedir o surgimento da representação na consciência. Ocorre, entretanto, que agora estamos hipotetizando uma situação na qual não haveria, a rigor, representações pertencentes ao sistema pré-consciente e até mesmo a um tempo anterior à efetiva existência de representações de palavra. Poderíamos assim inferir que se trata, nesse contra-investimento, do recalque primário, de algo que surge consecutivamente como uma presentificação obstinada e contumaz de determinadas representações no eu, ou naquilo que venha a constituí-lo como tal. Seriam as identificações primárias que abordamos no Capítulo Um Provavelmente. De todo modo, temos aqui a presentificação do objeto, tal como já o elaboramos anteriormente quando evocávamos desde o *Projeto de 1895*, a noção de *das*

¹⁹⁴ FREUD, S. *O eu e o isso*, p. 2725.

¹⁹⁵ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*, p. 2752.

Ding. Assim, estamos no tempo em que investimento objetal e identificação são indiscerníveis, a meio caminho entre a estruturação do universo simbólico e a constituição do falo.

É preciso destacar mais uma vez que, de acordo com a definição dada por Freud, o recalque primário concerne a uma recusa à consciência de uma representação. Pois bem, essa recusa corresponde ao exposto no artigo *A negação*, como algo mais elementar que o uso do símbolo da negação no discurso consciente e segue um modo oral muito primitivo de satisfação pulsional.

O juízo teria assim, uma origem mítica fundamentada no trabalho das pulsões, e o juízo atributivo deve ter sido, a princípio, circunscrito ao prazer ou desprazer, bom ou mau.

¹⁹⁶ O eu regido pelas sensações de prazer ou desprazer atribui qualidades aos objetos, de acordo com uma “linguagem pulsional”¹⁹⁷ do tipo: “Isto comerei” ou “o cuspirei”; “Isto deve estar dentro de mim” ou “fora de mim”. E quanto a isso, para Lacan “Há na dialética de Freud uma primeira divisão do bom e do ruim que só pode ser concebida se a interpretamos como a rejeição de um significante primordial”¹⁹⁸.

Como já apontamos no Capítulo Um, essa “linguagem pulsional” está intimamente relacionada com o surgimento do objeto na fase do narcisismo primário, na qual o mundo externo, o objeto e o odiado são, a princípio, a mesma coisa. O tema é retomado em *A negação*, evidenciando-se na afirmação de que o eu primitivo, regido pelo princípio de prazer, quer introjetar em si tudo que é bom e expulsar de si tudo que é mau.¹⁹⁹ A

¹⁹⁶ FREUD, S. *A negação*, p. 2885.

¹⁹⁷ Id.

¹⁹⁸ LACAN, J. *As psicoses*, p. 174.

¹⁹⁹ FREUD, S. *A negação*, p. 2885.

identificação primária, tal como trabalhamos no Capítulo Um*, agora apresenta esta vinculação ao juízo atributivo. Primeiramente a afirmação do prazer para secundariamente a afirmação do ser. A tese original de Freud aí é a de que — contrariamente ao modo de proceder da lógica clássica — o juízo de atribuição precede o de existência. Nessa gênese do pensamento, então, o juízo atributivo é resultado de uma afirmação (*Bejahung*) e de uma expulsão do eu (*Austossung aus dem Ich*).

O estudo do julgamento nos oferece, pela primeira vez, uma luz sobre a gênese da função intelectual surgida do dinamismo dos impulsos pulsionais primários. O juízo é a evolução adequada do processo pelo qual o eu incorporava coisas em seu interior ou as expulsava para fora de si, de acordo com o princípio de prazer. Sua polarização parece corresponder à antítese dos dois grupos de pulsões por nós supostos. A afirmação como substituto da união, pertence a Eros; a negação — consequência da expulsão, pertence à pulsão de destruição.²⁰⁰

A afirmação originária é uma inclusão, uma identificação ao prazer; ela está na gênese do amor, tal como já dissemos, e concerne à capacidade de satisfação auto-erótica do narcisismo primitivo. Trata-se da afirmação inaugural que se constitui como condição de possibilidade para que algo venha a revelar o ser. Comentando o artigo em questão, Hyppolite dirá que é importante levarmos em conta a idéia de que, neste “começo”, não quer dizer outra coisa, no mito, senão “era uma vez...” Nessa história, era uma vez um eu (um sujeito) para quem ainda não havia nada estranho. A distinção entre o estranho e ele mesmo é uma operação, uma expulsão.

No começo, é indiferente saber se há ou não há. Há. “O sujeito reproduz sua representação das coisas a partir da percepção primitiva.”²⁰¹ A negação é consequência de

* Vide páginas 36-39.

²⁰⁰ FREUD, S. **A negação**, p. 2886.

²⁰¹ HYPPOLITE, J. **Comentário sobre a Verneinung de Freud**, in: Lacan – Os escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 899.

uma expulsão que lhe antecede, e funda o que está fora da representação. O juízo de existência opera desse modo, levando em conta o que ficou estabelecido como representado. E o representado comporta fundamentalmente, a princípio, o atributo do bom como idêntico a eu. O juízo atributivo delinea a lei de funcionamento do princípio de prazer, a regulação das representações no inconsciente, de acordo com a série prazer-desprazer. Por outro lado, o estranho, a diferença, o não-eu, ou se quisermos, o objeto primordial, fica primeiramente fora da representação. É *a coisa (das Ding)* sobre a qual dedicamos algumas reflexões no Capítulo Três.* Trata-se de uma questão do fora e do dentro, escreve Freud, inspirando a seguinte observação de Lacan:

Em que momento, de fato, surge esta frase? — Primeiro houve a expulsão primária, isto é, o real como externo ao sujeito. Depois, no interior da representação (*Vorstellung*), constituída pela reprodução (imaginária) da percepção primária, não apenas é instaurado como existente pelo sujeito como pode ser reencontrado (*wiedergefunden*) no lugar onde este pode apoderar-se dele. É somente nisso que a operação, por mais desencadeada que seja pelo princípio de prazer, escapa ao seu domínio. Mas, nessa realidade que o sujeito tem que compor segundo a gama bem temperada de seus objetos, o real, como suprimido da simbolização primordial, já está presente. Poderíamos dizer que fala sozinho.²⁰²

No que tange ao juízo de existência, a reflexão desdobrará uma consideração em torno de processamentos basais na constituição do sujeito e do objeto.

É no interior desse corpo primordial que Freud supõe se constituir o mundo da realidade, como já pontuado, já estruturado em termos significantes. Freud descreve então todo o jogo da aproximação da representação com esses objetos já constituídos. A primeira apreensão da realidade pelo sujeito é o julgamento de existência, que consiste em dizer — Isso não é meu sonho ou minha alucinação, mas um objeto.²⁰³

* Vide páginas 100-104.

²⁰² LACAN, J. **Resposta ao comentário de Hyppolite**, p. 384.

²⁰³ LACAN, J. **As psicoses**, p. 174.

O que está na origem do juízo de existência é a relação entre a percepção e a representação, tal como Freud o apresenta, dizendo que a antítese entre subjetivo e objetivo só é possível a partir do tempo no qual o pensamento possa tornar novamente presente, por meio da representação, o objeto que já não se encontra na percepção.²⁰⁴ Inclusive citamos o texto no Capítulo Três*, quando sublinhávamos que o princípio de realidade parte do pressuposto de que o objeto é passível de ser reencontrado — o movimento é no sentido de “voltar a encontrá-lo, convencer-se de que ainda existe”. Essa estrutura de busca, de acordo com Freud, pressupõe que o objeto esteja de antemão perdido. E isso porque a reprodução de uma representação no psíquico raramente é uma repetição fiel ao acontecimento anterior; pode ser modificada por omissão de elementos ou pela fusão com outras representações e o exame de realidade deve discernir a extensão dessas deformações. Para Freud, a perda do objeto é condição para o desenvolvimento do exame de realidade.²⁰⁵

Retornando à pergunta acima, a respeito do recalçamento originário, lembramos que a recusa operada no recalçamento primário promove a fixação da pulsão à representação. Agora cabe sublinhar que Freud postula uma recusa ou uma expulsão que diz respeito ao objeto primário da satisfação e que, se a pulsão se fixa à representação, é porque o objeto lhe falta. E o inconsciente, muito embora articule suas operações em função dessa falta, procede pelo antípoda quando se depara com qualquer questão concernente à falta do objeto, fazendo presente uma representação que venha a substituir a ausência. O interessante é que, muito embora o recalçamento primário esteja, por assim dizer, na origem da negação, o inconsciente a desconhece.

²⁰⁴ FREUD, S. **A negação**, p. 2885.

* Vide páginas 98-100.

²⁰⁵ Id.

De acordo com Freud, na negativa proferida pelo analisante, temos uma aceitação intelectual do recalcado, sem que o recalcado seja realmente considerado e, assim, determinadas representações são manipuladas no pensamento consciente sob a condição de não afetarem o sujeito. O analisante conta seu sonho ao analista e este lhe pergunta: o que lhe parece mais incrível e estranho neste sonho? A resposta dirá daquilo que é mais próprio e familiar ao inconsciente do analisante. Ou ainda, o analisante conta um sonho e diz: “Não é a minha mãe”; Freud então assevera: “É ela, sim!”

Afirmar ou negar o que está contido nos pensamentos é uma tarefa da função do juízo. E da perspectiva da regra fundamental na análise, negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: “Isto é algo sobre o que eu, a serviço do princípio de prazer, preferiria nada saber”. O assunto relativo à falta da negação no inconsciente percorre vários momentos da elaboração freudiana. Em *Considerações de atualidade sobre a guerra e a morte*, encontramos o seguinte: o que chamamos de nosso ‘inconsciente’ — as camadas mais profundas de nossa mente, compostas de impulsos instintuais — desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições se fundem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo.²⁰⁶

Na análise, jamais encontramos um ‘não’ procedente do inconsciente. Além disso, o reconhecimento do inconsciente, por parte do eu, nunca acontece através de uma fórmula negativa. E Freud adenda: a prova mais contundente de que na análise chegamos à descoberta do inconsciente se dá quando o analisante reage com as palavras: “Nunca pensei nisso”.²⁰⁷

²⁰⁶ FREUD, S. **Considerações de atualidade sobre a guerra e a morte**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 2115.

²⁰⁷ FREUD, S. **A negação**, p. 2886.

A ausência da negação no inconsciente se constitui num dos mais interessantes aspectos para uma formalização lógica a propósito das operações simbólicas do sistema inconsciente, tendo Freud assinalado que, em relação à consciência, tais operações são diferentes por uma questão de natureza e não de grau.

No item 'C' do Capítulo Seis de *A interpretação dos sonhos*²⁰⁸, Freud dedica significativa atenção aos aspectos propriamente lógicos do operar inconsciente. Aborda, nesse capítulo, a questão da negação nos sonhos, a contradição, o condicional, a conjunção e a disjunção, as relações de maior e menor, as relações de causalidade e similaridade, e conclui que o princípio da não-contradição é estranho ao inconsciente. As representações que se mostram contraditórias no sistema pré-consciente consciente podem, no inconsciente, se conciliar, se condensar e adquirir um arranjo inusitado. A inaplicabilidade do princípio da não-contradição é uma constatação derivada não somente da análise dos sonhos: os sintomas dos neuróticos, a fala cotidiana do homem comum e as línguas antigas o encaminhavam para essa inferência.

O tema dos pares opostos aparece também em *O duplo sentido antitético das palavras primitivas*, no qual Freud recorre aos *Ensaio filológicos* de K. Abel (1884), para mostrar que a linguagem de povos antigos apresenta semelhanças com os sonhos. Tanto nas formações do inconsciente quanto em vários exemplos do terreno da linguagem, ignora-se o tratamento das antíteses e contradições, sendo os contrários combinados numa unidade ou representados como uma e mesma coisa. Os sonhos, assim como as palavras, podem, além disso, tomar a liberdade de representar qualquer elemento por seu contrário. Em algumas línguas arcaicas, tal como o egípcio, Abel encontrou, de modo semelhante aos sonhos, o

²⁰⁸ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, p. 536.

procedimento da utilização de uma mesma palavra para designar idéias antitéticas²⁰⁹ — palavras com duas significações, uma das quais é o oposto exato da outra. Freud comenta:

Suponhamos, se é que se pode imaginar um exemplo tão evidente de absurdo, que em alemão a palavra “forte” signifique ao mesmo tempo “forte” e “fraco”; que em Berlim o substantivo “luz” se use para significar ao mesmo tempo “luz” e “escuridão”; que um cidadão de Munique chame cerveja de “cerveja”, enquanto outro use a mesma palavra para falar de água: nisto é que importaria o surpreendente costume usado regularmente pelos antigos egípcios em sua linguagem. (...) Em vista destes e de muitos casos similares de significação antitética está fora de dúvida que numa língua, pelo menos, havia um grande número de palavras que designavam, ao mesmo tempo, uma coisa e seu oposto. Por surpreendente que seja, estamos diante do fato e temos de reconhecê-lo”²¹⁰.

Fica, dessa assertiva, a pergunta sobre que tipo de operação mental é essa que afirma algo e seu oposto. Pendemos para o entendimento de que é o caso da potência fálica e destacaremos adiante que a questão se situa precisamente na problemática da significação. Certamente Freud considerava que, para as suas observações clínicas, não ocorria tão-somente a apresentação da designação de algo e seu oposto, mas também a designação de algo e qualquer outra coisa que não a primeiramente designada. No entanto, no caso desse artigo, ele frisa ser enigmático que uma civilização com tamanho desenvolvimento, tal como foi a egípcia, utilizasse o recurso de dar um só e mesmo substrato fonético às idéias mais antagônicas e de condensar em uma só representação idéias que se excluem reciprocamente. Apresenta, ainda, como outra característica da língua egípcia, o fato de possuir também palavras compostas nas quais dois vocábulos de significação antitética se unem de modo a formar um composto que tem a significação de apenas um de seus dois componentes. Assim, nessa língua há não só palavras significando

²⁰⁹ FREUD, S. **O duplo sentido antitético das palavras primitivas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1620.

²¹⁰ FREUD, S. **O duplo sentido antitético das palavras primitivas**, p. 1621.

igualmente “forte” ou “fraco”, “comandar” ou “obedecer”, mas também compostos com “velho-jovem”, “longe-perto”, “ligar-cortar”, “fora-dentro”, que, apesar de combinarem os extremos de diferença, significam somente “jovem”, “perto”, “ligar” e “dentro”, respectivamente. Nessas palavras compostas, conceitos contraditórios se ajustam de modo inteiramente intencional, não para produzir um terceiro conceito, mas apenas para fazer com que o composto exprima a significação de uma de suas partes contraditórias.

O sentido antitético também é encontrado nas manifestações sintomáticas, tal como é o caso de ataques em que a enferma representa, simultaneamente, o papel de dois protagonistas de sua fantasia inconsciente, fazendo em si mesma uma cena sexual violenta ao segurar sua roupa contra o corpo com uma das mãos e simultaneamente arrancá-la com a outra.²¹¹ Na correspondência entre a peculiaridade do trabalho do sonho e as descobertas realizadas pela filologia, Freud encontra uma confirmação de sua idéia acerca do caráter regressivo, arcaico, da expressão de pensamentos em sonhos. Finaliza o artigo dizendo que, na investigação psicanalítica, entenderíamos e traduziríamos melhor a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre a linguagem.²¹²

Percebendo a insistência com que o pensamento freudiano aponta para a linguagem, Lacan repensa a psicanálise à luz da lingüística estrutural de Saussure e Jakobson. São bem conhecidas as reiteraões lacanianas a respeito da autonomia do significante em relação ao significado, da falta mais completa de elo natural entre conceito e imagem acústica.

Essa é uma idéia que encontramos em estado germinal no texto *Sobre as afasias*, de 1891, no qual Freud sustenta que a palavra é uma representação complexa, correspondendo a ela um intrincado processo associativo no qual se reúnem os elementos de origem visual,

²¹¹ FREUD, S. **Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1353.

²¹² FREUD, S. **O duplo sentido antitético das palavras primitivas**, p. 1624.

acústica e cinestésica. Quanto à significação: “Uma palavra, contudo, adquire seu significado pela ligação com a “representação de objeto” [representação de coisa] pelo menos se nos limitamos à consideração dos substantivos.”²¹³ Entretanto, tal como afirmamos anteriormente, no inconsciente as representações de coisa são a matéria exclusiva desse sistema. Essa idéia se encontra mais bem delineada no texto *O inconsciente*, nos seguintes termos:

O que livremente denominamos de representação consciente do objeto pode agora ser dividido na representação de *palavra* e na representação de *coisa*; a última consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas. Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. As duas não são, como supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade; mas a representação consciente abrange a representação de coisa mais a representação da palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente é a representação de coisa apenas.²¹⁴

A palavra é fundamentalmente, portanto, o resto mnêmico da palavra ouvida; ela procede primitivamente da representação de coisa, por meio de percepções acústicas. Essa é a razão pela qual, por meio das representações de palavra, a psicanálise traduz os processos mentais em percepções.²¹⁵ Freud chega inclusive a escrever que o sistema pré-consciente tem sua origem no superinvestimento da representação de coisa com a representação de palavra que lhe corresponde. E o recalçamento propriamente dito, por sua vez, negaria à representação sua tradução em palavras. Trata-se de idéias que em *O eu e o isso* acentuam o trabalho pelo avesso do recalque. Sendo assim, no que tange à pergunta sobre como tornar consciente o inconsciente, a resposta seria: “Vinculando-se às representações verbais que

²¹³ FREUD, S. **A interpretação das afasias**, Edições 70, Lisboa. Portugal, 1977, p. 71.

²¹⁴ FREUD, S. **O inconsciente**, p. 2081.

²¹⁵ FREUD, S. **O eu e o isso**, p. 2705.

lhes são correspondentes.” E isso porque essas representações de palavras são restos de lembranças; teriam sido outrora percepções e, como resíduos mnêmicos, poderiam tornar-se conscientes outra vez. Somente algo que já foi uma percepção pode tornar-se consciente. E ainda, qualquer coisa proveniente de dentro, da esfera subjetiva, que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas, o que se torna possível mediante os traços mnêmicos.²¹⁶

O tornar consciente o inconsciente toma então uma vertente *sui generis*. Por isso, faz-se necessário, aqui, um apontamento. Consideremos o sonho, caracterizado por Freud como uma espécie de texto cifrado, cuja leitura cabe ao método analítico. Percebe-se então que, pela via da associação livre, cada signo não remete a um sentido fixo — sabemos que Freud afirmou estarem as formações do inconsciente sobredeterminadas, remetendo a uma pluralidade de significações. E tal como comenta Birman, o sentido específico de cada signo estaria na estrita dependência da combinatória com a totalidade das representações contidas no sonho, situação que define o contexto do texto cifrado. O corolário desse método de deciframento, diz Birman²¹⁷, é que o sonho já é uma interpretação.

Essa singularidade do sentido pressupõe a existência de uma relação fundante entre o sentido e a interpretação, na qual o sentido do sonho já se constitui como uma interpretação do sujeito sobre o seu próprio desejo. O deciframento do sonho visaria explicitar essa interpretação cifrada. Não sendo uma combinação de marcas-signo que demanda um código exterior para que possa ser interpretado, o escrito cifrado é, além de uma interpretação já realizada, uma combinação que se ordena por um código determinado. Nesses termos, a interpretação psicanalítica seria a tentativa para a descoberta de um código, implicando isso a explicitação de suas regras de funcionamento e de pontuação, do sentido particular articulado por esse código num contexto determinado. É isso que Freud destaca quando formula literalmente que a narrativa onírica já é uma interpretação, e que caberia ao deciframento psicanalítico a remontagem desse processo interpretativo que se encontra materializado nas imagens do sonho.²¹⁸

²¹⁶ FREUD, loc. cit.

²¹⁷ BIRMAN, J. **Ensaio de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 105.

²¹⁸ Ibid., J., p. 106.

Pois bem, dissemos que a psicanálise opera pelo avesso do processo de recalque porque este transforma pensamentos absolutamente apreensíveis pela consciência e articuláveis pelas palavras em imagem sensorial, e, no inconsciente, teríamos assim somente as representações de coisa. Mas, nesse sentido, o que dizer acerca do recalque originário?

Primeiramente, é preciso não confundir o recalque originário com o recalado originário. Uma coisa é o recalque, processo defensivo de domínio das pulsões cujo único mecanismo é o contra-investimento, e outra é o material originalmente recalado e decorrente do primeiro. Até aqui, abordamos fundamentalmente o recalque primário, mas o que nos diz o texto freudiano acerca do recalado que forma o centro gravitacional para onde os recalques posteriores são atraídos?

O que está em jogo no recalado primário são representações que jamais receberam investimentos pelo pré-consciente. Justamente por isso, são inconscientes e dizem respeito às inscrições realizadas anteriormente à aquisição das palavras, ou seja, são representações de coisa apenas. De todo modo, apesar das poucas elaborações que Freud apresenta em torno do tema, o recalado primário parece se destacar no que Lacan retoma de Lévi-Strauss — a função classificatória primária do pensamento selvagem — e comenta no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo,

significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam.²¹⁹

Lacan se refere nessa passagem às formas elementares da constituição simbólica nos pares opositivos e corrobora com a exposição que Freud faz em *Mais além do princípio de prazer* a respeito do jogo do carretel por nós citado no Capítulo Dois.* A brincadeira do *fort-da* tinha caráter de renúncia à satisfação pulsional e, sobretudo, apontava para a origem da linguagem no par ausência-presença, marcando autonomia e distanciamento do simbólico em relação ao vivido.

Para Serge Leclaire²²⁰, trata-se, aí, das marcas, da fixação que descreve a instauração e sobretudo a persistência quase indelével da erogeneidade em um ponto do corpo. É o que Anika Lemaire comenta sobre a tese de Leclaire, segundo a qual o representante da pulsão, imaginário, portanto representação de coisa,

afunda-se no inconsciente sob o efeito do contra-vestimento de quaisquer fonemas elementares — o O e o A (do *fort-da*) são relativos a uma vivência traumática no imaginário. Mas, ao mesmo tempo, além de terem sentido inconsciente, esses fonemas nos parecem poder designar, no sistema inter-relacional da criança, o conceito de “partida” pela palavra *fort* e o conceito de “ei-la” pela palavra *da*.²²¹

O recalçamento primário, por estar na origem da linguagem, faz a separação entre o império do simbólico e o nada. Muito embora a brincadeira do *fort-da* apresente uma relação mais direta com as representações de palavra, é importante salientar que o material

²¹⁹ LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 26. (O seminário, Livro 11).

* Vide páginas 59-60.

²²⁰ LECLAIRE, S. **Psicanalisar**, São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 104.

²²¹ LEMAIRE, A. **Jacques Lacan: uma introdução**, p. 165.

do recalçado originário não tem um conteúdo particular definido. O que lhe pode ser adscrito como definido em seu conteúdo é a relação direta com o traumático.

O cerne desse assunto recai sobre as construções ali onde o recalçado originário se faz polaridade de atração para novos recalques e mais uma vez incide sobre a questão da linguagem. Já que as representações envolvidas no processo do recalçamento primário jamais chegaram à consciência, as ligações com as representações de palavras são possíveis por meio de construções.

A concepção técnica de Freud aqui é a de que as construções são parte de um dos trabalhos que o analista deve se empenhar em fazer; depois é aguardar a confirmação ou contradição dessas construções, o que ocorre por uma via inconsciente, através de sonhos, parapraxias e pela repetição na transferência. Assim, o analista faz a construção de um fragmento da história do analisante e comunica a ele; constrói então um outro fragmento a partir do novo material, lida com ele da mesma maneira e prossegue, desse modo alternado, até o fim.²²² Em *Construções em psicanálise*, temos uma distinção entre interpretação e construção:

Se nas descrições da técnica analítica se fala tão pouco sobre ‘construções’, isso se deve ao fato de que, em troca, se fala nas ‘interpretações’ e em seus efeitos. Mas acho que ‘construção’ é de longe a descrição mais apropriada. ‘Interpretação’ aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia. Trata-se de uma ‘construção’, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva...²²³

Assoun retoma a indicação freudiana segundo a qual, na construção, vemos operando uma atividade do analítico, de natureza ficcionante, destinada a dar estofa ao não-

²²² FREUD, S. **Construções em psicanálise**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 3367.

²²³ Id.

recordável. Entretanto, esse trabalho da construção é subordinado à lógica de seu objeto — no caso, o analisante, que, aliás, é o único habilitado a legitimar as construções. E a “sanção” da construção é o próprio evento do retorno do passado na cena presente — “que se produz ocasionalmente quando um surto de lembranças percebidas de modo quase alucinatório (‘ecmnésico’) volta aos próprios olhos do sujeito como que para vir confirmar em ato a veracidade da construção. É daí que a construção colhe seu ‘poder de convicção’. Se o próprio delírio tem um núcleo de verdade histórica, a construção interpretativa conjura sua tentação delirante pela ‘resposta do sujeito’”.²²⁴

Além disso, a construção tem o caráter de necessidade, como Ana Costa salienta em seu livro *Corpo e escrita*.²²⁵ A autora discorre sobre a necessidade da construção, que é baseada na compulsão à repetição, ou seja, naquilo que incide sobre o aparelho psíquico, desde o além do princípio de prazer, do fora da representação. A construção, assim, visa à inserção de representação que possa dar suporte simbólico e ampare os laços discursivos. Esse caráter de necessidade ocorre tanto para a história de um indivíduo quanto para as coletividades. Ana Costa diz ainda que o legado freudiano, no que tange à construção, propõe a abordagem de uma verdade histórica e não de uma ficção como qualquer outra. Lembra então que Freud elabora uma série de construções ao longo de sua obra, como o Édipo, o Pai da horda de *Totem e tabu* e o Moisés egípcio. Todos têm a característica comum de representar, ao mesmo tempo, a individualidade e a coletividade. É possível também perceber, nas principais construções de Freud, que a constante tematização do Pai ocupa um lugar distinto em cada uma delas. No Édipo, por exemplo, se destaca o pai rival, compondo a organização da novela familiar. O que se destaca no Pai da horda primeva é a

²²⁴ ASSOUN, P. L. *Metapsicologia freudiana*, p. 70.

²²⁵ COSTA, A. *Corpo e escrita*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.156.

referência ao *pai-corporal*, *pai-gozo*, como uma anterioridade mítica, algo que precede logicamente ao registro do pai, constituindo presença na identificação por incorporação na festividade totêmica. E, finalmente, no *Moisés*, Freud discorre sobre a descendência e a herança simbólica ligada à religião. O ponto constante em todos eles é o Pai estrangeiro, cuja corporeidade só adquire consistência uma vez morto.²²⁶ A questão do pai e sua relação com o universo simbólico será retomada mais adiante, ao pormos em debate o fantasma do *Bate-se numa criança*. Importa agora retornarmos à vinculação existente entre o recalque originário e a construção.

Como o recalcado primário jamais foi consciente, também não pôde ser vinculado às representações de palavra pré-consciente, e por isso tende a se manifestar num agir pré-simbólico, isto é, naquilo que escapa à captação pela linguagem. Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud, fazendo ligação com o que desenvolverá sobre a construção, observa a respeito da recordação:

É impossível despertar a recordação de uma classe especial de acontecimentos muito importantes, que correspondam a épocas muito antigas da infância, e vividos então sem compreensão, mas perfeitamente compreendidos e interpretados logo em seguida pelo sujeito. A decifração desse tipo de acontecimento é auxiliada principalmente pelos sonhos, e a estrutura da neurose nos força a admiti-los, podendo, ademais, comprovar que uma vez vencidas as suas resistências, o analisado não emprega contra a sua aceitação a ausência da sensação de recordar (da sensação de que algo já nos era conhecido).²²⁷

Segundo a indicação de James Strachey, citado pelo editor espanhol, essas palavras, nos conduzem ao *Caso do homem dos lobos*. Não sem razão, pois é no minucioso estudo desse caso que Freud irá traçar suas observações a respeito do recalque primário, sua

²²⁶ COSTA, A. *Corpo e escrita*, p. 158.

²²⁷ FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar*, p. 1684.

determinação por um evento traumático, e o desvelamento da interligação entre o recalque primário e o trauma, principalmente a partir da análise dos sonhos.

O recalque primário, apresentado em *História de uma neurose infantil — o caso do homem dos lobos*, se relaciona a uma experiência que Freud chama de “cena originária”. Na verdade, essa cena não foi evocada pelo paciente, no plano de suas recordações, mas foi reconstruída por Freud a partir de uma série de materiais aportados às sessões ao longo do trabalho. O elemento decisivo para a reconstrução foi o famoso sonho que o paciente teve por volta dos três ou quatro anos de idade.

Nesse sonho, o menino está em seu quarto, deitado na cama, quando vê, à sua frente, a janela que subitamente se abre. Então ele enxerga, para além do umbral, seis ou sete lobos brancos com caudas de raposa e orelhas de cachorro, empoleirados nos galhos de uma grande noqueira. Esses lobos o olham fixamente. Tudo no sonho é estático, com exceção do abrir-se da janela. O menino acorda aterrorizado e, a partir desse dia, passa a ter medo de ver alguma coisa aterradora em seus sonhos. Além disso, é a partir do sonho que o menino começa a apresentar sintomas fóbicos, cujo conteúdo é ser devorado por um lobo.²²⁸

Através de um pormenorizado trabalho “arqueológico”, Freud chega a situar a cena que o pequeno homem dos lobos teria presenciado com um ano e meio de idade, e que, sendo rechaçada automaticamente antes mesmo da divisão estrutural entre o sistema consciente e inconsciente, haveria de retornar sob a forma alucinada do sonho. Nessa cena, o que a criança viu foi a relação sexual dos pais numa peculiar posição: *more ferarum*. A cena primordial teria marcado profundamente a vida do paciente e, a partir do sonho com os lobos, adquiriu seu valor realmente traumático.

²²⁸ FREUD, S. **O caso do homem dos lobos**, p. 1954.

E ainda, ao tomarmos todo o histórico clínico apresentado, todas as minuciosas elaborações a respeito do caso, o exaustivo trabalho de conexões e reconstituições, a noção de posterioridade se faz constantemente presente, fazendo notar que o recalcado originário apenas adquire seu valor como tal a partir de uma série de eventos que se precipitam numa articulação identificatória. É que, *a posteriori*, sua significação originária decorre. Não estava dado a princípio, ou de antemão, mas constitui-se na história: as investigações sexuais infantis do pequeno homem dos lobos, a sedução da irmã mais velha, o exibicionismo para com a babá que o repudia ameaçando-o de castração, as provocações ao pai com finalidade de ser castigado, o impacto da história das sete cabritinhas..., enfim, uma gama inumerável de registros. E assim, por retroação, a partir de subsídios simbólicos, a cena originária é reavivada num sonho em que o pequeno se vê sendo visto no seu desejo; vê a si próprio no lugar da mãe e se horroriza diante dessa posição que o coloca diante da questão da castração: a janela se abre, ele desperta repentinamente de um sono e vê algo. O sonho atualiza, *a posteriori*, as marcas cujo efeito de impacto traumático não haviam ainda adquirido significação, e é por isso que o sonho também situa a cena num tempo do passado. A respeito desse evento traumático, trazido pelo sonho, Lacan comenta no seminário *Os escritos técnicos de Freud*:

... o que é que se passa durante esse período, entre três anos, um mês e quatro anos? — senão que o sujeito aprende a integrar os eventos de sua vida numa lei, num campo de significações simbólicas, num campo humano universalizante de significações. É por isso que, pelo menos, nessa data, essa neurose infantil é exatamente a mesma coisa que uma Psicanálise. Desempenha a mesma coisa que uma Psicanálise, a saber, realiza a reintegração do passado, e coloca em função nos jogos dos símbolos a própria *prägung*, que só é atingida por um jogo retroativo, *nachträglich*, escreve Freud.²²⁹

²²⁹ LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*, p. 221.

O termo *Prägung*, utilizado por Lacan para designar o evento traumático originativo, é retirado da etologia e significa “cunhagem”, vindo a enfatizar a idéia de Freud a respeito de inscrições, imagens que adquirem seu valor de impacto sobre o sujeito somente a partir da retroação do simbólico sobre tais inscrições. Quanto à cena primordial, jamais poderá ser capturada pela rememoração, e, talvez, não seja necessariamente só uma ficção. De qualquer forma, certamente não é no plano da recordação que tais cenas transcorrem:

Quero dizer, tão-somente, que essas cenas, como a do nosso sujeito, pertencentes à tão remota época infantil, com tal conteúdo e de tão extraordinária significação na história do caso, não são reproduzidas como recordações, mas haverão de ser adivinhadas — construídas — passo a passo e muito laboriosamente desde uma série de alusões e indícios. Pois bem, não sou de opinião que estas cenas tenham de ser necessariamente fantasias porque não sejam evocadas como recordações. Parece-me, por completo equivalente a uma recordação o fato de que sejam substituídas — como no caso apresentado — por sonhos cuja análise nos conduz regularmente à mesma cena; e que reproduzem, transformando-os infatigavelmente, todos e cada um dos fragmentos do conteúdo da mesma. O sonhar é também um recordar, ainda que sob as condições do estado de repouso e da produção onírica. Por este retorno nos sonhos, quero dizer que no próprio paciente se forme uma firme convicção que não cede em absoluto àquela fundada na recordação.²³⁰

O material desse recalamento fez-se acessível à experiência através dos derivados do inconsciente que orientaram a investigação no sentido de postular profantomas (a sedução, a cena primária e a castração). Tais profantomas não são fruto da evocação, cuja matriz seria a rememoração, mas da construção.

O texto *Construções em psicanálise* expressa a complexidade de tais idéias de modo bem mais amplo. Freud ali observa que, toda vez que um neurótico é levado, por um estado de angústia, a esperar a ocorrência de algum acontecimento terrível, está simplesmente sob

²³⁰ FREUD, S. **O caso do homem dos lobos**, p. 1967.

a influência de uma lembrança recalçada de que algo que era, naquela ocasião, aterrorizante, realmente aconteceu. Em seguida Freud acrescenta que adquiriríamos um conhecimento valioso a partir de um trabalho desse tipo com psicóticos, mesmo que não conduzisse a nenhum sucesso terapêutico. A experiência leva-o a fazer uma analogia:

Os delírios dos pacientes parecem-me ser o equivalente das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico — tentativas de explicação e de cura, embora seja verdade que estas, sob as condições de uma psicose, não podem fazer mais do que substituir o fragmento de realidade que está sendo rejeitado no passado remoto. Será tarefa de cada investigação individual revelar as conexões íntimas existentes entre o material da rejeição atual e o do recalque original. Tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que insere no lugar da realidade rejeitada.²³¹

Repetimos então essa frase lapidar — “Será tarefa de cada investigação individual revelar as conexões íntimas existentes entre o material da rejeição atual e o do recalque original” — para colocar de perto a tematização freudiana a propósito do recalque primário e as construções. Podemos notar nessa passagem que a rejeição diz respeito à castração e, da perspectiva mais primitiva, está situada naquilo que abordamos do texto *A negação* como o que foi expulso pelo eu e funda o que está fora da representação. É interessante também notar que, na citação, a analogia estabelece, entre a produção delirante da psicose e a construção, uma importante relação entre a análise dos sonhos e a transferência. Os sonhos mais diretamente relacionados ao traumático despertam o sujeito na angústia, trazendo repetidamente a mesma cena, e auxiliam nas construções. A análise poderá, desse modo, reconstruir não o encadeamento dos fatos, mas o sentido deles. Aqui fundamentalmente encontramos a realidade da fantasia inconsciente ou fantasma.

²³¹ FREUD, S. *Construções em psicanálise*, p. 3373.

Do ponto de vista clínico, poderíamos dizer que ali onde o recalque primário é pólo de atração para o não-saber, a psicanálise propõe a construção do fantasma. E essa construção não é da mesma ordem que o saber recalcado, que é lido, por exemplo, no hieróglifo onírico. Em *Construções em psicanálise*, Freud ressalta que, muito embora as construções possam ter a estrutura do delírio, não deixam de ter, para o analisante, o mesmo valor de verdade que a lembrança. A essência do delírio é a de que não somente a loucura tem método, tal como os poetas já ressaltaram, mas também um fragmento rechaçado de *verdade histórica* — um resto fora do simbólico, que retorna todas as noites nas realizações alucinatórias de desejos.

Pois bem, aquilo que do inconsciente busca manifestar-se forçando o acesso à consciência — e de que o eu, procurando evitar o desprazer, se evade —, são os derivados do inconsciente. Esses derivados são o resultado da negação operada no recalque primário. Assim, aquilo que foi recalcado num primeiro tempo tende novamente a emergir sob a forma espalhada das ramificações e então é submetido a um recalque secundário, que novamente pode apresentar-se sob aspectos opostos ao recalque:

Nem sequer é certo que o recalque mantém afastadas da consciência todas as ramificações do primitivamente recalcado. Quando tais ramificações distanciam-se suficientemente da representação recalçada, seja por deformação, seja pelo número de elementos interpolados, encontram então acesso livre à consciência. Isso ocorre como se a resistência do consciente contra as mencionadas ramificações estivesse na função de sua distância do recalque primário.²³²

O recalque primário, operacionalizando a fixação da representação, constitui-se como o núcleo das ramificações que tomam um enredamento de uma lógica própria às

²³² FREUD, S. **O recalque**, p. 2055.

operações do inconsciente ao final do complexo de Édipo. O próprio Édipo seria, por assim dizer, uma interpretação ao recalcado originário.

Na clínica freudiana, o fantasma foi recorrentemente abordado como resultado do processo do analisante defrontar-se com o seu auto-erotismo, sua relação à satisfação pulsional e elaborá-los. Além disso, Freud usou o termo “elaborar”, *durcharbeiten*, para o trabalho de tornar conscientes e superadas as resistências. Uma vez que notou estarem as resistências emprestando expressão à compulsão à repetição, relacionou-a com os sonhos que trazem repetidamente o traumático e concluiu que esse material subsidia a dinâmica de toda neurose sob transferência. Aquilo que escapa à lembrança e às palavras, o inconsciente coloca em destaque pela via da repetição. Destarte, o fantasma apresenta a dimensão de se encontrar incrustado e mudo na realidade da vida de vigília, das ações cotidianas, entre a percepção e a consciência. A partir disso, a teorização incidiu sobre o procedimento do inconsciente de cifrar o trauma e a pulsão, e seus correlatos clínicos, o fantasma e a angústia.

O fantasma e a angústia dizem respeito à fronteira com o fora da representação; o primeiro reporta-se a articulação simbólica derradeira que aborda o traumático — tal como apontamos com a discussão em torno do conteúdo do recalco originário — e o afeto de angústia que, estremecendo o corpo, é repetição que antecipa vivamente a falta do objeto. Temos aqui, mais uma vez, a referência aos dois representantes pulsionais, a idéia e o afeto, respectivamente.

A psicanálise constata o fundamento simbólico da produção fantasmática, que fornece contorno à realidade psíquica e à fabricação da história de cada um após o complexo de Édipo. E no que tange ao complexo de Édipo, para retroagirmos ao nosso Capítulo Um, poderíamos agora afirmar então ser o Édipo uma interpretação ao

recalcamento originário. O complexo de castração e de Édipo definem uma posição particular da criança em relação à identificação, ao sexo e ao objeto de desejo, portanto. Ambos determinam algumas balizas essenciais, pelas quais o sujeito se orientará de modo a delinear suas escolhas e engendrar seu destino.

Lacan diz, no seminário da *Angústia*, que o fantasma adquire o valor significante da entrada do sujeito na cadeia indefinida de significações que se chama destino²³³, e que esse fantasma está referido à entrada da criança no universo do significante. É que a psicanálise veio também a revelar o originário incluso na fantasia de espancamento, apresentada por Freud em *Bate-se numa criança*: “É surpreendente a frequência com que as pessoas que procuram um tratamento analítico para a histeria ou uma neurose obsessiva, confessam haver-se abandonado à fantasia: ‘Uma criança é espancada.’”²³⁴

Nos casos analisados, o relato de cenas violentas, fantasias recorrentes cujo cerne se constitui numa cena na qual uma criança está sendo espancada, leva Freud a hipotetizar que a criança em questão era, no final das contas, o próprio autor da fantasia.²³⁵ No relato de uma cena que descreve um algoz indeterminado e uma vítima anônima, a clínica descobre que, para além desse resultado da censura, é a relação da criança com o pai amado que está em questão. E a fantasia de flagelação advém da ambivalência de sentimentos em relação ao pai, fruto da culpa pelo desejo incestuoso que sucumbe ao recalcamento. A culpa é sempre fator que transforma o sadismo em masoquismo.²³⁶ Tal como já assinalamos no Capítulo Dois²³⁷, trata-se, aqui, da tese segundo a qual o masoquismo primário é relativo ao tempo em que se formou a fusão entre a pulsão de morte e Eros, amálgama entre o fora da

²³³ LACAN, J. *A angústia*, p. 56.

²³⁴ FREUD, S. *Bate-se numa criança*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2465.

²³⁵ *Ibid.*, p. 2469.

²³⁶ *Ibid.*, p. 2471.

²³⁷ Vide capítulo II, p. 77-78.

representação e o significante. O fantasma masoquista se expressa, por assim dizer, na relação entre o afeto de angústia e o enredo constituído pelo encadeamento de imagens que formam uma cena própria de cada fase: “O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da primitiva organização oral; o desejo de ser maltratado pelo pai, da fase sádico-anal imediatamente posterior; a fase fálica da organização introduz, no conteúdo das fantasias masoquistas, a castração”²³⁸.

Uma criança está sendo espancada; Ein Kind wird geschlagen: eis aqui a concepção segundo a qual a relação originária do sujeito com a representação passa pela dor, o marco inaugural maciço no qual todos os falantes se encontram. No fundo, diz Lacan, é a dor de ser — apontada por Freud como resíduo extremo da ligação entre a pulsão e o desejo, entre pulsão de morte e Eros²³⁹. O *Bate-se numa criança* concerne à entrada na satisfação fálica, à emergência da *Vorstellung* pivô, em torno do qual gira a dialética de todo o complexo de Édipo. Lacan afirma que, mais do que o pai que espancava, além desse pai, o que está em questão nessa fantasia é o significante, que tem a função de significar o conjunto dos significantes, autorizá-lo a existir²⁴⁰. Para Lacan, o falo entra em jogo no sistema das representações a partir do momento em que o sujeito tem que simbolizar, em oposição ao significante, o significado como tal, isto é, a significação; em outros termos, o significante do significado é o falo. É um paradoxo como o de Russell, porque na *Lógica do fantasma* Lacan lança o seguinte axioma: “nenhum significante pode significar a si mesmo.”²⁴¹

²³⁸ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo**, p. 2755.

²³⁹ LACAN, J. **As formações do inconsciente**, p. 255.

²⁴⁰ *Ibid.*, J. p. 248.

²⁴¹ LACAN, J. **A lógica do fantasma**, p. 3.

O fantasma não tem nenhum outro papel senão o de um axioma e é necessário tomar isso tão literalmente quanto possível.²⁴² Tal como em um sistema lógico, um axioma é aquilo a partir do qual se pode extrair verdade ou falsidade das proposições. Um axioma é uma frase de valor indiscutível, assim como no fantasma de *Bate-se numa criança*: eis aqui uma significação irrestrita, reduzida a uma frase que resiste a ser inserida no discurso do inconsciente e que é suporte do desejo. Na fobia este é prevenido; na histeria, insatisfeito; na obsessão, impossível. O fantasma originário está aqui articulado numa frase, numa gramática, que, além de afirmar a verdade da dor no sintoma, afirma a entrada da representação na carne para engendrar o desejo. E é por isso que Lacan, em *Função da fala e campo da linguagem*, diz que a linguagem não é imaterial. “É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente da urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento.”²⁴³

Resulta pois, do complexo de Édipo, a Lei do universo simbólico, abordada por Freud em *Totem e tabu* e comentada por Lacan:

Se Freud insistiu a tal ponto no Complexo de Édipo, que chegou a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a Lei está ali *ab origine*. Não se trata, por conseguinte, de se colocar a questão das origens — a Lei está justamente ali desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio dela. Essa lei fundamental é simplesmente a Lei de simbolização. É isso que o Édipo quer dizer.²⁴⁴

²⁴² Ibid., p. 94.

²⁴³ LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem**, p. 302.

²⁴⁴ LACAN, J. **As psicoses**, p. 100.

No que concerne ao eixo das nossas investigações sobre o falo e a castração, para onde essa citação nos conduz? Retornemos, pois, ao nosso Capítulo Um²⁴⁵, quando assinalávamos que uma das questões fundamentais que Freud buscava resolver era a referência simbólica derradeira, em função da qual o inconsciente procede por deslocamento e condensação. Dissemos inclusive, naquela ocasião, que o estatuto da significação tem para a psicanálise uma importância crucial, já que perpassa tanto a sua teoria quanto a sua técnica, pondo em cheque o procedimento analítico, que deve se distanciar da sugestão. É buscando dar conta desses interrogantes que Freud faz girar em torno do complexo nuclear das neuroses a premissa do falo. Ocorre que Freud não podia postular um sistema de significações prévias à fala dos analisandos ou criar uma metalinguagem sem incorrer nas sérias críticas já feitas ao procedimento por sugestão.

A sugestão apóia sua técnica na utilização de palavras e no encantamento das imagens, estando o seu poder de alcance adscrito ao enlace amoroso. Freud se interessa por isso e conclui que a sugestão não está restrita à hipnose, mas atua em múltiplos setores, fazendo-se viável por meio de uma inclinação absolutamente espontânea nos humanos para serem sugestionados. No Capítulo Quatro de *Psicologia das massas e análise do eu*, o foco da discussão é colocado nas alterações psíquicas que a massa impõe ao indivíduo, tais como a exacerbação da afetividade, a coerção intelectual e a submissão a um líder. Aqui, a submissão se faz não por imposição, mas revela a atemporalidade do inconsciente, inclusive abordado pelo mito da horda primeva e pela sujeição ao pai totêmico. De todo modo, sob a influência sugestiva do grupo social, somos levados a crer, a imitar e a vivenciar com isso fortes emoções. A sugestionabilidade seria, assim, um fenômeno irreduzível e primitivo, um fato fundamental na vida mental do homem. O essencial é que a

²⁴⁵ Vide página 42-45.

sugestionabilidade adviria da aceitação de idéias, mais precisamente, de significações. E a base de toda essa receptividade e submissão se encontraria sob a égide do amor e do desamparo. Entretanto, o pensamento freudiano interroga esse empuxo à sugestão, tanto na psicologia das massas quanto na análise do eu, e coloca-o em relação ao inconsciente:

(...) a própria sugestão, que explicava tudo, era isenta de explicação. Pensando nisso, eu repetia a velha pergunta chistosa:

Literalmente: Cristóvão carregava Cristo. Cristo sustentava o mundo inteiro. Diga-me então: onde se apoiavam os pés de Cristóvão? Agora, quando depois de cerca de trinta anos de afastamento, mais uma vez abordo o enigma da sugestão, descubro que não houve mudança na situação. Há uma exceção a ser feita a essa afirmativa, exceção que dá testemunho exatamente da influência da psicanálise.²⁴⁶

A exceção que dá testemunho da influência da psicanálise teve seu início com a mudança ocorrida em aspectos centrais relativos ao método. Em meados dos anos de 1890, a hipnose foi definitivamente deixada de lado. A passagem de uma forma de investigação baseada nos procedimentos de sugestão para a livre associação de idéias constitui a condição que o tratamento passa a fazer àquele que a ele se submete e é isso que fundamenta o trabalho propriamente “psicanalítico”. Fica assim fundada a condição sem a qual a investigação dos processos psíquicos inconscientes não ocorre, ou seja, aquilo sem o que uma psicanálise não chega a se estabelecer. Destarte, a formulação de que a experiência deve levar às últimas conseqüências o exercício da fala demarca diferenciação — não de grau, mas de natureza metodológica. Com a regra fundamental da associação livre, estaria a psicanálise isenta da sugestão? Pelo que indica o texto freudiano, precisamente o estabelecimento da regra fundamental encontra subsídios da sugestão em um fenômeno: a transferência.

²⁴⁶ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3). p. 2576.

O texto *O início do tratamento* traz algumas formulações de importância sobre essa matéria. Freud diz ali que o primeiro objetivo do trabalho é ligar o paciente à cura e ao analista; para tanto, o tempo se faz para cada um, do modo mais particular.²⁴⁷ Diz também que o principal motor da cura é o sofrimento do paciente — o desejo, portanto, de se curar. Freud então pontua a respeito da diferenciação entre o tratamento pela sugestão e o trabalho psicanalítico:

A transferência consegue por si mesma, muitas vezes suprimir os sintomas patológicos. Mas isto só ocorre provisoriamente, isto é, só enquanto ela existe. E isto tão somente, constituirá um tratamento sugestivo, nunca uma psicanálise. O tratamento só merece este nome quando a transferência empregou sua intensidade para vencer as resistências. Só então fica resolvida a enfermidade, ainda quando a transferência seja liquidada e isso deve realmente ocorrer.²⁴⁸

Pois bem, a investigação só tem direito ao distintivo de “psicanalítico” se emprega a intensidade da transferência para vencer as resistências, o que equivale a dizer, se propicia a prática da regra fundamental. Na transferência, há um aspecto de sugestão imprescindível à investigação do inconsciente: instigar o acolhimento da associação livre. Seria o único e o restante — as interpretações e as construções do analista — consequência? Possivelmente. É provável que, afora o mencionado nódulo de sugestão contido na transferência, o desprazer proporcionado pelo sintoma e o desejo de saber, por parte do paciente, venham a fundar a curiosidade. E isso, que deve ocorrer no paciente logo no início da sua psicanálise, remete-nos ao primeiro parágrafo do texto *O início do tratamento*, no qual há uma comparação entre uma psicanálise e o jogo de xadrez.²⁴⁹ Tal como no xadrez, sabemos do início do jogo e também do final, enquanto que todo o andamento intermediário fica

²⁴⁷ FREUD, S. **O início do tratamento**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2). p. 1672.

²⁴⁸ FREUD, S. **O início do tratamento**, p. 1674.

²⁴⁹ Ibid., p. 1661.

baseado na particularidade de cada jogo; sem esquecermos, é claro, que esse desenrolar intermediário transcorre na dependência de como se deu a abertura.

Quanto ao fim, é preciso: um xeque-mate no rei. Rei, no sentido em que Freud caracteriza o Eu como numa monarquia constitucional: reina, mas não governa²⁵⁰. Rei também no sentido do ideal, apresentado no texto *O narcisismo: His Majesty, the Baby*²⁵¹. Mas qual a conexão entre esse narcisismo que ora invocamos e a experiência simbólica em torno do binômio falo-castração?

Dissemos, no Capítulo Um, que o falo, na obra freudiana, tem estatuto de objeto simbólico — um elemento simbólico que se ergue diante de uma ausência que suscita angústia. Para colocar essa idéia rente ao texto, evocamos *A cabeça da Medusa*, que paralisa de terror e, no entanto, “confirma a regra técnica segundo a qual a multiplicação dos símbolos fálicos significa a castração.”²⁵² Na análise, a castração concerne a um acontecimento que está posto na mais íntima relação com a fala: descreve a afinidade do analisante com aquilo que ele afirma e que lhe causa angústia. Assim, a experiência o situa num acontecimento que fala da relação com o significante e com o afeto. Esse acontecimento põe, diante do analisante, uma iniludível decisão em relação ao saber: recalcar ou pôr em palavras o que o inconsciente aproxima dele. Se a via for a do inconsciente, haverá de vasculhar dentro da angústia, abordando a proximidade da pulsão; se a via for a do recalque, o inconsciente se fará expresso no sintoma.

Estamos, aqui, diante das questões postas em relação ao Édipo e às identificações, porque estas, entre outras coisas, constituem a garantia da não-perda do objeto para o isso.

²⁵⁰ FREUD, S. **O eu e o isso**, p. 2727.

²⁵¹ FREUD, S. **O narcisismo**, p. 2027.

²⁵² FREUD, S. **A cabeça da Medusa**, p. 2696.

E, como sabemos, para o eu, é de fundamental importância se manter como objeto libidinal do isso.

A clínica freudiana ensina que a questão do objeto no plano simbólico é trazida pelo complexo de castração, que se fundamenta no real pela diferença anatômica entre os sexos. Freud constatou que os neuróticos interpretam a diferença inserindo aí uma boa dose de imaginário. Assim, encharcado de sentido, o menino tem suficiente razão para responder como um ameaçado e a menina, complexada de inveja. A fase genital infantil, como vimos, é fálica, pois parte da premissa da presença ubíqua do falo, e a ausência é então manejada em função dessa premissa narcísica. A partir de um enigma a ser posto no registro simbólico, qual seja, a questão da diferença, que levaria a uma destituição narcísica, o neurótico responde com um juízo de valor: fálico ou castrado. Trata-se de uma resposta dada em função de uma série de perdas prévias, que a relação falo-castração faz significar. Desse modo, o complexo de castração se torna inconsciente. O inconsciente procede impulsionado pela falta e, fundamentalmente fálico, põe como absolutamente possível o encontro incestuoso, um gozo mais além do princípio de prazer.

O Édipo da neurose de transferência, o Édipo posto na ordem da fala demarca um tempo *sui generis* — aquele que transcorre nos termos de uma atemporalidade do inconsciente; não se dá e se dá nos moldes de um passado que se foi, cuja origem Freud descobriu. Essa origem, entendida como *causa ante*, é um falso problema porque é a clínica que fornece os elementos essenciais para o desvelamento da dimensão repetitiva. A castração se relaciona ao tempo e demarca a questão do fálico. É preciso situar essa idéia no contexto da ordem simbólica. Quanto a isso, Lacan sinaliza que não é o caso, em absoluto, de um falo real, à medida que, como real, pode ou não existir.

... trata-se de um falo simbólico, na medida em que é da sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal. Com efeito, tudo o que se pode transmitir na troca simbólica é sempre alguma coisa que é tanto ausência quanto presença. Ele é feito para essa alternância fundamental, que faz com que, tendo aparecido num ponto, desapareça para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando para trás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem. Em outras palavras ainda, o falo em questão — nós o reconhecemos desde logo — é um objeto simbólico.²⁵³

Mas qual é, então, a relação entre o falo e o objeto perdido? O falo é o representante dessa perda e põe o universo simbólico em movimento. Esse representante, originariamente recalçado, forma o núcleo do inconsciente. E muito embora o recalçamento primário esteja na origem da linguagem, como vimos, as representações aí envolvidas não são de palavras. Parece que o recalque primário faz reduplicar a representação no seguinte sentido: quando dizemos que o contra-vestimento é seu único mecanismo, estamos também afirmando que algo fica presentificado naquilo que se constitui como eu, na exata medida em que fixa a representação à pulsão no inconsciente; trata-se, aqui, de uma apresentação simultânea da mesma coisa, representada sob forma diferente em dois registros distintos — ligação com a representação de coisa, por um lado, e com fonemas (*fort-da*), por outro, uma dupla inscrição. É desse modo que se dá a inscrição de representações elementares no inconsciente. A linguagem e o inconsciente teriam, assim, uma origem simultânea, e, aqui, a representação constitui tanto o corpo que forma uma unidade, como já afirmamos no Capítulo Um, quanto a letra. O falo, como objeto simbólico, é a representação da identidade.

Assim, o que nos revela o analisante a propósito da castração? “Que a castração não é, no final das contas, nada mais que o momento da interpretação da castração.”²⁵⁴ Que o falo tem a função de significante da falta-a-ser, que determina no sujeito a sua relação com

²⁵³ LACAN, J. **A relação de objeto**, p. 155.

²⁵⁴ LACAN, J. **A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (O seminário – Livro 10). p. 32.

o significante.²⁵⁵ A castração é simbólica e se dá em relação ao inconsciente; refere-se ainda a um certo fenômeno de falta, que muitas vezes aparece sob a forma imaginária.²⁵⁶ A castração nos remete sempre à falta. Mas o que está posto quando nos referimos a ela? O que está posto aí é a falta de um objeto. “Não se trata de pão escasso, mas do bolo a que uma rainha remeteu suas massas em tempos de fome”²⁵⁷.

Além disso, no final do artigo *Análise terminável e interminável*, no capítulo seguinte às elaborações relativas à formação de psicanalistas, Freud acentua uma dificuldade com a qual a clínica se depara na análise de ambos os sexos. e sublinha tal dificuldade com a contundente expressão “repúdio à feminilidade”²⁵⁸. Esse repúdio é suscitado pela angústia que o avanço do trabalho propicia. A posição de Freud sobre a matéria é bem conhecida e se refere a um convite à fala, à regra fundamental. Já em 1916, em uma conferência sobre a angústia, a articulação significativa é posta de modo exemplar: Freud descreve a situação de uma criança que se encontra sozinha no escuro e faz um pedido à tia, que está no aposento ao lado: “Tia, diz-me alguma coisa, pois tenho medo”. A tia pergunta: “Mas de que serve te falar, se de todo modo não me vês?” Então a criança responde: “É que fica mais claro quando alguém fala.”²⁵⁹

Há um buraco na linguagem, que separa o significante do significado e fundamenta a relação entre a castração e o falo. Lemos no seminário *As formações do inconsciente* que “O falo entra em jogo a partir do momento em que o sujeito aborda o desejo da mãe. Esse falo é velado e permanecerá velado até o fim dos séculos, por uma razão muito simples: é um significante último na relação do significante com o significado. Com efeito, há pouca

²⁵⁵ LACAN, J. *Escritos - sobre a teoria do simbolismo de Jones*, p. 717.

²⁵⁶ LACAN, op. cit., p. 151.

²⁵⁷ LACAN J. *Outros escritos. Respostas a estudantes de filosofia*, p. 218.

²⁵⁸ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*, p. 3364.

²⁵⁹ FREUD, S. *A angústia*, p. 2376.

probabilidade de que venha a se revelar senão em sua natureza de significante, ou seja, de que venha a revelar, ele mesmo, aquilo que, como significante, significa”.²⁶⁰ Temos aqui, portanto, que toda significação é fálica, que há falta no universo simbólico e que ninguém, em última instância, é o falo ou tem o falo. Nem mesmo o Pai.

²⁶⁰ LACAN, J. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 (Oseminário – Livro 5). p. 249.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. et al. **Psicanálise: fatores sociopolíticos**. Porto: Rés, 1970.
- ASSOUN, P.-L. **Freud: a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____. **Freud e Wittgenstein**. Lisboa: Campus, 1990.
- _____. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- BACHELARD, G. **A epistemologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- BERCHERIE, P. **Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BIRMAN, J. **Ensaio de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- BOURGUIGNON, A. **O conceito de renegação em Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- BOUVERESSE, J. **Wittgenstein reads Freud**. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- CABAS, A. G. **A função do falo na loucura**. Campinas: Papyrus, 1988.
- _____. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.
- _____. **Oedipus complexus est**. Buenos Aires: Helguero, 1979.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Ética e estética da perversão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- COSTA, A. **Corpo e escrita**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Atheneu, 1981.
- FINK, B. **The lacanian subject: between language and jouissance**. Princeton, USA: Princeton University Press, 1995.
- FRANÇA, M. A. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREIRE, A. B. **Por que os planetas não falam?: o real na psicanálise e o real na ciência moderna**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREUD, S. **Los orígenes del psicoanálisis**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Estudios sobre la histeria**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Proyecto de una psicología para neurólogos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Las neuropsicosis de defensa**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Crítica de la neurosis de angustia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **La interpretación de los sueños**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Análisis fragmentario de una histeria**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 1).

_____. **Tres ensayos para una teoría sexual**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Teorías sexuales infantiles**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Los actos obsesivos y las prácticas religiosas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **El poeta y los sueños diurnos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **La novela familiar del neurótico**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Análisis de la fobia de un niño de cinco años (Caso Juanito)**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **El porvenir de la terapia psicanalítica**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Ejemplos de como los neuróticos revelan sus fantasías patógenas.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Los dos principios del funcionamiento mental.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **El doble sentido antitético de las palabras primitivas.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **La dinámica de la transferencia.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **La iniciación del tratamiento.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Recuerdo, repetición y elaboración.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Observaciones sobre el "amor de transferencia".** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Sobre las causas ocasionales de la neurosis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **La disposición a la neurosis obsesiva.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Historia de una neurosis infantil.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Tótem y tabu.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **El tema de la elección de un cofrecillo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Introducción al narcisismo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Sobre las transmutaciones de los instintos y especialmente del erotismo anal.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **Los instintos y sus destinos.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

_____. **La represión.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).

- _____. **Lo inconsciente.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Adición metapsicológica a la teoría de los sueños.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Duelo y melancolía.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Lo perecedero.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **La fijación al trauma - lo inconsciente.** Lección XVIII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Desarrollo de la libido y organizaciones sexuales.** Lección XXI. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Vías de formación de síntomas.** Lección XXIII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **La teoría de la libido y el narcisismo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **La transferencia.** Lección XXVII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **El tabú de la virgindad.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Para la prehistoria de la técnica psicoanalítica.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 2).
- _____. **Los caminos de la terapia psicoanalítica.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).
- _____. **Pegan a un niño.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).
- _____. **Lo siniestro.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).
- _____. **Mas allá del principio del placer.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).
- _____. **Psicología de las masas y análisis del "yo".** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).
- _____. **La cabeza de la Medusa.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La organización genital infantil.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Observaciones sobre la teoría y práctica de la interpretación onírica.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El “yo” y el “ello”.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Esquema del psicoanálisis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Neurosis y psicosis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La pérdida de la realidad en la neurosis y en la psicosis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La disolución del complejo de Édipo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El problema económico del masoquismo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El “block” maravilloso.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Inhibición, síntoma y angustia.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La negación.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El porvenir de una ilusión.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El malestar en la cultura.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La disección de la personalidad psíquica.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La angustia y la vida instintiva.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **La feminidad.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Aclaraciones, aplicaciones y observaciones.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El problema de la concepción del universo.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **El porqué de la guerra.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Análisis terminable e interminable.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Escisión del “yo” en el proceso de defensa.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Construcciones en psicoanálisis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

_____. **Compendio del psicoanálisis.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. (Obras completas, v. 3).

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana 1.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana 2.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O mal radical em Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud.** Tradução de: Marco Aurélio M. Mattos. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KAUFMANN, P. (Ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise.** O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KEHL, M. R. **Sobre a ética da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. **Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O Seminário, Livro 1).

_____. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O Seminário, Livro 2).

_____. **As psicoses.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O Seminário, Livro 3).

_____. **A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O Seminário, Livro 4).

_____. **As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (O Seminário, Livro 5).

_____. **A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (O Seminário, Livro 7).

- _____. **A transferência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (O Seminário, Livro 8).
- _____. **A angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (O Seminário, Livro 10).
- _____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (O Seminário, Livro 11).
- _____. **A lógica do fantasma.** Seminário inédito, transcrição de J. Nassif. (O Seminário, Livro 14).
- _____. **O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (O Seminário, Livro 17).
- _____. **Mais, ainda.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O Seminário, Livro 20).
- _____. **Os escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- LECLAIRE, S. **Psicanalisar.** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LEMAIRE, A. **Jacques Lacan: uma introdução.** Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- MASOTTA, O. **O comprovante da falta.** Campinas: Escuta, 1987.
- MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo: Perspectiva, 1998.
- NESTROVSKI, M. S. (Org.). **Catástrofe e representação: ensaios.** São Paulo: Escuta, 2000.
- PERES, U. **Mosaico de letras: ensaios de psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1998.
- POMMIER, G. **O desenlace de uma análise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ROCHA, Z. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana.** São Paulo: Escuta, 2000.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAFOUAN, M.. **A transferência e o desejo do analista.** Campinas: Papyrus, 1991.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

SLAVUTZKI, A. (Org.). **Transferências**. São Paulo: Escuta, 1991.

WOLLHEIM, R. **Sigmund Freud**. New York: Cambridge University Press, 1990.

WOLLHEIM, R.; HOPKINS, J. **Philosophical essays on Freud**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.